

Frou-Frou...



ANNO I

Nº 4

PREÇO

2\$300

THE FRONTIER



W. H. B. & C. 1880

W. H. B. & C. 1880



M.P.S.
Parc Royal

Continuamos a fruir os beneficios de uma organização systematisada com o objectivo de recebermos por todos os vapores as

ULTIMAS NOVIDADES DA MODA

expressamente escolhidas em Paris para a nossa Elegante Clientela Feminina :

VESTIDOS DE TODOS OS GENEROS

CHAPÉOS - MODELOS das grandes casas

TECIDOS DE SEDA - a maior novidade

Roupas Brancas finas, Calçados de luxo, etc.

Preços sem concorrência

PARC ROYAL A Maior e a Melhor
Casa do Brasil

Chapas Photographicas **Hauff:**

EXTRA RAPID, ULTRA RAPID, FLAVIN, ORTHO-ANTIHALO, DIAPOSITIV ROENTGEN

DROGAS "HAUFF": Metol, Hydroquinone, Glycin, Neol, sal fixador, sal viro-fixador

Apparellhos Photographicos **Contessa-Nettel**

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL

LOHNER & Co.

RIO DE JANEIRO

RUA SÃO PEDRO, 134

TELEPHONE: NORTE 4871

CAXA POSTAL 1901

Telegrammas: "RENOL"

O numero 4 na vida do homem

Quatro cousas se aperfeiçoam com a arte: a mulher prudente, a facundia no fallar, o senso natural e a graça nas cousas mundanas. De quatro cousas é prejudicial a abundancia: de mulheres, de glutões, de jogo e de palavras.

Quatro são as cousas que os homens muito desejam, sem poder alcançal-as: fartura de dinheiro, perfeição de sciencia, repouso continuo e alegria perpetua.

Quatro effeitos insaciaveis se encontram no homem: o desejo de adquirir, o mirar dos olhos, o desejo de saber e o ouvir constantemente.

Quatro cousas trazem a amisade: o beneficio, a familiaridade, a conformidade de costumes e a abundancia no fallar.

Quatro são as classes mais principaes de amigos: amigos de fortuna, amigos de mesa, amigos de fé e amigos de serviço. Os primeiros despedem-se quando se despede a fortuna; os segundos desaparecem ao levantar das mesas; os terceiros duram perpetuamente, e os ultimos duram enquanto o serviço dura.

Quatro são as cousas cuja effectuação é sempre digna de grande louvor: pedir conselho, viver do proprio trabalho, compadecer-se dos afflictos e dar esmolas.

Quatro cousas movem o homem a fazer bem: o ganho, o temor, a esperanza e o amor.

SULLY E OS CORTEZÃOS

O duque de Sully, retirado na sua casa de Villebon, depois da morte de Henrique IV, foi chamado a um Conselho de Estado, onde se apresentou, de barba comprida e trajando um vestuario, que já passara da moda.

Os novos cortezãos de Luiz XIII começaram a cochichar, quando elle entrou, rindo á socapa; porém de modo que elle os percebeu. E como a descortezia lhe fosse intoleravel, Sully disse ao rei:

— Senhor, quando o rei, vosso pae, de gloriosa memoria, me dava a honra de consultar-me sobre os negocios do Estado, não começávamos a tratar desses negocios, senão depois de terem sahido do gabinete os bôbos da côrte!

PASTA PARA DENTES

MEU CORAÇÃO

— Producto da Comp. de Perfumarias Beija-Flor —

*Para a hygiene da bocca
e conservação do esmalte dos dentes
não ha melhor.*

Preço — Tubo 2\$000 e 1\$200

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38
e rua Urugayana N. 44) RIO

J. LOPES & Cia.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes
e estrangeiras.



Loção MEU CORAÇÃO

Superior ás melhores.

O Homem que inventou a mentira

Não há a menor dúvida de que o animal humano é, por sua natureza, um animal verdadeiro, querámos dizer, um animal propenso à verdade, por natural instincto.

O homem primitivo antecipou-se a George Washington em não ser capaz de dizer uma mentira.

Para elle, o sim era sim e o não era não, e fóra d'isso não conhecia mais nada. Par ce provavel ter assim vivido feliz, com a verdade, durante milhares d'annos. Quando o recebedor das contribuições apparecia, perguntando se elle estava em casa, sua enu-ther ou sua creada ia á porta e dizia "Sim", se elle effectivamente estava, e "Não" se acontecia ter sahido. Não havia cousa mais bonita; e contudo, o homem moderno e sabiamente conhecedor do mundo, conhece, na perfeição, que também não podia haver na la mais estúpido.

Mas, um bello dia, surgiu, como por encanto, na comunidade primitiva, uma alma christã. — como se costuma dizer, — um genio, digno realmente de pertencer a tempos muito do futuro. Levado pela sobrenatural abundancia do seu intellecto, esse homem deve ter fixado olhos penetrantes na sociedade que o rodeava, e ter reconhecido que ella não ultrapassara ainda o periodo da infancia. E' de suppor que principiasse por observar mentalmente ser, na realidade, possível r sponsor a qualquer pergunta, com palavras formuladas na bocca, sem nenhuma referencia verdadeira á exactidão dos factos.

Imagnemos, por exemplo, que em certo momento, d'ão innocente como irreflectido, elle raptou a mulher do seu proximo, ou simplesmente roubou o carneiro do seu visinho. E, que de repente, descontinuo no horizonte, avançando raivoso e armado até aos dentes, esse seu visinho, succedendo, ao mesmo tempo, estar bem escondido o carneiro roubado ou a mulher raptada, conforme o caso tenha sido. E' possível ter-lhe, então, occorrido, que uma excellente maneira de se subtrahir á mais d'agradavel conversa com esse homem arrebatado e sanguisedento, cuja approximação é cada vez maior, seria a de lhe dizer que não foi aquillo que foi. E assim, quando o seu iracundo visinho avançou para elle, exclamando: "Malvado! que fizeste da minha mulher, ou do meu carneiro?" elle, fazendo um grande esforço, lixe com a sua bocca: "Ha muitos dias que não vejo tua mulher, ou teu carneiro, e nada te posso dizer de uma ou d' outro".

Ouvindo o que, o furioso visinho, qui tola a sua vida fóra costumado a ouvir unicamente a verdade e nada mais do que a verdade, sendo, por conseguinte, de todo incapaz de perceber ou d'adivinhar a existencia de uma cousa como a mentira, ficou immediatamente apaziguado e desfez-se em desculpas pelo seu engano. E grandemente alliviado, por sua parte, não resta duvida que o culpado o levou ao mais proximo botequim, a beber com ell, uma fraterna taça de hydromel; feito o que, lhe apertou ardentemente a mão, desejando-lhe a maior fortuna no seguimento das tentativas para alcançar o seu perdido thesouro.

E o homem, auctor do roubo, cominhou descansadamente para sua casa, maravilhado ao ultimo ponto com o seu descobrimento! Que cousa enorme e inconcebivel acabára elle de executar! Jun- tura uma série de circumstancias diamantinas, e separava-as, agora, em pequenas partes. Fizera não acontecer uma cousa, que tinha acontecido; e conseguira isto, não por magia, nem por alchimia nem por orações ou sacrificios aos deuses, nem com o auxilio de facas ou machados ou engenhos, nem com a ajuda de grandes exercitos de outros homens mas simples e tranquilla e effectivamente com a simples palavra da sua bocca! Causa tão admiravel não era possível perder-se. E fóra de duvida, que o nosso originario Ananias ficou tão espantado como um rapazito que se visse de repente n'este mundo, tendo cahido de um halão, ou como um porco que visse representar uma comedia em tres actos, no theatro da sua aldeia. Não podia entender semelhante cousa; estavam fóra d'elle, e muito longe d'elle, o porque e o por conseguinte de tudo, aquillo.

Mas os resultados não foram desagradaveis; e até se apresen- taram magnificos á sua vista, porque evitára recriminações, exces-

sos brutaes e, mais que certo, d'eramento de sangue; salvára por modo brando, e quasi miilagroso, ou a sua vida ou a vida do seu visinho, as quaes ambas lhe eram queridas; e, melhor do que tudo, retivera na sua posse a propriedade roubada e, ainda por cima, a confiança e a amizade do seu roubado amigo. Na realidade, era uma cousa estupenda e gloriosa! E, na primeira vez, em que, obedecendo, de novo, ao mesmo movimento são innocente como irrefletido, tornou a roubar uma mulher ou um carneiro, não viu nenhuma razão para a sua bocca não dizer palavras apropriadas a evitarem sensaborias anteriores.

E pouco e pouco, como a uma creança a quem se vão acclirando as idéas, também descobriu, que lhe era possível applicar este novo e maravilhoso methodo de aquietar visinhos irasciveis, a quasi todas as classes de negócios mundanos e até mesmo de negócios relativos ao outro mundo. De modo tal que, em brevíssimo tempo, se tornou rico e poderoso e foi visto com respeito e reverencia por todas as tribus. E é muito possível que, justamente quando tenha começado a perturbar-se com a sua grandeza, alguma vez, no estontamento d'ella, e na toldação subsequente a qualquer banquete, elle haja confidenciado a um amigo intimo ou a um svidor o terrivel segredo do seu poder, e que esse amigo ou esse servilior, tento maduramente pensado no caso, haja acabado por se lançar também na pratica da mesma arte. Assim, em pouco tempo, os povos da terra contaram, no seu seio, com dois mentirosos, em vez d'um.

Parece também concebivel que esses dois, conhecendo cada um a força do outro, se refreariam de exercer essa força um contra o outro, e que o mestre, ou o mentiroso originario, odiaria o seu discipulo com immenso e recomentado odio, chegando este, final- mente, a extremo tal, que o levou um dia a atacar Ananias Be- gunho a cutello ou a farpão, fazendo-lhe ferimentos graves. Em vingança do que, Ananias segundo deve ter sido pessoalmente recor- rer ás auctoritades, a qui m, á força de pacientes informações e de persuasivos esclarecimentos, conseguiu fazer comprehender a na- tureza da mentira e as praticas dos mentirosos. O que elle fez, decerto, na esperança de que as auctoridades furiem com que Ana- nias Primeiro fosse retalhado em postas na praça do mercado.

Mas, com grande espanto e pesar seu, as auctoritades conside- raram que a cousa era deveras phenomenal; mas que era meritória, porque dava aos homis poderes sobrenaturaes; e assim, longe de fazerem espotejar Ananias Primeiro, procederam á construcção de innumeraveis escolas, disseminadas por todo o paiz, onde a arte e pratica de mentir fossem ensinadas por aquelles mesmo Ananias, coadjuvado por numerosos e competentes auxiliares. As escolas devem ter sido construídas e Ananias deve ter tomado conta do ensino me- diante farto est penlio, e é fóra de duvida que os jornaes da época o celebraram como salvador do povo. A seu tempo, morreu, e com cer- teza o sepultaram com grande pompa, em rico monumento, com este epitapho.

AQUI JAZ TUDO QUANTO E' MORTAL DE ANANIAS O DESCO- BRIDOR DA NOBRE E ADMIRAVEL ARTE DE MENTIR

Depos do seu fallecimento, a boa obra deve ter continuado, como era de razão, sustentada por toda a especie de gente de hom entendimento e capaz de se sacrificar a si mesma, até que toda a raça humana se tornou mentirosa com um só homem. O resul- tados obtidos não precisam ser demonstrados aos homens dos nossos dias. O mentir é agora predicado universal, e chega a parecer es- pantoso, que o mundo tenha outra vez girado sobre si mesmo, sem esse bem existir. Os ossos do intelligente e primordial Ananias ha muito tempo que são pó; o seu monumento funerario arruinou-se e esqueceu; mas a civilização deve-lhe o mais profundo reconhecimen- to, tendo nós toda a confiança de que este tributo á sua memó- ria provocará algumas lagrimas de sympathy nos olhos dos mi- lhões de seres a quem elle tão de perto está ligado.

BANCO DO RIO DE JANEIRO

Teleph. N. 107 e N. 6150

RUA D'ALFANDEGA, 26

End. Telegr. "BANRJA"

Filiaes: — Miracema, Cabo Frio, Muquy e Santo Antonio do Carangola

CORRESPONDENTES EM TODAS AS PRAÇAS DO BRASIL

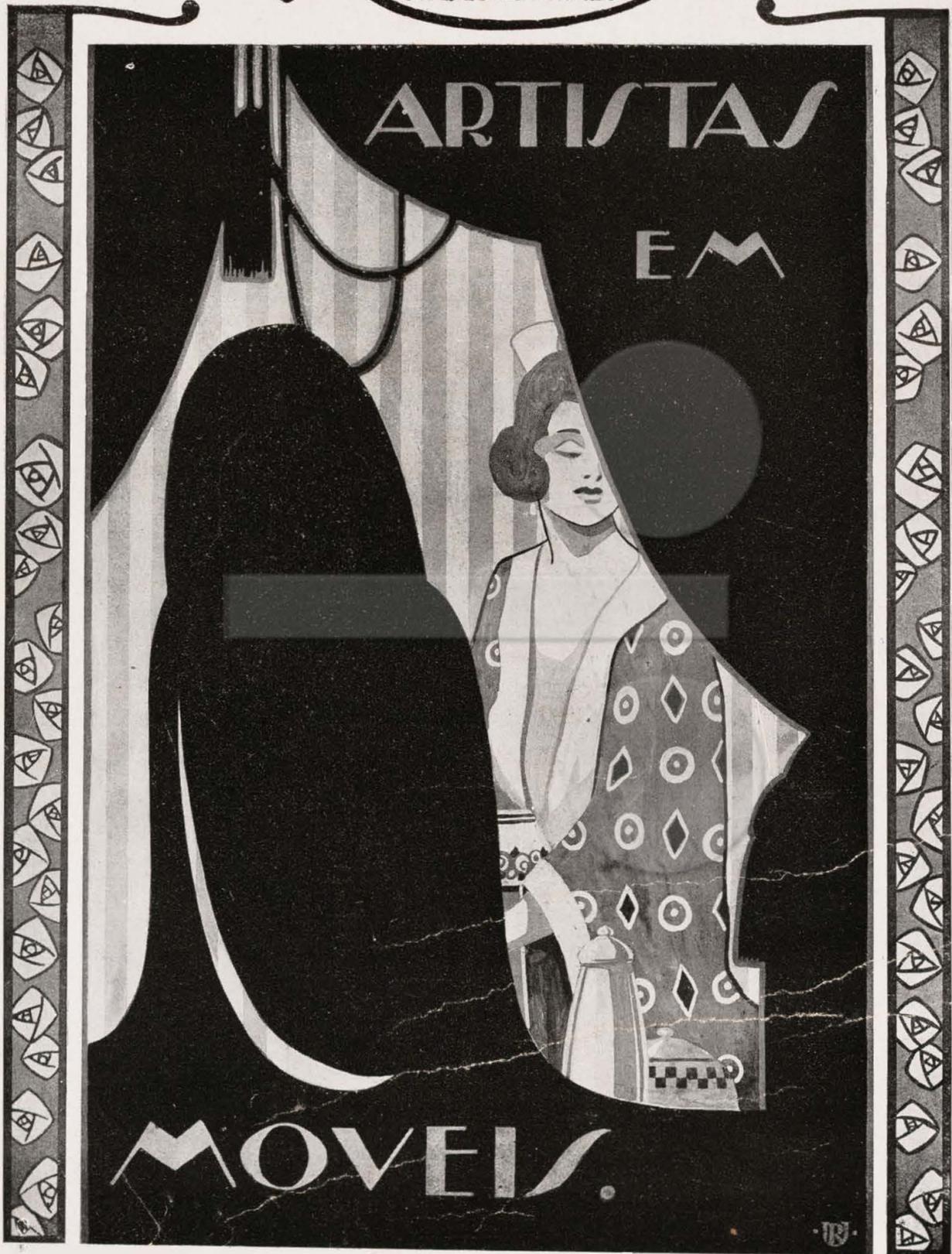
Capital autorizado — 10.000.000\$000

Tabella de Juros em c/c.

Movimento Limitada	3 %	Aviso	7 1/2 %
	5 %	Praso: 6 meses	7 1/2 %
	anno.		7 1/2 %

FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS EXCEPTUANDO CAMBIO
26, RUA D'ALFANDEGA, 26

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA



EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE APOSENTOS MOBILIADOS
A RUA SENADOR VERGUEIRO Nº 147



Frou-Frou...

ANNO I - NUM. 4

MAGAZINE MENSAL

SETEMBRO DE 1923

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Direção de ANTONIO GUIMARÃES

Preço: Rio e Estados 2\$501

Avenida Rio Branco n. 110

CORRESPONDENCIA

Numero atrasado. . . . 3\$000

RIO DE JANEIRO

a S. SANTOS & COMP.

Assignatura (um anno) 36\$000

End. Tel. FROUFROU RIO

Caixa Postal n. 572

NOTA DO MEZ

O tradicionalismo nas democracias



As democracias não são, em geral, ambientes propícios ao culto da tradição, pelo menos da tradição que lhe anda muito proxima da obra reformadora. Não é uma hostilidade; é uma defesa, porque a tradição é o mais forte poder de reacção que vibra na alma de qualquer povo, que os politicos queiram levar ao Eden social pelo cultivo de uma revolução. Por vezes essa tradição, dos homens e dos acontecimentos, parece viver latente na alma dos politicos democraticos, de qualquer das diferentes facies da democracia. Mas os factos se encarregam de desmentir as palavras, demonstrando que estas eram rasas figuras de retorica e ... nada mais.

Assistimos o anno passado, e ainda durante este anno, á apothose do mais alto momento historico do Brasil, depois da sua integralsação, pela descoberta, no mundo civilisado, a data da independencia politica do Brasil, ou melhor dito da consagração internacional do decreto libertador de 1815, foi bella e justamente exaltada nos homericos acontecimentos e nas suas figuras heroicas. Viraram-se as horas sagradas da historia; communiouse no mais ardente amor de uma patria gloriosa, em cujo altar todo o mundo veio depôr as palmas da sua admiración. Mas ainda não decorreu um anno sobre a grande data e já os homens procuram demonstrar que esse culto pelas gloriosas tradições do passado era mais uma vaidade do presente, porque se trata de demolir parte do Paço da Cidade, o theatro das mais notaveis acontecimentos que precederam e se seguiram ao grito do Ipiranga.

Salvo o devido respeito ás altas personalidades que intentam realizar essa desastrada ideia, tal demolição antolla-se-nos uma clamorosa irreverencia e uma manifesta falta de amor ás tradições historicas brasileiras. Um povo que tem tradições e não procura conserva-las na documentação viva dos seus monumentos e dos seus archivos é um povo destinado a viver só pelo momento, e nas nações, como nos individuos, a vida impulsionada apenas pelas necessidades da hora presente é uma flagrante manifestação de egoismo — e o egoismo das nações é immensamente mais nocivo do que o dos individuos. A transformação politica, que modificou em 1891 o regimen da nação brasileira, caracterizou-se, com rarissimas excepções, por um alto espirito de tolerancia pelas cousas do passado. Até o proprio imperante saiu do paiz, por imposição, natural e inadiavel, das circunstancias, cercado de respeito e chorado, talvez, por muitos daquelles a quem a felicidade da patria brasileira impunha o dever desta medida extrema. Foi um movimento revolucionario a que presidiu uma superior orientação mental, moral e politica. Para os homens que implantaram a republia no Brasil não pôde quadrar aquella observação do historiadore critico, que escreveu:

"A mentalidade revolucionaria poderá ser comparada a certos estados physiologicos uteis na vida do individuo, mas que, exaggerados, tomam uma forma pathologica nociva."

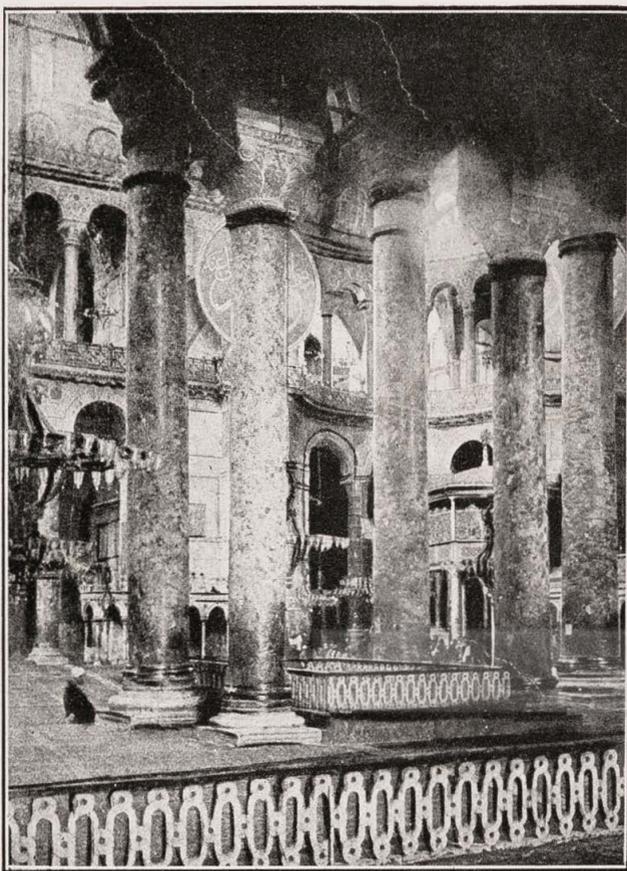
Deste modo por que quebrar este precedente no espirito de sequencia, que caracteriza, ha um seculo, a vida nacional, demolindo um dos poucos monumentos que guardam nas suas pesadas paredes a lembrança de tão gloriosos momentos historicos? Por que levar a tacs extremos este deploravel iconoclastismo pelo que é velho mas é sagrado, por isso mesmo que é velho, e na sua velhice devia merecer dos homens respeito e veneração? Dasquellas mesmas janellas que o camartelo impiedoso do progresso (?) procura demolir assistiu D. Pedro I, com o seu temperamento atrribiliario e ousado, a certas sessões do primeiro parlamento brasileiro, desafiando a colera dos patriotas com a sua presença inconveniente e provocante.

Não bastarão aos amigos do cimento armado as impiedades até hoje praticadas?

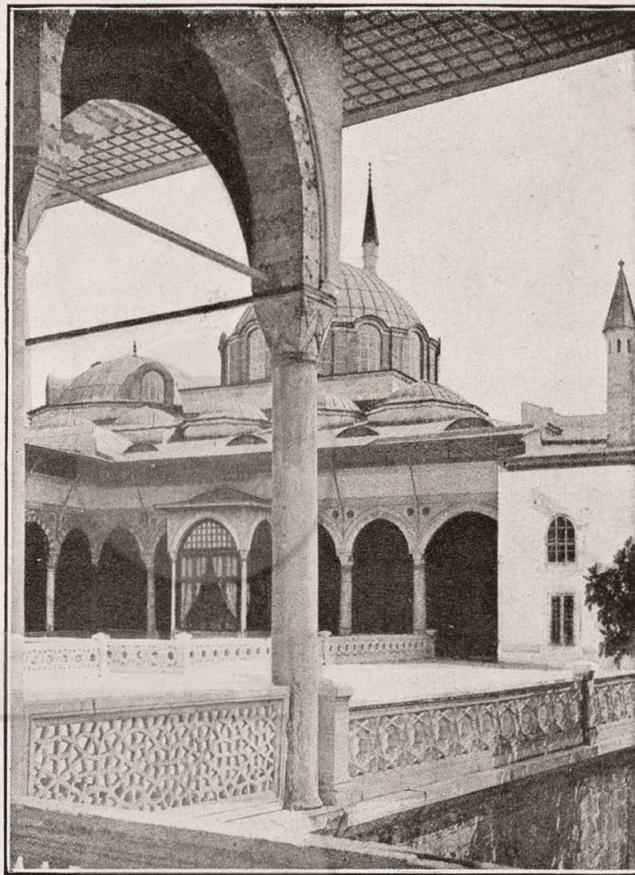


UMA JOIA QUE DESAPARECE

CONSTANTINOPLA TRANSFORMA-SE



As columnatas de Santa Sophia



Um kiosque do serralho antigo



A POLITICA é a mais descaravavel destruidora das bellasas que o homem trabalha, com amôr, no cadinho da sua alma. Os seculos amontoam essas luzes de Deus com que o homem vae tornando menos dura a barbara existencia no planeta; mas, a cada passo, o homem que as recebeu e as transmittiu ás gerações, as vae apagando no turbilhonar dos seus desejos brutaes. E' a teia de Penepole da felicidade humana.

Constantinopla, a cidade maravilhosa da côr, vem pouco a pouco morrendo, n'um desaparego triste das suas encantadoras bellasas. O espirito arrojado dos seus politicos modernistas acaba de lhe dar um golpe de morte, transferindo a capital do imperio turco para Angorá; o sultão abandonou-a, no refugio das armas inglesas, levando consigo a tradiçãõ, o amôr fetichista aos costumes, a propria alma da Turquia. Os minaretes parecem não mais refulgir ao sol. Constantinopla apaga-se. O cimento armado abafa-a.

Em que se tornará, dentro em pouco, Constantinopla? Não é sem um certo temôr que os apaixonados d'esta cidade extraordinaria, tão profundamente amada de Amicis e Loti, fazem a si mesmos esta pergunta. No presente mo-

mento é talvez difficil resolver o problema, mas tambem não é preciso ser um grande propheta para determinar, para um futuro não muito longinquo, o desaparecimento completo d'essa velha Stambul, tão original e tão curiosa. As margens do *Corno de Ouro*, com as suas casas de madeira pittorescamente inclinadas sobre a agua, transformar-se-hão, em breve tempo, em amplos caes levantados na friesa architectural das construcções de cimento armado.

Na velha Stambul, entre tantas e tão lindas cousas, a ponta do serralho deixava, para sempre, para os que um dia a visitavam, uma impressãõ inesquecivel. A velha Acropole de Bizancio, em cujo logar se foram construindo os grandes palacios imperiaes, está actualmente occupada pelas edificações do serralho antigo, cujos minusculos minaretes surgem por entre flores e arvores. Por detrás d'este edificio, que nos recorda as paginas das *Mil e uma noites*, levanta-se a molle pesada de Santa Sophia.

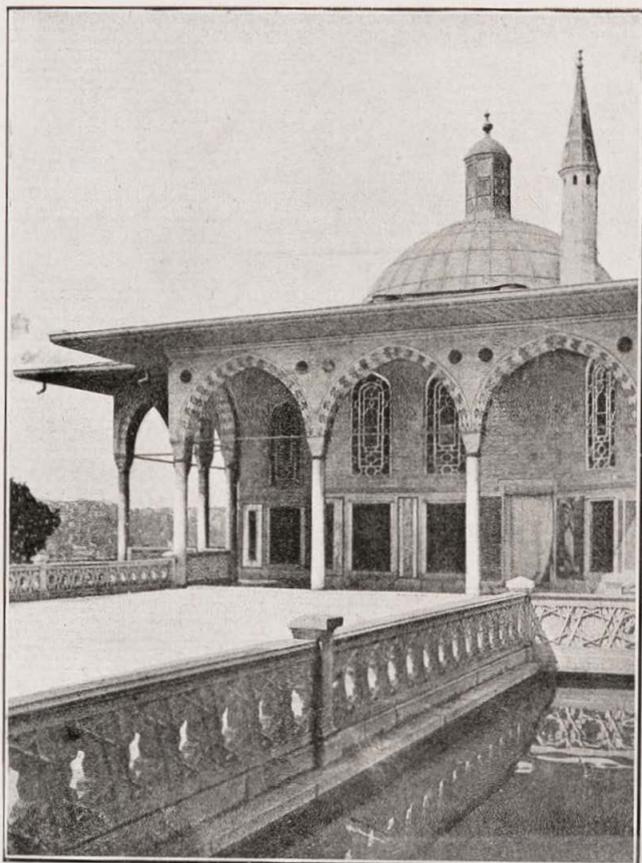
Santa Sophia! Um dia de Ramazan, depois da grande oraçãõ da tarde. Junto de cada uma d'aquellas imponentes columnas, um *iman* prega, ouvido por ferventes discipulos. Um está cercado, principalmente, de mulheres; outro tem em volta de si grande numero de soldados; em volta de um terceiro apertam-se muitos velhos de ve-



A assinatura de um sultão



Santa Sophia, á hora da oração, durante o Ramazan



O kiosque de Bagdad e o seu pateo de marmore

nerando aspecto. E, sob a cupula immensa, a voz sentimental dos pregadores ergue-se n'uma dolencia musical, cortada pelos gritos das creanças, que brincam no templo, como em sua casa, e pelo arrulhar dos pombos que lá no alto recordam que aquelle Ramazan coincide com o inicio da primavera.

Era neste mez do Ramazan que o sultão costumava descer ao serralho antigo, abandonado ha muito pelos velhos imperadores, que foram habitar um palacio mais moderno. Fazia a viagem, atravessando a bahia no seu grande e luxuoso caique e, depois de passar os jardins, ia fazer as suas orações ao manto do Propheta, venerado pelos musulmanos.

O serralho antigo, não obstante o seu abandono, ficou como um dos bens da familia imperial e quem alli entra é recebido como um hospede do sultão.

Depois de atravessarmos a primeira porta, passamos por um grande hall, que hoje é livremente aberto ao publico. Na segunda porta, é possivel penetrar tão somente com licença do sultão. Sob a cupula do salão em que entramos, imponentes panoplias, com cutelos damasnicados de ouro que nos recordam, não sem um estremecimento de pavor, que perto se encontrava o cêpo, sobre o qual rolaram tantas cabeças que tinham caído no desagrado dos poderosos do tempo. A seguir encontra-se a sala do conselho, toda ella esculpida á moda oriental, e dourada, mas que encontramos hoje n'um lamentavel abandono, a ponto de lá dentro fazerem ninho as andorinhas. Perto, a um angulo do salão, está a divisão gradeada, por onde o Padischah podia assistir ao conselho sem ser visto.

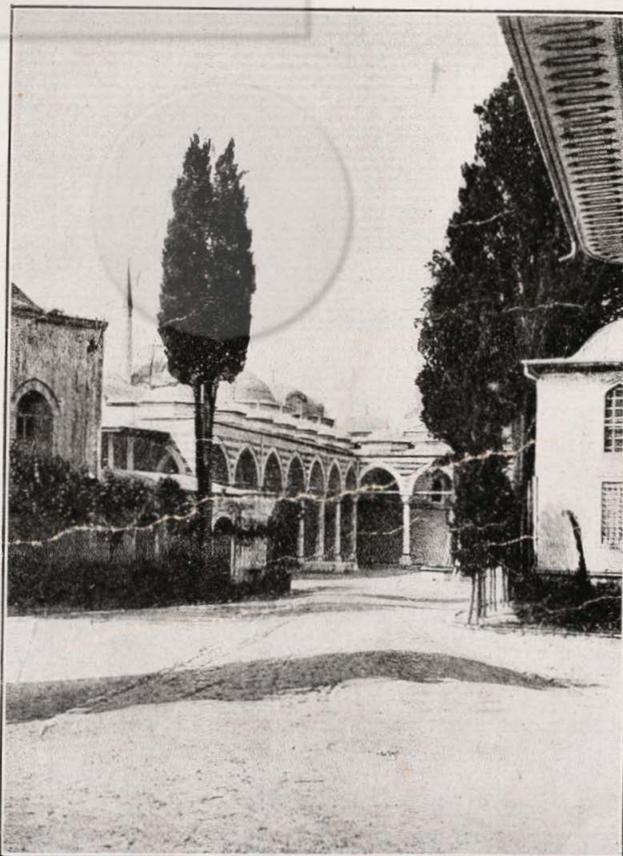
Mas esta impressão de tristeza e de ruínas desaparece, depois de termos atravessado a porta da Felicidade, entrar no segundo pateo, mais alegre, mais luminoso. Os vasos de "pensamentos" e de tulipas dão ao logar a frescura do seu colorido. Atravessamos a seguir a sala do throno, onde, antigamente o sultão recebia os embai-

xadores estrangeiros. A bibliotheca occupa uma ampla divisão no centro d'esta parte do edificio, com os seus milhares de manuscritos de inestimavel valor. Um espesso tapete oriental abafa o ruido dos passos, e dá ao aposento um ar de silencio e de repouso. E' alli que se encontra o famoso album contendo os retratos de todos os sultões do imperio, os primeiros em desenhos muito infantis, os ultimos em excellentes photographias.

Vem depois a sala do famoso thesouro, onde se guardam as maiores riquezas da familia imperial: armas ricamente esculpidas; thronos de ouro, ornados de pedras preciosas; joias, diademas. Todas estas riquezas foram cuidadosamente encaixotadas e postas em logar seguro, durante o tempo em que os francezes e os inglezes procuraram entrar, na ultima guerra, no estreito de Dardanellos. Na outra sala, finalmente, está a collecção de louças da China, em que todos os tempos estão representados, desde o barro primitivo, até aos mais ricos serviços modernos.

Mas onde nos levaria a descripção minuciosa de todo o mundo de maravilhas que contem a Constantinopla dos musulmanos? E o que será ella, em breves tempos, o que nos ficará do seu pitresco, da sua graça, da sua originalidade, quando o industrialismo grosseiro a encher de arranha-ceus?... Ficar-nos-hão talvez, sómente, as paginas illuminadas de Lotti e de Amicis para a erguer na nossa imaginação.

Com os seus minaretes dourados, as suas aguas azues, as suas construcções coloridas convida a sonhar. A terra é grande, e os homens tem muito por onde alargar o seu nervosismo de progresso, a sua arte apressada e esteril dos dias modernos. Que nos deixassem aquelle pedaço do passado, que o apego aos costumes e á tradição, que enche o coração do turco, permittiu que viesse até aos nossos dias como um museu monstro, em que se ha muito que aprender, não ha menos em que entreter a phantasia — e a vida sem phantasia é um deserto árido, em que se morre de sede de ideal.



Uma das entradas do serralho antigo



ADORAÇÃO

CLUB GYMNASICO PORTUGUEZ



Recepção em homenagem ao seu socio benemerito Snr. Teixeira Novaes, no dia em que completou 50 annos de socio desta sympathica Associação.



OCULOS E PINCE-NEZ

Para qualquer defeito da vista

Apparelhos e Artigos para Photographia

⇒ REVELAÇÃO — IMPRESSÃO — AMPLIAÇÃO ⇒

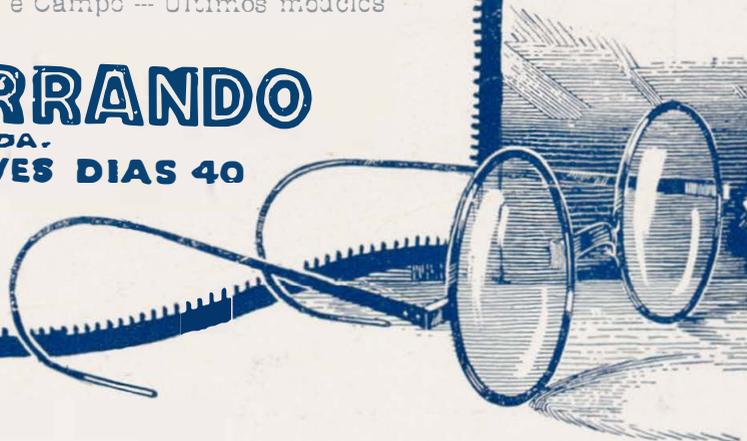
Binoculos para Theatro e Campo — Ultimos modelos

LUTZ. FERRANDO

& CIA. LDA.

RUA CONÇALVES DIAS 40

PROXIMAMENTE NO EDIFICIO PROPRIO
RUA DO OUVIDOR, 88





A ARTE na Photographia

Sem sombra de vaidade, podemos afirmar que as reproduções de arte photographica que Frou-frou... vos apresen'ta n'este numero são as mais bellas que tem apparecido em revistas no Brasil. O encanto da delicadesa feminina resalta de cada uma d'ellas, em formas variadas e interessantes. Uma é a graça de uma rosa delicada, simples, pudica, meiga; outra, a vertigem do amor na sua semi-nudeza, uma esfinge de paixão; outra, finalmente, a

faceirice, a graça ingenha, a belleza natural, sem artificio. Todas tres são obra da mão divina, que as cravou na costella do homem, e que não nos parece muito cruel, porque d'um pedaço de osso grosseiro e desnudo não é reversível saísse tanta perfeição.

Com este numero, Frou-Frou... vem acrescentar mais tres bellos exemplares de photographias artisticas com que podereis formar um album, que se chamará o "Album da Belleza feminina", e onde figurarão os mais perfeitos, os mais encantadores, os mais delicados tipos do Eterno Feminino. Quando menos, o pousar dos vossos olhos em figuras tão idealmente bellas já vos servirá de prazer n'esta vida, tão cheia de desamor, de grosseria e magua, em que as horas de felicidade são incommensuravelmente menores que as de desgostos e de contrariedades. Olhando-as, sorrireis com a Faceirice; sonhareis com a rosa de amor e sentireis... uma vertigem ao fixar o collo, meio occullo, desse bello e provocante Depois do baile.



FACEIRICE

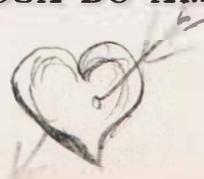


DEPOIS DO BAILE



ROSA DO AMOR

(Clichés gentilmente cedidos pela Kodak Brasileira Limitada)





NA PRAIA DO ICARAHY



KODAKS

FILMS -- CHAPAS -- MATERIAL

Revelações, copias e ampliações

Peçam o nosso catálogo ilustrado de
70 páginas - GRATIS

GRANDE SECÇÃO DE OPTICA

Exame da vis a gratis por
medico oculista

BINOCULOS ZEISS, GOERZ e VOIGTLANDER

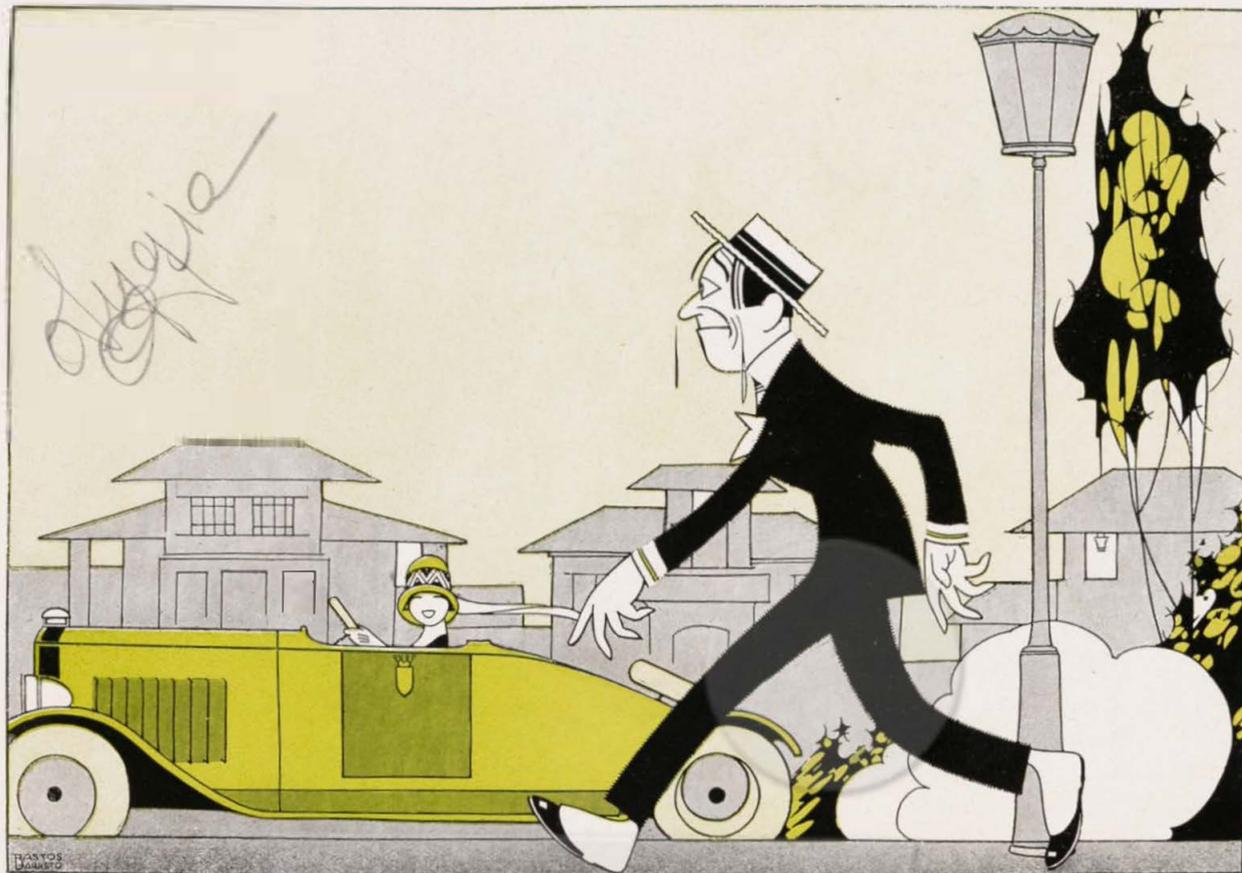
Fabricação propria de lentes

APPARELHOS DE PROJECCAO PARA
ESCOLAS E PROPAGANDA

OPTICA INGLEZA

OUVIDOR 127 OUVIDOR

8 ENTRE GONÇALVES DIAS E AVENIDA 88



ATRAZ DE UM DOTE — *Oh meu Deus! Como é dura a luta pela vida!...*

UMA OBRA DE ARTE, É UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Na política portuguesa dos princípios do século XIX, o clericalismo, ou melhor dito a diplomacia do Vaticano, interveiu claramente nos movimentos bellicos das duas facções, que se degladiaram ferozmente na terra de Portugal. A influencia da igreja Catholica foi quem deitou mais lenha na fogueira da guerra civil, em que os conventos punham Deus como defensor intransigente de uma das facções, considerando os partidarios de D. Pedro e da Carta homens que pactuavam com o diabo e eram, — "horribile dictu!" — pedreiros livres. Ainda ha menos de vinte annos era livro adoptado nos institutos catholicos de Portugal, uma "Historia ecclesiastica" em que o governo constitucional liberal era considerado um usurpador. Mas isto pouco importa ao nosso caso, nem cabe, pela sua gravidade, nas paginas leves da nossa "Frou-Frou..."

Isto vem a proposito da gravura que o leitor está vendo aqui ao lado e que é um presente que o Vaticano fez a D. João VI, quando nasceu D. Miguel. Como se vê, representa a imagem da archangelica figura, que o ritual catholico colloca como inimigo figadal do demonio. O que nos interessa de momento é a obra de arte. Trata-se de um quadro a oleo, pintura sobre cobre, com moldura de bronze e mosaico romano, trabalho que se pôde filiar na escola Bolonhesa de Guido Reni. Encima-o o escudo das quinas, sustentado por dois anjos.

Esta joia de arte pertence ao sr. Rego Barros, o illustre brasileiro que no seu palacete tão bellas obras do passado tem a ventura de reunir.



CURSO ANGELA VARGAS



O "Curso Angela Vargas" realizou a sua "Sexta hora de inverno", com aquella distincção e encanto artistico que a talentosa "disense" brasileira põe em todas as suas festas de Arte. O sr. Damasceno Vieira fallou dos poetas gaúchos e as discípulas da illustre mentora artistica encheram da sua graça, da sua belleza e da sua arte, aquella hora inolvidavel.

As festas da illustre Sra. D. Angela Vargas tiveram sempre um grande cunho de arte e de bom gosto. Espirito de eleição, a talentosa artista é um exemplo raro, no nesso meio, de tenacidade n'um ideal artistico.

Num leilão artistico, recentemente effectuado:

O leiloeiro: — Aqui tem os Srs. um Rubens legitimo: uma admiravel producção daquelle grande genio, talvez a melhor pintura, que sabiu das suas mãos! Façam favor de lançar!

Silencio geral. Ninguem oferece um vintem pelo maravilhoso quadro. Passados minutos, foi mandado recolher pelo agente. Então, o pregoeiro lança mão de outro, e diz:

— Está bem, meus senhores. Não lhes convém o Rubens. Então, agora, aqui tem um Rembrandt, pelo mesmo artista!

MOBILIARIOS ARTISTICOS
TAPEÇARIAS FINAS
DECORAÇÕES MODERNAS

TECIDOS, CORTINAS,
STORES, etc.

Visite as nossas Exposições e
confronte os nossos preços

ASA UNES

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO





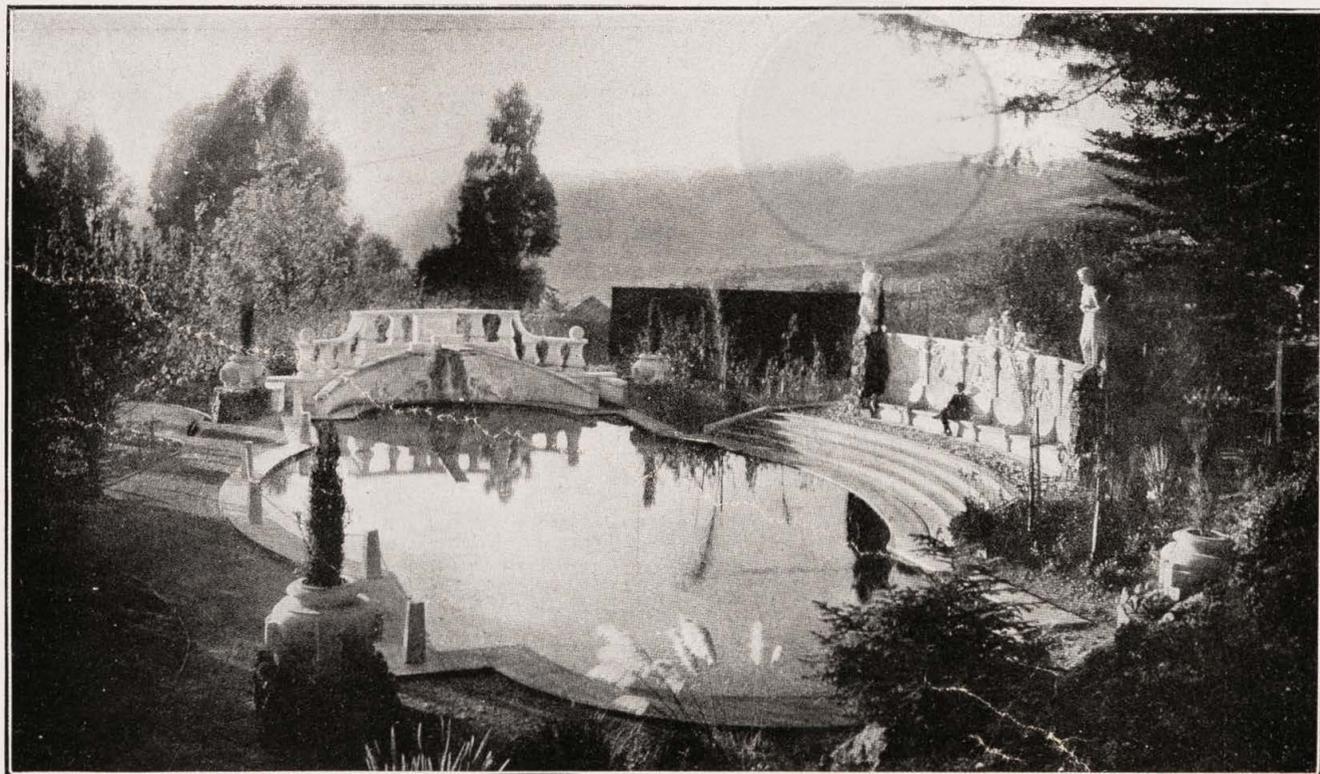
Mobiliário e decorações

O jardim é, na nossa casa, um recanto de paz e de tranquillidade. Por mais minuscuro que elle seja, quatro palmos d'uma terra limpa, poderá servir para nos dár, a par das flores precisas para o embellezamento das nossas mesas, horas do suave e calmo recreio, cuidando da vida das plantas que o enfeitam, e em cujos segredos tanto ha para aprender e para distrair. Fallar com as flores, entender-lhe a linguagem misteriosa, é como que viver um pouco longe da aspera lucta da vida, ganhando novas energias moraes.

Quem haverá, no mundo, que não goste de flores? Quem trará a alma tão escura que, ainda por instineto, as não saiba amar e cuidar? E tão grande é o bem que ellas fazem á nossa alma, que se governar os homens não fosse hoje senão um labutar infernal entre algarismos, os nossos homens publicos deveriam exigir que, junto de cada teito levantado, um pequeno jardim se erguesse, com a obrigação taxativa de ser cuidadosamente tratado.

Infelizmente, nem todos poderemos ter na nossa casa modesta um modelo de jardim á Le Notre, nem tão pouco estes encantos decorativos que aqui juntamos, como um documento da arte da jardinagem. Mas, por mais minuscuro que seja o nosso jardimzinho deve merecer os nossos cuidados, porque elle paga em dobrado o trabalho que lhe damos.

JARDINS



RECANTO POETICO



Foram-se
os
botões!

Elle — Parece incrível! Os jornaes vivem a reclamar contra a crise de habitações, e eu aqui cheio de casas vazias!



AO CONFORTAVEL

Moveis de puro estylo e phantasia

ARTE

CONFORTO

PERFEIÇÃO

Tapeçarias e Decorações

RUA 7 DE SETEMBRO N. 32

Telephone Norte 7500

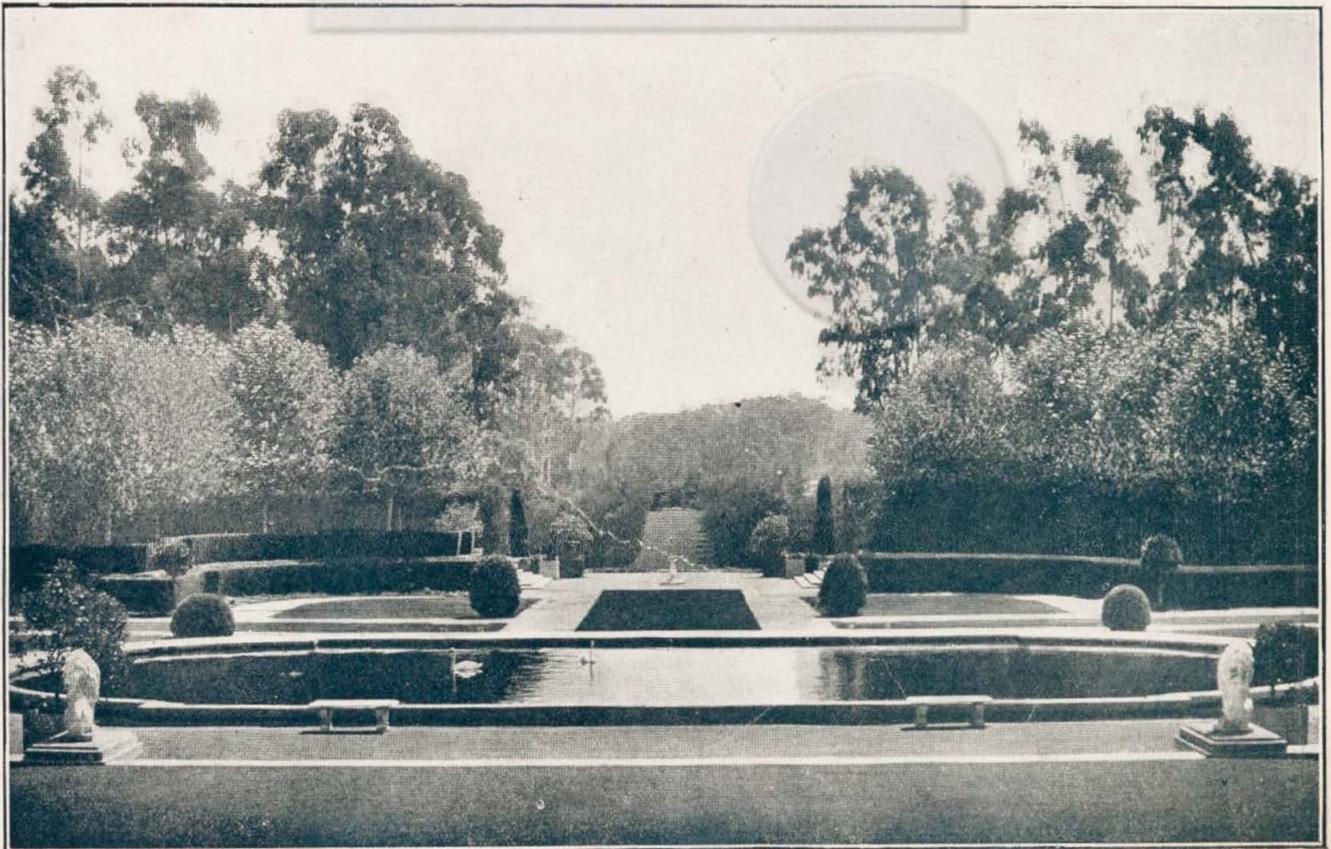
RIO DE JANEIRO



PRAÇA AFFONSO PENNA



POSANDO PARA A "FROU-FROU..."



CENTRO DE JARDIM



CONTINUAÇÃO
DO
MEZ
UMA LADRA

ERA cousa conhecida de lá muito e sabido de toda a gente: o casamento de Jeannine Hombrou com Pedro Tourat. Quando, aos domingos, Pedro era encontrado por alguém na grande estrada que liga Tourville a Neuberg, era certo ouvir-se: "Allí vae o filho do rei-deiro para a visita costumada á sua noiva."

Bom dia, amigo Pedro!... Esses esponsaes estão para breve, hein?

Calculo que pelo S. João.

Pelo S. João? Com mil demonios! Ainda quatro mezes de espera... E você com tanta pressa... hein?... Não é verdade?...

Um bocadinho...

Com certeza... É que a Jeannine é um bom bocado... E gosta de você a valer... é claro, paga-lhe na mesma moeda. O pae é que não presta. Ella é rica, mas mesmo sem dinheiro vocês gostariam, com certeza, um do outro.

O casamento de Pedro e Jeannine era, presentemente um caso aceite, pelo habito de ouvir-se fallar d'elle, mas assim não fôra a principio.

Como? perguntára-se; o sr. Tourat, o riquissimo rei-deiro de Neuberg, consente no casamento do filho com Jeannine, a filha do Hombrou, esse velho sclerado e usurario?

Realmente, aquelle casamento, hoje assente, admittido, e que se demorava em realisar por causa da pouca idade dos nubentes, tivera a principio as suas difficuldades. Tourat... "o sr. Tourat", como se dizia respeitosa-

no logar, possuindo muitas centenas de mil francos, lançou no ar, desesperado, uma gritaria infernal quando o filho lhe confessou o seu amor por Jeannine.

— Tu endouceceste!... a filha d'um usurario, d'um avarento, que toda gente injuria por ahí, e que é obrigada a trabalhar para suprir ás suas necessidades, porque o pae lhe não dá um sou!

— Eu amo-a, meu pae.

— Ah! amas! Ora ahí está uma bonita rasão.

— Se meu pae não consentir no casamento, eu morrerei...

O pobre homem exaltou-se. Gritou, ameaçou. — Não ter mais que um filho... Têr trahalhado para lhe amontoar fortuna... para afinal acabar em que?... Dando essa fortuna á filha d'um velhaco. — Mas como, apesar de tudo, Tourat adorava o filho, sendo-lhe insupportavel a ideia de que elle soffresse um desgosto, acabou por ceder. — "Está bem. Manda-me cá esse patife do Hombrou, para conversar com ella".

Hombrou veiu no dia seguinte. Velho, alquebrado, com o seu olhar falso, chegou e disse: "Mandou chamar-me, sr. Tourat? Temos por ahí algum cliente recalcitrante?..."

— Não, sr. Hombrou... Todos os meus negocios estão em dia. Não foi para tratar de negocios que o mandei chamar. — Meu filho gosta da sua filha...

— Ah! já sei, sr. Tourat... ella tambem gosta d'elle. Ah! é uma grande infelicidade para a minha filha.

— Por quê?

— Pobre pequena... Sem possuir um modesto "sou", naturalmente o sr. não consente no casamento.

Tourat exlatou-se.

— Sem um modesto "sou"? Pois o sr., especulando ha trinta annos com toda a desgraça da gente da aldeia, não teve ainda occasião de pôr de lado um pouco de dinheiro? Não acredito.

— Pela Virgem Santissima, sr. Tourat, nem um "sou"... nem um "sou". Que quêr? Tenho um bom coração. E d'ahí, quando um pobre diabo não póde pagar... não tenho coragem para o mandar prender.

Hombrou! Não acredito uma só palavra.

Mas sr. Tourat! Eu sujeitava-me a viver em uma reles mansarda, como estou vivendo, se possuísse meios para morar n'uma casa confortavel? Palavra de honra, sr. Tourat. Não pôsso dotar minha filha nem com um "sou". Pobre menina! O que ella vae soffrer por não poder casar com o homem a quem ama! E o sr. Pedro, seu filho, esse tambem vae soffrer. Ah! pobres creanças! Pobres creanças!



E Tourat voltou-lhe as costas

E o velho passou a mão pelos alhos como para enxugar uma lagrima furtiva.

Tourat ergueu os ombros.

— Não acredito uma só palavra de verdade, de tudo isso que está dizendo.

— Ah! sr. Tourat!... Peça informações. Conhece, por acaso, algum banqueiro, onde eu tenha fundos depositados? um notario que tenha registrado immoveis que a mim pertençam?

— Realmente, talvez não haja nem banqueiro, nem notario n'essas condições. Entretanto, tenho a certeza que em qualquer canto você guarda os seus sacos, peçados de escudos... Mas eu não insisto... Trata-se da felicidade de meu filho... Gosta da sua filha... Não importa que ella não traga dote... Casarão assim mesmo...

Ah! sr. Tourat!

E Hombrou adeantou a mão para um cumprimento... mas o outro reclinou: "Ah! E' preciso que você, Hombrou, fique sabendo: é certo que estamos ligados pela felicidade dos nossos filhos, mas isso não augmentará a nossa intimidade. Esta ficará como está". E Tourat, rodando nos calcanhares, voltou as costas ao usurario. Este, que ficára só na sala, teve um sorriso sarcástico em que claramente se lia, a um tempo, a alegria de têr casado a filha sem precisar dar dinheiro, e todo o seu odio e desejo de vingança pelo desdenhoso desprezo que acabavam de mostrar por elle.

*

Ha um anno e poucos meses que estavam noivos. Como Jeannine tinha

apenas desesseis annos e meio quando se contratou o casamento, ficou combinado que se esperaria que passassem os seus dezoito annos para se casarem. Os dois apaixonados levavam a vida mais deliciosa d'este mundo. Todos os dias, ao bater do meio dia, depois do almoço, Pedro seguia pela ampla estrada, que separa as duas aldeias, e Jeannine, a essa hora sem afazeres, vinha ao seu encontro. Sentavam-se na margem do caminho e conversavam, de mãos dadas, construindo os seus sonhos do futuro. Adoravam-se.

E como não havia de ser assim? Como poderia Pedro deixar de se prender á graça encantadora e natural de Jeannine, tão linda e tão carinhosa? E como deixaria Jeannine de se prender pelo amor leal d'esse bello rapaz, avidamente desejado por tantas herdeiras ricas de toda parte, e que a preferira a ella, que nao só não tinha dote, como até nem enxoval traria, e que era tao pobre que sobre o seu vestido não se enxergava nem fita nem renda, por mais modestas que fossem?

Pobre! Na realidade o era, ou assim devia ser, porque o pae a fazia trabalhar o dia inteiro, ferindo as suas mãos delicadas nos mais grosseiros misteres.

Pobre! E comtudo, muitas vezes, durante a noite, quando toda a gente devia estar dormindo, parecia-lhe escutar um extranho ruido, como quem conta peças de ouro. Que haveria n'esse misterioso quarto do ultimo andar, onde seu pae não permittiu nunca que ella entrasse? — Por um a ou duas vezes já, ella passou quando o velho ia a penetrar a li. Um pouco irritado, Hombrou procurou pretextos para a obrigar a afastar-se.

Um dia, curiosa, perguntou-lhe bruscamente: "O que o sr. occulta no quarto, onde nunca me deixa entrar, é ouro?" E Hombrou desatou a rir, com um riso diabolico:

Ouro? E' boa! Se fosse ouro, não o ia esconder. Correria a comprar joias para te enfeitar! Qual ouro! *Uma papelada antiga que estou a estudar.*

A epoca marcada para o casamento aproximava-se e nas vespas do grande dia, Pedro e Jeannine exultavam. Emfim! Depois de tanto terem esperado, iam ser um do outro para sempre.

Mas subitamente uma noticia se espalhou pela aldeia. O sr. Tourat, que de ha tempos a esta parte se tinha lançado em grandes negocios, enganado por um banqueiro de má fé, perdera quantias enormes.

Estava completamente arruinado! dizem uns.

— Ora! Ainda lhe deve ter ficado alguma cousa! accrescentavam outros.

Mas Pedro, perfeitamente a par dos negocios de seu pae, julgou do seu dever contar a verdade a Jeannine.

— Estamos absolutamente arruinados e, presentemente, só o

meu trabalho pode sustentar-me e sustentar meu pae. Era para ti um noivo rico até este momento. Podia offerrecer-te, com larguesa, tudo quanto desejassem. Hoje já assim não acontece. Unindo-te a mim, obrigar-te-hia a soffrer as mesmas privações que eu soffresse. Restituo-te a palavra dada. E's livre.

Jeannine prendeu-lhe o pescoço com os seus braços, dizendo-lhe alegremente

— Pedro, amo-te. Quando eras rico, procuraste-me, a mim, que não tinha

fortuna, hoje estamos nas mesmas condições. Casaremos, Pedro, e trabalharemos os dois. Para mim nada é de extraordinario, por que isso mesmo faço eu hoje

— E tem pae?

— Que se importa meu pae com isso, visto que eu não lhe sirvo de encargo!

E Pedro e Jeannine separaram-se felizes, satisfeitos um com o outro, convencidos, como nunca, do seu mutuo amor, dizendo tranquillamente um "até amanhã".

Jeannine referiu ao pae o que sabia da ruina de Tourat. Aguardou, tranquila, um erguer de hombros, indifferente, por parte de Hombrou. Que importaria, realmente, ao velho, que o marido da sua filha fôsse rico ou pobre?

Ao contrario, porém, Hombrou deu uma gargalhada, de contente.

— Arruinado! Tourat arruinado! Eu nunca tive duvida de que assim aconteceria. — E' o castigo por ter-me recebido insolentemente. — Ah! meu atrevidote, humilhaste-me com o teu dinheiro!... Não querias manter relações comigo! Ah! tomas attitudes de grande senhor!... Nada de intimidade entre nós, determinaste tu! — Pois bem! seja! nada de intimidade! Sou eu que me oponho agora ao casamento.

— Meu pae!...

— Oponho, sim!... E ha-de saber-se por toda a parte que fui eu quem se oppoz.

— Mas, meu pae, eu gosto do Pedro!



Sentavam-se na margem do caminho

E o que tenho eu com isso! Imaginas que essas asneiras tem peso na minha vontade. Não casarás com elle... e tenho dito!... Um idiota... arruinado... que não tem onde cair morto... e que nem sequer sabe onde irá ganhar o pão da sua vida. Não!... não casarás!

Jeannine, ao ouvir aquellas injurias para ella quasi blasphemias sentiu que o coração lhe queria saltar fóra do peito. Ergueu-se em frente ao velho e com uma voz forte, bradou: "Amo-o!... casei com elle!"

— Não casarás, já te disse... Dou-te a minha palavra de honra!... E para não te atreveres a contrariar-me, toma!

Jeannine viu a mão em direcção ao rosto e nem desviou a cabeça para evitar a bofetada. Pensava em que, naturalmente, nunca mais veria Pedro.



— "Jeannine!... Jeannine!..."

Ha algum tempo que o casamento se desmanchára. — Na aldeia o facto, depois de muito fallado, esqueceu. Pedro partira para longe, convencido de que toda a esperança d'uma mudança de opinião em Hombrou era impossível. Não tinha coragem para viver tão perto d'aquella que elle adorava e que sabia que nunca seria sua.

Jeannine, essa, parecia ter tomado qualquer resolução muito secreta. Após algumas semanas de revolta, tornara-se calma e como que resignada a soffrer, sem a menor discussão, a decisão paterna.

— Então, perguntou um dia o pae, continuas zangada comigo!

— Não, meu pae.

— Já não pensas mais no filho de Tourat?

— Não, meu pae.

— Então em que pensas tu, com esse ar misterioso que tens lá um tempo para cá?

— Ah! é cá uma ideia!...

E deitou a Hombrou um tão estranho olhar, que este se impressionaria, por certo, se uma grave preocupação o não trouxesse de ha tempo completamente alheiado. Hombrou descobrira que o roubavam.

Ha cerca de quinze dias, subindo, á noite, para conversar com o seu dinheiro, como elle costumava dizer, notára que uma pilha de péças de ouro tinha diminuído. — Teria eu contado mal? perguntou a si mesmo. No dia seguinte, subindo outra vez, desfez-se-lhe qualquer duvida: tinha desaparecido um sacco, que elle trazia cheio de moedas de cinco francos.

— Oh! maldito! oh! canalha! se te agarro!...

E Hombrou, armado com um revolver de grosso calibre, apagada a luz, refendo a respiração, ficou de sentinela á porta de baixo.

Assim ficou muitas noites seguidas. Mas como nenhum ladrão apparecia, disse consigo: "Bom. O patife ficou satisfeito com o que roubou. Não voltará." E deixou de vigiar.

Entretanto, voltou a contar outra vez o dinheiro. Tinham-lhe roubado outro sacco! Havia bruxaria, com certeza, em tudo aquillo!... E Hombrou, jurando vingarse, poz-se de novo á espreita.

Nada... ninguém... E, contudo, a cada nova contagem,

Hombrou constatava que o seu thesouro diminuia.

— Mas, se isto continua assim, eu tambem vou ficar arruinado!

E o que sobretudo o enraivecia era saber que o outro, o seu inimigo, Tourat, auxiliado providencialmente por uma mão amiga, cuja identidade elle mesmo desconhecia, tinha podido livrar-se dos seus credores e entregar-se de novo ao trabalho.

— Está vendo?... Elle vae enriquecer outra vez... e a mim... a mim dentro em pouco nada restará.

Hombrou, até alli, contentara-se em vigiar no limiar da escada, barricando portas e janellas. Tomou então um expediente mais avisado. Saiu de casa uma manhã, dizendo a toda a gente que ia para Rouen e que não estaria de volta senão no dia seguinte. Depois regressou a occultas, e mettu-se no seu cubiculo, levando consigo viveres

para dois dias, decidido a não deixar o esconderijo, sem apanhar o gatuno. — "Agora hei de te apanhar! — dizia de si para si.

Acabava de soar a meia noite. Hombrou já estava alli ha cerca de doze horas, armado, quasi immovel, á espreita... quando a porta se abriu mansamente.

Uma forma humana se desenhou no escuro. O velho ergueu a arma e fez fogo.

Um grito enorme! O ruído d'um corpo que se abate.

— Ah! canalha! Matei-te! E não tenho remorsos de o ter feito!

Acendeu a luz e aproximou-se do corpo inerte.

Foi elle, então, por sua vez, que gritou desesperado: "Jeannine!... Jeannine!..."

J. B. de T.

Os tres senhores do homem

Um dia, o Cuidado, sentado á borda de uma fonte e absorto na sua melancolia, amassava entre os dedos um pedaço de barro. Jupiter aproximou-se d'elle

— Que estás fazendo ahí, deus scismador? lhe perguntou.

— Olha, respondeu o Cuidado: com este barro, mollei uma figura. Só lhe falta a vida. Se quizeres animal-a, será o "Homem".

— Pois seja, disse Jupiter: mas com a condição de que a figura me ha de pertencer.

— Isso não é justo, respondeu o Cuidado: pois não fui eu que a fiz?

— E não sou eu que lhe dou a vida?

— Estavam nisto, quando appareceu a deusa Terra

— E eu, disse ella, não terei direito sobre esse ente formado da minha substancia?

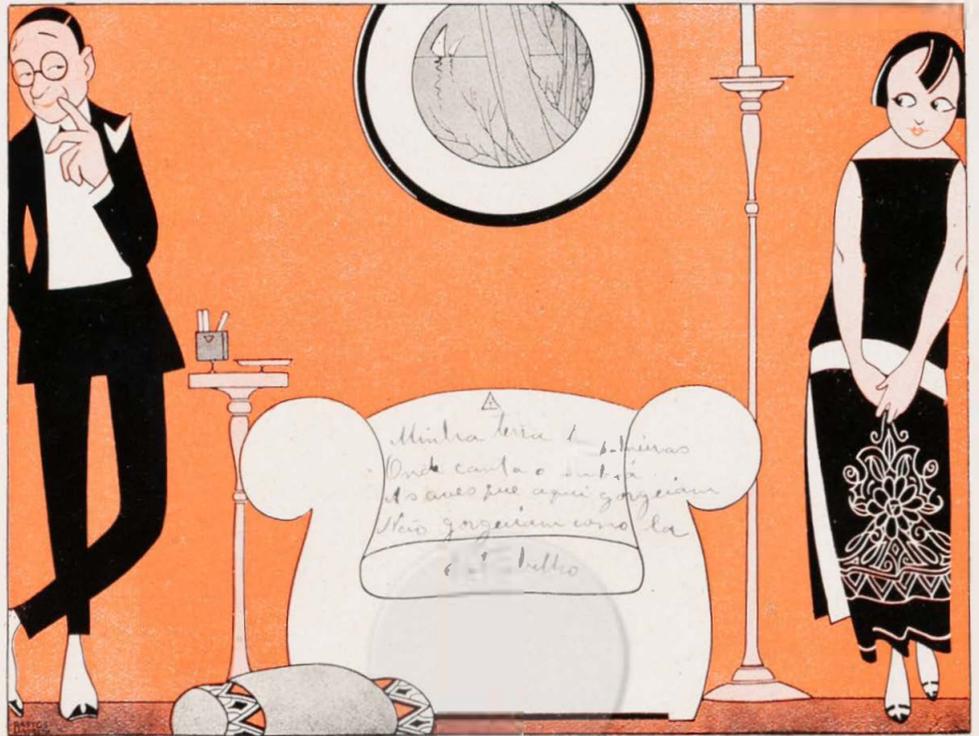
O caso tornava-se embaraçoso. Jupiter propoz que se tomasse para arbitro o velho Saturno. Este accedeu, e tal foi a sentença, que pronunciou:

— Esta figura, a que chamaes Homem, amassada em terra pelo Cuidado, e animada por Jupiter, pertencerá por igual a todos tres. Tu, Jupiter, retomarás, depois da sua morte, a alma que lhe deste, tu, Terra, voltarás a possuir a materia que serviu para formalo: mas o Homem enquanto viver, pertencerá ao Cuidado. Tal é o decreto do Destino.



Um anachronismo

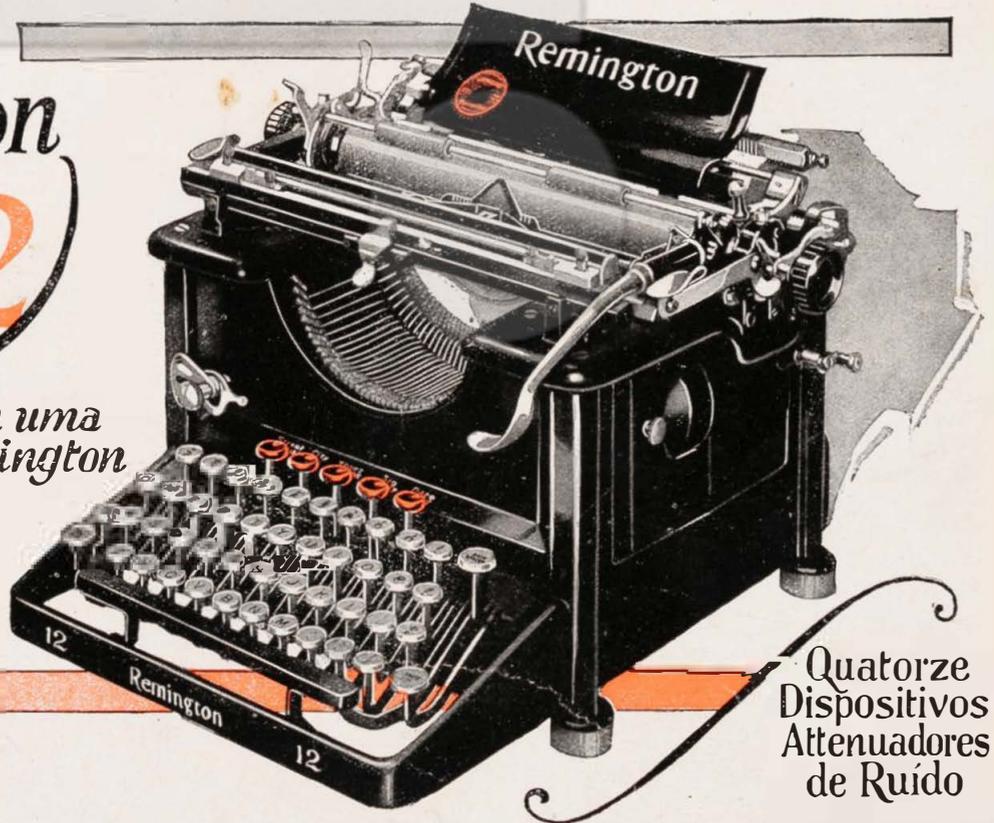
Ella — Que scena archaica,
meu Deus! Só falta uma
poesia de Casimiro de
Abreu!...



SILENCIOSA

A Nova
Remington
No. 12

Com todas e cada uma
das vantagens Remington
- mais a acção
silenciosa de que
V.S. tem sempre
sentido falta



Quatorze
Dispositivos
Attenuadores
de Ruído

Peça uma demonstração -- CASA PRATT
Ouvidor, 125 - Rio de Janeiro -- Marechal Deodoro, 4 - S. Paulo
FILIAES E AGENCIAS NOS DEMAIS ESTADOS

Jubileu de S. M. a Rainha Guilhermina

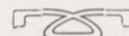


Corpo diplomatico assistindo à missa em acção de graças pelo jubileu de reinado de S. M. a rainha da Hollanda.



Mobiliario Chic

Moveis Finos e Tapeçarias,
o melhor e mais com-
pleto sortido.



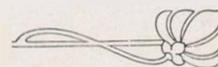
103, RUA 7 DE SETEMBRO, 103

Entre Avenida e Gonçalves Dias

TELEPHONE C. 6266



RUMO AO MAR!



Gentilíssima leitora

A primavera está ali e o mar espera o seu corpo de deusa, para o abraçar. Não lhe negue esse prazer. Em paga, dar-lhe-ia força, graça e esse tom crestado, que a espuma de prata põe nos corpos de jaspe. A sua elegante allure é imprescindível decór das nossas praias urbanas: e quebra o desagradável péle-méle social que, com repugnante attitude, tumultua por alli. Não lhe aconselhemos o manto de púrpura com que D'Annunzio caminhava para o seu banho de mar. O que é bello na arte pertence a todos: e as linhas classicas do seu corpo elegante não podem viver occultas aos nossos olhos ávidos pelas convenções da moda. E repare que, ao parar junto da orla de espuma, o mar recuará de espanto e de admiração.



. PUDOR... POR METADE!

(Instantaneo obtido na praia de Copacabana)

LIVROS

ROTEIRO DAS SAUDADES

DE

Carlos Lobo de Oliveira

Empreza Editora Camões



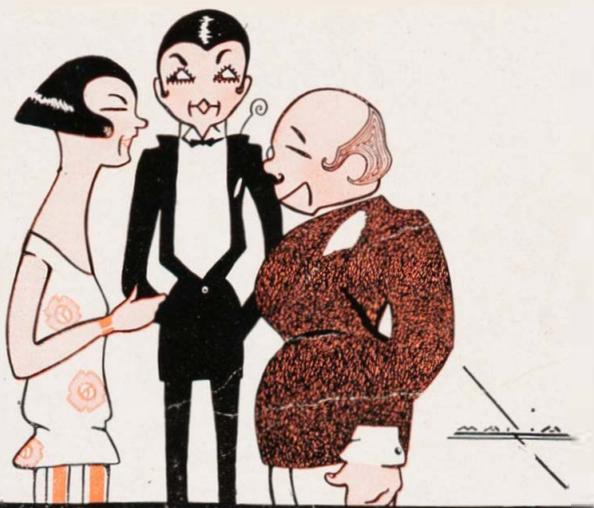
O sr. Carlos de Oliveira, um môço distinto e culto, vive longe da sua patria. D'aqui o vicejar, mais que qualquer outro sentimento, na sua alma, a flor da saudade, que elle intendeu de manifestar pela cadencia musical dos seus versos. Temos a certeza que o joven poeta se malquistaria conosco se occupassemos o offerecimento gentil do seu *Roteiro das saudades* com uma girandola de adjectivos, capazes de o pôr ao lado direito de Camões. Preferimos dizer-lhe que encontramos no seu volume alguns

versos perfeitos e inspirados, toda a manifestação d'um alto espirito, a que os annos e o trabalho darão, um dia, a technica definitiva. O seu volume lê-se sem esforço, e, ao final da sua leitura, já nos não lembramos mais dos peccados leves que elle possa conter, para sentirmos apenas uma doce e encantadora impressão artistica. E parabens.

A BELLEZA DE LUCIA

da Comedia Franceza

Lucia, a famosa artista da Comedia Franceza não attribua sómente a sua arte de representar, os extraordinarios applausos que era alvo. Dizia ella que, todas as platôas para as quaes representava, eram arrastadas nas malhas de sua belleza e pelo encanto de sua fina cutis e alvo collo. Com effeito, sua formosa epiderme causava admiração. Inquirida sobre a razão de tanta belleza a eminente artista declarou que ella lhe provinha do uso do Leite de Cera Purificado de Frank Lloyd como tonico e clarificador e do Creme de Cera Purificado também de Frank Lloyd como eliminador das impurezas e conservador da pelle. Porque, pois, as nossas patricias não se assemelham a Lucia neste particular?



ELLE -- E' verdade conselheiro: gostamo-nos muito desde meninos.

ELLA -- ...Já então brigavamos todos os dias.

FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

da afamada Fabrica

Junker & Ruh, Karlsruhe



Fogões "OTTO"

Unicos Depositarios: OTTO SCHUBACK & C.

Esmaltado de branco, ferragens nickeladas, solidas, elegantes.

Queimadores patenteados — Grande economia no consumo.

Unica casa que tem todos os sobressalentes e pessoal habilitado para lidar com os fogões.

Vende-se a dinheiro e a prestações.

Exposição permanente á Rua Theophilo Ottoni, 95 — Tel. N. 6773.

Fogões de mesa de 1, 2, 3 e 4 boccas com fornos á parte.

SANITOL O Sabonete Preferido para o banho e toilette

As lendas de Joanna D'Arc

Teria sido realmente queimada em Rouen?



EM volta da figura heroica da França, que a igreja catholica ha pouco canonisou, a lenda teveu uma teia de duvidas, que perdurarão ainda por muitos seculos, antes que a luz as desfaça, se é que algum dia isso seja possivel. Entre outras está a que affirma que Joanna D'Arc não foi queimada em Rouen pelos ingleses, conforme todos nós aprendemos nos bancos escolares, onde todas estas cousas se estudão pela rama.

Diz essa lenda que 5 annos depois do processo de Ronen, no começo de 1436, appareceu em Lorena, vinda de França, uma rapariga de 25 annos, dizendo ser Joanna, a Donzella. Apresentando-se aos irmãos de Joanna D'Arc, João e Pedro, estes reconheceram-na a propria, abraçando-a e beijando-a. O facto é confirmado por varias testemunhas, entre as quaes o grave deão do Saint-Thibut, de Metz. Levaram-na para a aldeia de Barquillon, onde a receberam com grande alegria varios senhores, que lhe fizeram offerτας valiosas, entregando-lhe o pesado arnez que a cobrira na guerra. Um deu-lhe um rocinante de trinta francos; outro um par de botinas, um terceiro uma espada; o quarto um capirote. Não sabiam os bons e ingenuos homens como ella escapara da morte; mas o seu fallar inspirado e obscuro, illuminado de imagens, afervorou-lhes a fé. Passou a fada de Pentecostes em Marville, e quando deixou a cidade para ir em peregrinação a Nossa Senhora de Liesse, recebeu dos seus habitantes muitas joias. Um d'elles, chamado Geoffroy Deu, deu-lhe um cavallo.

Com o seu arnez de guerra e os dois animaes, foi para Arlon, onde a aguardava a duquesa de Luxemburgo, Isabel de Gornitz. Esta princesa, sobrinha, por afinidade, do duque de Borgonha, prendeu-a junto de si, porque a tinha como uma creatura singular, com o poder de encontrar thesouros occultos. A duquesa fizera-se avara com a velhice. D'Arlon, Joanna ia trabalhando pelo seu reconhecimento em França. Os magistrados de Orleans mandaram-lhe as suas saudações, sendo portador da mensagem o cavalleiro João Flór de Lys. Por esse mesmo cavalleiro enviou Joanna uma carta ao rei Carlos que então demorava em Loches.

Na corte da duquesa de Luxemburgo, Joanna encontrou o jovem conde Ulrich de Wurtemberg, que não mais quiz abandoná-la. Mandou fabricar-lhe uma bella couraça e levou-a para Colonia, onde exercia, com seu irmão Luiz, a soberania. Então o arcebispo de Tréves andava n'uma lucta feroz. Dois prelados disputavam o logar. Um, o velho Raban, tinha sido nomeado pelo papa; o outro, Udrich de Wanderscheit, designado pelo capitulo, tinha para "seu uso" uma boa porção de artilharia. O conde Ulrich era partidario do ultimo. Joanna declarou-o o unico e legitimo

pastor. Semelhante intervenção, chamou sobre Joanna a attenção do inquisidor-geral de Colonia, insigne professor de theologia, que já tinha premiado um grande numero de mulhersinhas, "mulhercules". Suspeitando que Joanna praticava a magia, citou-a a comparecer no tribunal. O joven Conde de Wurtemberg conseguiu fazer-la sair secretamente da cidade, sob a guarda de uma boa escolta.

Em Arlon casou com um cavalleiro de alta linhagem, Robert de Armoises.

Logo depois do seu casamento foi viver em Metz no palacio em que vivia seu marido, em solteiro, junto da igreja de Saint-Segolène.

Uma vez casada, não renunciou ao direito de fazer valer os seus antigos serviços. Foi para Orleans, onde a reconheceram e proclamaram libertadora da cidade. Os magistrados, segundo o costume do tempo, apresentaram-lhe, como homenagem, o vinho e a carne, com o se, na realidade, ella fosse a propria Donzella de Orleans, e em seguida, para Poitsu, ou Agosto de 1439 fizeram-lhe presente de duzentas e dez libras, pelo "bem que ella fizera á cidade durante o cerco". Foi em de ficou a serviço de Gilles de Retz, que tinha estado, em companhia da "Donzella", no Loire, em Reims e em Paris, e que, tendose tornado um terrivel vampiro, se tornara o terror das creanças dos seus vastos dominios. Gilles de Retz considerava esta mulher como a authentica Joanna D'Arc, que elle tinha acompanhado na guerra e a quem confiava o governo dos seus soldados.

Após a campanha de Poitsu, esta mulher aproximou-se de Paris, espalhando-se então a noticia, pela grande cidade, de que Joanna D'Arc tinha fugido aos ingleses, e vivia ainda. A Universidade e o Parlamento agitaram-se com a extranha nova. Mandaram-na prender por homens de armas, que a trouxeram para Paris. Foi interrogada, julgada, exposta na "Cour de Mai", sobre uma mesa de marmore, onde se confessou publicamente. Declarou ser casada e ter dois filhos. Disse, tambem, que um dia batera em sua mãe, pelo seguinte modo: "Uma mulher offendera-me na minha honra; quiz agredil-a, mas como minha mãe se tivesse posto de permeio, bati em minha mãe". Procedera, por conseguinte, em momento de exaltação. Mas como todo aquelle que levanta a mão contra o pae ou contra a mãe, ou ainda contra um padre deve ir pedir perdão ao papa, foi o que ella fez. Partiu para Roma, vestida de rapaz, tendo tomado parte, por essa occasião na guerra levantada pelo Santo Padre Eugenio, e na qual matou dois homens. Em que epocha teria feito essa viagem? Talvez em 1438. Mas, aceitando essa data, deve ter sido curta a sua demora em Roma.

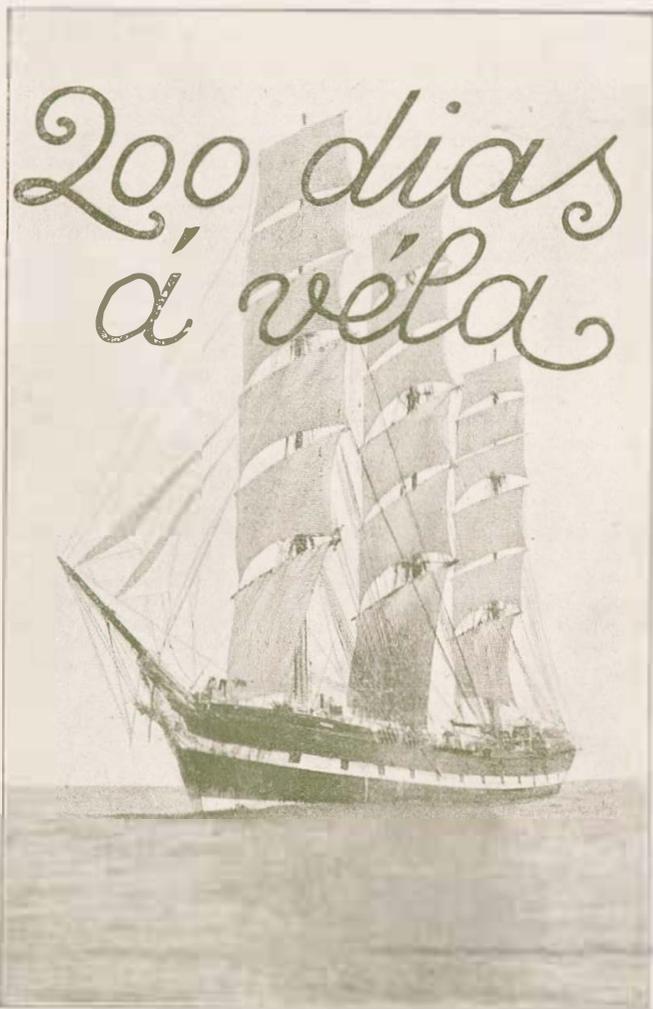
O que, para o nosso caso, isto é, parte o objectivo d'este artigo mais interessa, é que, mesmo em pleno julgamento continuou a affirmar ser a Donzella de Orleans, que os ingleses tinham queimado em Rouen, na opinião geral. Posta em liberdade, pelos magistrados da Universidade de Paris, abandonou o arnez que vestia e foi metter-se silenciosamente, no palacio, junto da igreja de Sainte-Segolene, cuja sombra elle gosta a cobrir até á morte. Envelheceu socegada e honestamente. Os "messianistas" franceses continuaram acreditando que ella era a verdadeira Joanna D'Arc. Depois da sua morte, conservaram o seu retrato na casa onde ella nasceu.



A casa de Joanna D'Arc em Doremy

1436

Thomme



AVIEGAR duzentos dias á vela sem receber a mais pequena notícia do mundo, tal foi a prova cruel a que me submetti, dominado por aquillo que eu julgava ser uma irresistivel vocação marítima

"A postos, ó do quarto! postos!" E' preciso ter ouvido este grito lançado por uma voz brutal ou lamentavelmente roufenha, quando quatro escassas horas de sono não tinham podido reparar as forças esgotadas por dezesseis ou dezessete horas de trabalho incessante; é preciso vestirmos quasi ás apalpadelas nesse lugubre buraco, deante do qual a mais triste mansarda se nos apresenta como a mais invejada habitação; é preciso ter subido, em noites graciaes do mar do sul, á ponte permanentemente inundada, e ter de sujeitar-se ao trabalho mais crue' que se possa exigir dum forçado; sim, é preciso ter passado por este inferno, para comprehender o atroz desespero, que aquelle grito tremendo pôde despertar no coração de um moço de vinte annos, educado no carinho duma familia affectuosa e amada.

Como tantos outros, julguei que se despertara em mim a vocação para o mar. Apesar das supplicas dos que me eram caros, teimei em fazer de mim em marinheiro. Por que? Que sei eu? Quando muito poderia affirmar que nas minhas veias corria sangue inglez, e que um inglez sente sempre, em qualquer momento da sua vida, a nostalgia do mar. De resto em todos os paizes não são raros os moços a quem atormenta este desejo de aventuras... ate que a dolorosa realidade se encarregue de lhes fazer comprehender as alegrias e doçuras do lar.

Deante da minha teimosia, meu pae percebeu que não haveria palavras que me desenganassem. Para me despertar a consciencia, só a lição rude dos factos. Embarcou-me, por isso, como alumno de piloto, a bordo de um dos mais bellos navios veleiros saídos de Liverpool, a *Desdemona*, com tres mastros e 1.600 toneladas.

Tinhamos de conduzir para Portland, no estado de Oregon uma carga de aço, alguns pianos e certo numero de caixas de marmore de Carrara. Tomei posse de meu logar no 19 de Setembro, e ainda meu pae me não abandonára, ja as minhas desillusões tinham começado. A equipagem só podia embarcar no dia seguinte e eu fiquei so a bordo com um grumette e o immediato, uma es-

pecie de irreductivel animal, sob as ordens do qual deviamos lavar o tombadilha e receber as provisões de viagem. Nunca em minha vida fiz um trabalho manual tão doloroso; e á noite, quando fiquei livre de qualquer obrigação, todo o meu desejo era deitar-me, tendo os braços e as pernas doridas e as mãos cheias de bolhas.

No dia seguinte tive o desgosto de ver embarcar o pessoal de bordo, que vinha em completo estado de embriaguez. Momentos depois, um rebocador levou-nos para o mar da Irlanda. Ao fim do primeiro dia, quando o rebocador nos abandonou, soprava um vento feroz; e assaltou-me então um horrroso enjão, que me transformou, por completo, em um homem inutil para o trabalho.

Durante a noite, caiu sobre a *Desdemona* uma tempestade como as que só são possíveis nas costas da Irlanda. Quasi todos os homens se encontravam ainda sob o dominio do alcool. O immediato, não obstante a prohibição formal do regulamento, mandou-nos, a mim e ao grumette, colher as vélas, sendo nós apenas uns pobres aprendizes, a quem não poderia ser mandado fazer tal serviço senão oito dias depois do embarque. Tocou-me ir desprender a véla mais alta no mais alto mastro do navio.

Nunca mais esquecerei tão horrivel momento. Com o coração confrangido, os nervos fatigados pelo enjão, quando mal me custava estar de pé sobre a ponte, tive de subir no mastro a uma altura de 35 metros, pelo cordeame, enquanto o navio balançava com uma inclinação de 70 grãos. Tendo chegado, não sem esforço, até meio do caminho, parei, na esperança de que o immediato se apiedasse da minha situação. Ainda conhecia mal aquella alma bronca e brutal. Muito ao contrario do que eu esperava, dirigiu-me os maiores improperios e eu não tive remedio senão proseguir na minha perigosa ascensão. Quasi no ponto mais alto do mastro, parei ainda uma vez, tomado de medo e de vertigem. Mas, lá eu baixo, aquella voz terrivel continuava a bradar. Foi preciso appellar para quanto havia ainda em mim de coragem, para proseguir.

E assim, duraute quatro horas, trabalhamos debaixo de uma chuva fustigante, algida que nos gelava as mãos e que, humedecendo as vélas, as tornava tão pesadas como se fossem de ferro. As mãos em anque mortas de cansaço, tivemos de repetir aquelle trabalho com todas as vélas, até que o navio ficou apenas com a sua pequena véla de proa que servia de auxilio ao seu governo.

O mau tempo persistiu ainda uns vinte dias, durante os quaes não deixamos de trabalhar asperamente, porque a carga balouçava e tornava-se necessario fazer de novo a arrumação. A vida em navio de vela é uma desgraça permanente: dorme-se apenas quatro horas, que deviam repetir-se dentro de vinte e quatro, se se comprisse o regulamento. Mas afinal somos muitas vezes obrigados a trabalhar quinze e dezeseis horas consecutivas. E não se imagina a detestavel comida com que procuram reparar as forças dos trabalhadores do mar: um toucinho repugnante durante dois dias da semana, e, nos restantes, carne de cavallo, cujo estado nem me atrevo a descrever. E falla-se nas necessidades das populações postas em cerco militar!

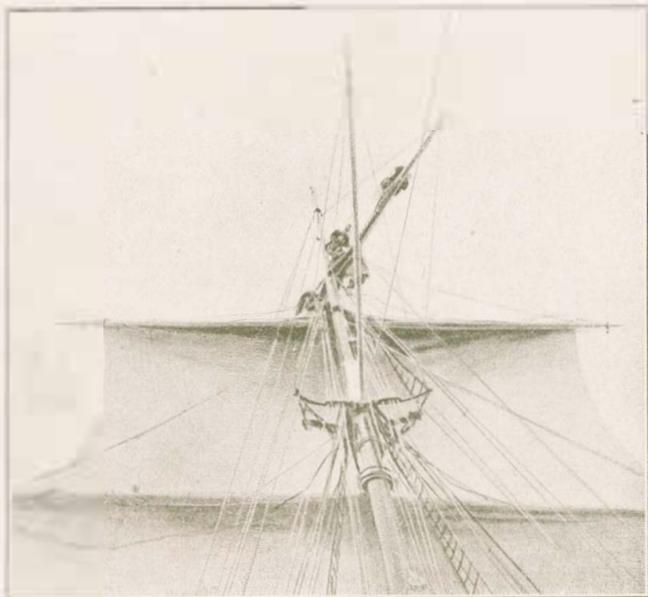
Descanço e alimentação insufficientes, são o bastante para tornarem insuportavel semelhante vida; mas se lhe acrescentamos o convívio com o pessoal de bordo, torna-lhe-hemos infernal.

Não é que os marinheiros sejam piores que muita gente que anda em terra, mas, a sua insufficiente cultura é um supplicio para um rapaz que tenha recebido uma soffrivel educação.

Quando o empo acalma, a vida de bordo em um navio á véla tem certos encantos. Respira-se um pouco, vendo o navio deslizar no mar azul, como uma grande ave branca. Quando o calor era excessivo, pegava de um livro e ia ler para debaixo da véla maior, deitado sobre o mastro. Mas poucas vezes me era permitido este *dolce far niente*. Interessantes ou sinistros, ha incidentes que por vezes veem cortar a monotonia desta vida sempre equal, entre o céu e o mar. Um desses incidentes deixou-me uma profunda emoção. Percebendo no horizonte uma leve linha de fumo, supuz que seria um vapor que se approximava. O commandante mandou-me subir as gaveas para ver se perceberia signaes. Encontrava-me eu apenas a meio do caminho, quando vi erguer-se para o céu uma grande labareda. Gritei ao commandante que era um navio incendiado. Approximamo-nos a toda a véla. Quando chegamos perto, o pobre navio era uma massa carbonisada, ardendo á flor da agua. Tres dias vagamos em torno do logar na esperança de salvar algum infeliz, mas nada conseguimos. Imagine-se que tristes reflexões semelhante espectáculo faria brotar no cerebro daquelles que nao tinham por moradia senão um navio exposto a toda a especie de catastrophes.

Outra vez, o mar apresentou-se-nos, durante cerca de vinte minutos, com a superficie phosphorescente, mas com tal intensidade, que varios peixes amphibios se viam voando por de cima das aguas, durante a noite, e com tanta nitidez eram admirados por nós, como se estivessem sendo vistos na transparencia dum aquario. Era um espectáculo duma belleza magica.

Depois pescamos um tubarão. Seguiu o navio ha tantos dias, que chegou a inquietar os marinheiros, creaturas supersticiosas, pela sua teimosia em seguir o nosso rasto. O capitão resolveu, por isso, desembaraçarnos delle. Não é cousa lá muito facil, não



Subimos aos mastros mais altos

obstante a voracidade do animal, porque o tubarão é sempre acompanhado por um pequeno peixe, chamada *piloto*, que é seu companheiro inseparável, e que, nadando por cima da sua cabeça, tem o cuidado de examinar a isca e comer, antes que o tubarão se resolva a pegar também.

Contudo, com uma linha forte, guarnecida de um anzol que continha um pedaço de porco salgado, acabamos por capturar o monstro, conseguindo leva-lo para bordo, onde foi decepado. A cauda ficou suspensa a bordo, para satisfazer à lenda que diz que é esta a melhor maneira de ter ventos favoráveis. Verdadeira ou não, a lenda, o certo é que, dali em diante, o vento foi-nos favorável durante semanas seguidas quando até então não tínhamos tido senão ventos contrários.

Aquella vida, relativamente doce, que tínhamos passado nos tropicos acabou depressa. Chegamos, na vespera de natal, ás lugubres paragens do cabo Horn, fomos assaltados por uma dessas tempestades terríveis em que esta região é fértil. Tivemos de colher imediatamente todas as velas. Ondas enormes caíam no tombadilho, cobrindo-o, por vezes, com mais de um metro de agua, que o inundava de ponta a ponta. As cristas de duas vagas sucessivas podiam calcular-se, no seu afastamento uma da outra, na distancia de um kilometro. A profundidade do valle formado por essas duas montanhas ligadas era tal que quando o navio se encontrava em baixo era impossível ver a linha das aguas, ainda que estivessemos no mais alto dos mastros.

A imensa montanha verde, com os cimos brancos, caminhava para nós com uma velocidade terrível, e, dentro em pouco, sobre a sua superficie, o navio começava a subir... a subir. parecendo que esta terrível ascensão não mais acabaria e que, em breve, os mastros chegariam ás nuvens. Chegamos á parte mais alta, ficamos como que balançando por um momento como uma cascata de noz num pouco de espuma. De repente, começamos a descer vertiginosamente, quasi a pique, numa carreira que faria tremer o mais ouzado amador de *water-chute*. Assim caímos no fundo daquelle abismo, no meio dum verdadeiro. Apes de vagas, que não deixavam soprar o mais ligeiro vento.

Em semelhantes circunstancias, o governo do navio era confiado sómente aos mais habéis timoneiros, porque o menor descuido faz-nos-hia submergir. Navegamos

assim, em volta do cabo Horn, 35 dias, retidos por ventos contrários, sendo arrastados para 500 kilometros ao sul da rota habitual.

Perguntamos uns aos outros se algum dia nos seria possível sair daquelle inferno. O frio terrível tinha quebrado a energia aos mais valentes e até mesmo ao capitão.

Tínhamos, um dia, trabalhado contra o vento e o mar mais de dezoito horas seguidas: descemos aos cubiculos, molhados até aos ossos, gelados, vencidos. Todo o cordeamento estava coberto de neve, e para que as cordas rolassem nos gonsos, era preciso quebrar essa neve com o auxilio duma vara de ferro, que, de fria, nos levava a pelle das mãos.

Começávamos, nesse dia, a descansar, aquecendo-nos um pouco, quando logo nos chamaram apressadamente ao tombadilho. Toda a gente de bordo, obediente e calma, obedeceu. Só eu fiquei, exasperado, revoltado com aquella vida terrível. Ao fim de uma hora, tendo reflectido sobre o meu acto de insubordinação, resolvi vestir-me e subir. A porta que dava accesso ao tombadilho estava quasi completamente tapada com taboas, para impedir que a agua penetrasse nos camarotes. Deste modo, só me era permitido passar por uma fenda estreita, talvez a quarta parte da pequena porta. Tentei, mas tendo calculado mal as dimensões, fiquei preso pela cintura, não podendo, nem avançar, nem recuar. Quando me encontrava nesta situação que tinha tão pouco de agradável, como de ridícula, o capitão passou. Como era de prever, não estava nada contente com o meu irregular procedimento. Com um sobrececho terrível perguntou:

— Agora e que te resolveu a subir ?

— Sim Sr., meu capitão.

Com a sua força brutal, animada pela raiva, agarrou-me pela blusa e puxou-me com toda a força, fazendo com que as taboas me ferissem horrosamente as pernas e as ancas, lançando-me depois, como quem lança um gato agarrado pelo pescoço, no meio do tombadilho.

An es que eu fizesse o mais pequeno esforço para me levantar, uma vaga enorme caiu sobre nós, levando-me na agua, balançando como uma alga, sem poder reanimar-me ou fazer um esforço para me levantar. Começava já a sentir os efeitos da asphixia, quando o capitão me agarrou, me poz de pé, sacudindo-me ferozmente. Depois retirou-se sem mais nada dizer, com um abanar de cabeça, que claramente me parecens significar:

— Aviso os madores !

Estávamos no dia de natal, um formoso dia, durante o qual encontramos dezenove navios, quando até alli não tínhamos visto nem um só, o que, aliás, aconteceria dali em diante. Era uma solidão desesperadora !

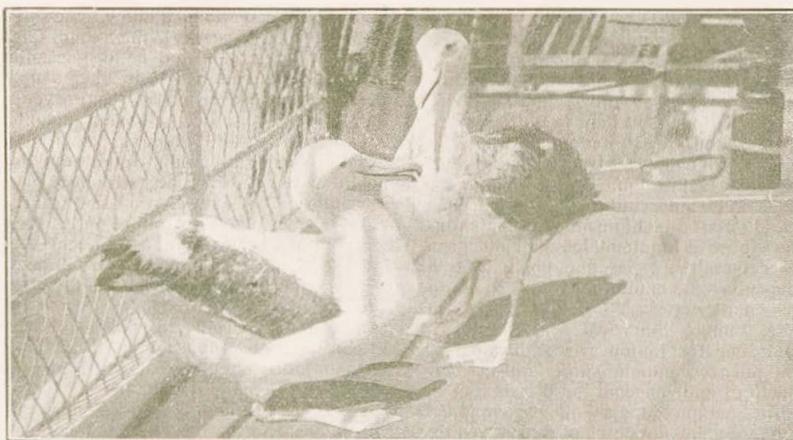
Um só não é bem verdade. Um encontramos, cujo aspecto não era nada para nos alegrar. Batido por uma tempestade terrível, estava completamente desmastreado, num estado digno de dó. Fizemos-lhe signaes, offerecendo socorro; recusou. Depois desapareceu e nunca mais ouvimos fallar delle.

UMA "PISCA" DE ALBATRÓS.

Vimos, uma noite no horizonte uma montanha de gelo e, ao despontar do dia, estávamos cercados duma verdadeira cidade de *icebergs* cujas flexas e torres brilhavam ao sol com um claro feérico e inolvidável. Milhares de aves voavam, soltando gritos estridentes em redor desta cidade de sonho, batendo as azas, com ruído, contra estas muralhas de gelo. Depois, ao fim de tres dias, os *icebergs* desapareceram tão misteriosamente como tinham apparecido. Finalmente, o pesadelo do cabo Horn acabara; navegamos agora para o norte e a cruel melancolia que pesava sobre todos nós começou a dissipar-se.

A medida que caminhávamos os albatrós, essas aves enormes que vôm abrindo as suas azas duma demesurada extensão, eram cada vez mais numerosas. Apanhamos muitas, no voo, lançando-lhe um anzol com um pedaço de carne de porco, que elles enguliam com presteza, depois do que bastava puxar vagarosamente a linha para os trazer para bordo, porque elles não reagiam para não serem feridos pelo anzol.

Uma vez no tombadilho, eram dominados por



O albatrós soffre de enjoo...

um enjôo salvador, que provocava a saída do anzol com o pedaço de carne. Era-lhe impossível levantar vôo com as suas azas enormes, porque lhes faltavam as vagas para lhes dar o impulso

Matámos muitos, apesar das observações dos velhos marinheiros, que acreditam que estas aves são as almas dos capitães, engulidos pelo mar, com os seus navios, e que vão seguindo as rotas dos navios como a pedir-lhes que levem notícias suas aos seus. Os gritos desolados que soltam exprimem, segundo os velhos marujos, o seu desespero por verem que o homem não comprehende aquella linguagem.

Passado o cabo Horn, esperavamos que acabassem as nossas atribulações. Vã esperança! O mau tempo persistiu. Dormiamos muito pouco, e semanas se passaram sem que podessemos mudar de roupa, porque, a cada momento, esperavamos que nos chamassem à ponte

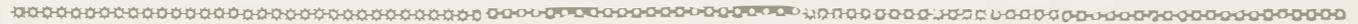
Como eu maldizia o louco desejo de aventuras que me fizera abandonar o meu querido lar e o adorado conforto da minha terra para ter em troca aquella existencia brutal, perigosa e monotona!

Nem mesmo os trinta dias de tempo bom que a sorte nos offereceu para termo da nossa viagem, sem duvida para nos compensar do execravel inicio, nem esses me reconciliavam com este sistema de navegação que os meus sonhos imaginavam adoravel.

Não exagerei nenhum só pormenor o negro quadro que descrevi; disse os factos tal qual elles se passaram. Desejo simente que a minha aventura faça reflectir aquelles que um dia pensarem em me imitar.

Ah! quando chegamos ao caes, depois de 199 dias de travessia, dos quaes 64 de immobildade, sem sermos vistos de terra ha cinco mezes, não foi com a romantica melancholia, que as canções de almanack atribuem a certo marinheiro, que eu puz o "meu sacco em terra" Com um olhar rancoroso, olhei ainda uma vez a soberba *Desdemona*, cantando com todo o enthusiasmo:

Adeus meu bello navio!
 não sem lamentar *in pectus*, o *Desdemona* que não tivesse soffrido ha mais tempo uma sorte igual á que teve a tua padroeira.



CONCURSO PHOTOGRAPHICO

Instituido pela casa LUTZ, FERRANDO & C. Ltda.

MEZ DE AGOSTO

Ficaram assim classificados pelo jury os trabalhos apresentados



1.º PREMIO — (200\$000)

Jaques Behar — Av. Gomes Freire n. 13



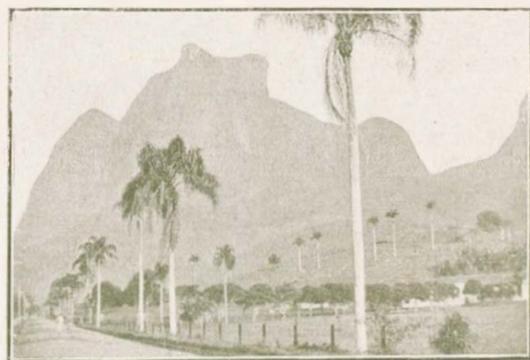
3.º PREMIO — (100\$000)

Dionizio Gonzalez — Hotel Moderno



2.º PREMIO — (150\$000)

Snr. Scheibert



4.º PREMIO — (50\$000)

Harro Boysen — Caixa Postal 1703



*Podeis distrahir-vos pintando
a vossa toalha de mesa com
as tintas "Radium" -- unicas
lavaveis garantidas.*

Temos em Stock completo sortimento
de estojos e preparos avulsos para
os seguintes trabalhos

Pyrogravura — Photominitura — La-
vavel — Plastica — Pastinello
Oriental — Tatço — Esmalte
Japoneza e Judaica

A maior variedade em modelos dos
principaes autores.

Livros D'Artisan

Barboza, Freitas & Cia.

Av. Rio Branco, 136

BRUN

Glorificando Caxias



O desfile da marinha em
frente a Matriz
da Gloria.

A estatua de Caxias.



Maximas de Rothschild

Um dos antecessores, não mui remotos, da familia dos multi-millionarios Rothschild teve o capricho de ornamentar o seu escritorio commercial com enormes letreiros artisticos, nos quaes se liam as seguintes maximas:

- Evita os licores.
- Procura ir sempre para deante;
- Nunca desanimes,
- Não falles nunca de teus negocios;
- Emprega bem o tempo.
- Sê activo em tudo,
- Paga promptamente as tuas dividas;
- Supporta com paciencia os incommodos.
- Não contes nunca com o acaso;
- Não traves relações inuteis.
- Sê valoroso na lucta pela vida.
- Mantem, como cousa sagrada, a tua integridade;
- Não apparentes mais do que sejas;
- Toma tempo para considerar os assumptos e decide-te depois pelo positivo;
- Examina cuidadosamente até o minimo pormenor dos teus negocios;
- Feito tudo isto, trabalha com energia e conseguirás, seguramente, obter exitos na vida.

EIS O SAPATO
IDEAL

Perfeição
Originalidade
Bom gosto
é o lêma da

CASA ABRUNHOSA

101, Rua da Assembléa, 103 — TELEP. C. 1176

“ROSACEAS” DE PORTUGAL



*No templo da Graça
em Santarem*

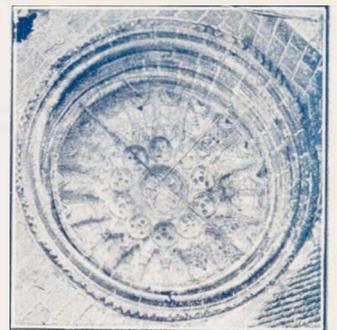
Exemplares das mais
bellas “rosaceas”
dos historicos templos
portuguêses



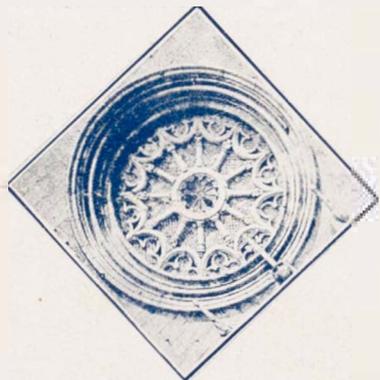
*Egreja Matriz de
Caminha*



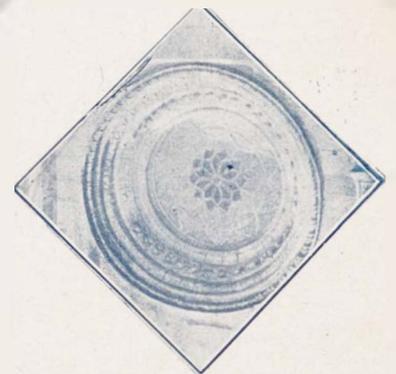
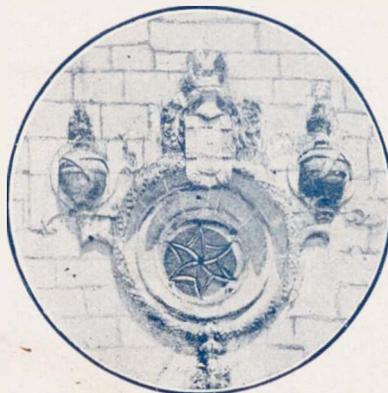
*São João d'Alporão
Santarem*



Sé de Evora



*São Francisco, no
Porto*



*Matriz de Vianna
do Castello*

*Ao centro. Fachada do Mosteiro de Alcobaça
Em baixo: “Rosacea” da Matriz da Collegã*



Alto Palco e no Forum



DO THEATRO

O mez que passou não nos offereceu grandes novidades de sensação, a não fallarmos da temporada lirica, que é brilhante, na medida das circumstancias... do sr. Morchi. Aquillo e theatro para raros apnas, e esses raros são os que não sentem a carestia da vida, de resto, parece que a respeito de opera nacional, a temporada não será fértil. E o theatro do paiz, nas suas differentes modalidades é o que mais nos interessa.

Das companhias estrangeiras, a Bata-clan foi-se... das pernas. O publico está-lhe rolando as costas, e com razão, porque para companhia de circo e muito cara de mais. E de crer que S. Paulo lhe paga na mesma moeda. A troupe portuguesa, que occupa o Palace, aconteceu o que previamos. Ainda lhe deu uma certa vitalidade o coro Nasamento Fernandes. Mas em se acabando este, é fazer as malas e andar. Deus permita que Portugal nos mande coisa melhor que... a Viuva Alegre. E' opera muito caçada.

Dos theatros nacionaes, o Trianon e o S. José continuam, diariamente, com as suas salas repletas, trabalhando com coragem, para chamar o publico carioca á boa razão, isto é, para que se não deixe levar por his torias... de fadas.

E nada mais. Um mez calmo.

COELHO NETTO E O THEATRO NACIONAL

O grande mestre da litteratura brasileira, que éo dr. Coelho Netto, teve ha dias a felicidade de vér interpretado, mais uma vez,



por uma companhia nacional, o seu original *quebranto*, trabalho de alto relevo litterario e d'um felicissimo estudo de figuras

e de ambiente. Leopoldo Fróes, o artista talentoso que ha muito vivia apaixonado por este trabalho theatral do eminente escriptor, conquistou n'elle mais um dos seus hons triumphos, arrancando um typo que não bode confundir-se com qualquer dos outros já por si creados, na sua farta carreira de glorias.

E' uma honra para o theatro nacional a inclusão de nomes, como o de Coelho Netto, entre a minguada pleiade dos seus comediographos. O illustre escriptor não é no Brasil uma figura vulgar, em quem semelhante gesto traga a intenção de conquistar vaidades mediocres. Coelho Netto é um nome brillantissimo, firmado, que nada mais ambiciona no campo da actividade nacional, e a quem devemos a veneração dos nomes justa e definitivamente consagrados. A representação de *O quebranto* foi, por parte de Leopoldo Fróes, um bello gesto de artista e de patriota.

Um comediographo conhecido em Portugal

Certa imprensa espalhou aos quatro ventos que uma companhia brasileira de comedia que anda pelo sul, iria no proximo anno a Portugal. O director d'essa companhia teve o desplante de affirmar a um jornalista de Montevidéu que a critica e o publico portugues o conheciam muito, a elle e a sua obra (!) e que admiravam uma e outra com enthusiasmo!... Ora isto é tremendissima idiotice e um pouco sem vergonhice, pois é sabido que esse escriptor e director de scena tem sido sempre, não um propugnador do engrandecimento do theatro nacional, no que não faria senão o seu dever, mas um caloroso detractor de tudo o que é artista portugues, theatro portugues, litteratura portuguesa. A sua ida a Portugal chega a ser um contra ensó, se a gente não soubesse que é apenas uma picuinha a terceiro. Queira Deus, porém, que...

"AS VINHAS DO SENHOR"

O original francez que, com o titulo acima deve estar esta semana no cartaz do S. José, interpretado pela companhia que Leopoldo Fróes dirige, foi a peça de mais successo na temporada do inverno passado dos theatros de Paris. Nas suas scenas leves, espirituosas, no seu dialogo fluente e brilhante, a peça de Flers e Croisset é bem um trabalho parisiense, desde o seu enredo á sua moral.

O fulcro da peça está no typo d'um antigo viciado de bebidas, que resolve regenerar-se. Num dado momento, porém, esquece-se das promessas que a si mesmo fizera para, por uma circumstancia fortuita, mergulhar de repente no velho e amado vicio. Dizem

que no fundo d'um copo esta a verdade, e realmente o heroe da bellissima comedia, com a lingua desentrevada pelo alcool, escangalha com meia duzia de verdades, ditas com extraordinario espirito, toda a engrenagem social e familiar, por demais falsa e de-feituosa, que o cerca.

A traducção da interessante e engraçadissima comedia de Flers e Croisset traz os nomes consagrados de Abbadie Faria Rosa e Renato Alvim.

PELO "TRIANON"

Pela conhecida e prestigiada "boite" da Avenida Rio Branco vaé uma azafama dos demonios. A companhia que alli trabalha com tanto successo diz-se que dividirá em dois turnos: um continuará trabalhando no Trianon; outro partirá em excursão artistica pelos Estados, principiando por S. Paulo, onde occupará o Theatro Boavista.

Dos que ficam, entre outros, sabe-se dos nomes de Belmira d'Almeida, Jayme Costa, Atila de Moraes e Nathalina Serra. Dos que partem, ao que nos informam, sob a direcção artistica do Dr. Christiano de Sousa, fallam-se em Amada Fonfredo e Procopio Pereira.

A peça de estreia, em S. Paulo, será a *Zéu* do dr. Viriato Correia. Seguir se-hão os originaes da ultima temporada de inverno, que mais successo obtiveram, como os de Correia Varella, Antonio Guimarães, Paulo de Magalhães e Armando Gonzaga. Em São Paulo espera-se com anciedade esta excursão, que é a primeira que uma Companhia do Trianon como tal, realisa.

O QUE SE NOS PROMETTE

NO TRIANON — "Dansa o pae as filhas dansam", comedia de Gastão Taggart.

NO S. JOSÉ — "As Vinhas do Senhor", o grande successo parisiense de Flers e Croisset, em traducção de Abbadie Faria Rosa e Renato Alvim.

NO RECREIO — Uma revista dos Irmãos Quintiliano.

NO JOÃO CAETANO — "Terra de Carmen", pela Companhia Velasco.

NO REPUBLICA — "O Camponez alegre".

NO PALACE — "Casa cercada", uma comedia.

HAMLET

NO LAPIS ORIGINAL
DO GRANDE DESENHISTA INGLEZ

JOHN AUSTEN



HAMLET — *Que aborrecimento horrivel esta vida!
Eterna ansiedade sem ter um fim!*



RAINHA — *Que acto temerario e sangrento!*



OPHELIA — *Meu senhor! O ceivo amor e toda honra
para mim!*



POLONIUS — *Affecção? Que ingenuidade infantil
a tua!*

A ARTE DE REPRESENTAR

Licções de Coquelin

(Continuação)

II

Acontece, com alguns artistas, que as "duas" personalidades desaparecem sob o domínio do "eu" humano, isto é, da propria personalidade, que se adapta ao papel, revelando-se em todos sempre a mesma. Foi assim que o actor parisiense Felice, não creou na scena senão varias modalidades d'elle mesmo Felice; foi assim que Monnet-Sully sobrepoz a sua imagem a muitos dos personagens que creou. E por um acaso curioso, é d'essa contradicção artistica que resulta sua superioridade ao "Hamlet", que é elle mesmo, Monnet, na sua entranha psicologia individual, nas suas melancolias profundas, cortadas de actos rudés; nas suas ironias macabras, adoçadas com ternuras subitas; n'essas suas phantasias enevoadas de sonho... Quanto mais Monnet elle se apresentar no "Hamlet", mais perfeito será o seu trabalho. Por isso mesmo, a interpretação d'esse papel foi a coroa de gloria da sua carreira, na qual, apesar de tudo, não escasseavam triumphos.

Mas se querem vêr o reverso da medalha, eu citarei um facto, que serve para confirmar a minha theoria.

Monnet ensaiava "Horacio" e aquella semana pertencia-me para dirigir os trabalhos. Após a famosa scena do segundo acto, chamei-o aparte e disse-lhe:

— Meu caro Monnet, isto não é uma licção nem um conselho. Pertence-lhe a concepção do papel. Vae apresenta-la como você intende, deante do publico, que o aplaudirá. Comtudo, devo fazer-lhe uma observação. Em chorando, como voce o faz, ao dizer o celebre verso

Alce vous a nommé, je ne vous connais plus

não lhe parece que destroe o contraste entre o Horacio e o Curcio e, por conseguinte, todo o espirito da scena que, precisamente, n'esse contraste se fundamenta?

— Tem razão, respondeu-me Monnet, com toda a franquesa. Mas que quer? Eu acho que Corneille não deu a este personagem sufficiente alma humana.

N'este facto vê-se claramente o "eu" do commediante substituindo-o do papel. Ninguém como Monnet, que era um poeta, poderia comprehender os poetas. Elle sabia perfectamente qual a intenção de Corneille; mas a sua natureza, fortemente humana, recusou-se á adaptação e arrastou-o, ao representar o papel, a corrigir-lhe o sentido, segundo a sua propria natureza.

Uma outra consequencia d'este erroneo processo de representar, é que elle leva logicamente o actor a abandonar o estudo "interno" dos papeis, muito mais importante, a meu parecer, do que o conhecimento das exterioridades e detalhes pittorescos. E' preciso cuidar do lado pittoresco das almas a reproduzir; mas é preciso tambem que não seja a unica preocupação. E' preciso, sobretudo, não tomar como ponto de partida, na composição de um papel, tal ou tal traço pictural, supostamente justo. E' no "character" que todo o trabalho scenico se inicia.

Alcançae o espirito do vosso personagem; d'elle arrancareis, naturalmente, as exterioridades; e o pittoresco, se o houver, a elle se ajustará. E' a alma que construe o corpo. Se Mephistopheles é rei, é porque a sua alma é monstruosa. Vi-o interpretar superiormente, em Vienna, a Lewinski, que nol-o apresentou corcunda e coxo. Mas o que havia de odiento no personagem subia muito acima d'essas particularidades. A caracterisação é um processo de revelar as almas; mas, por si só, não é o sufficiente. Devb, porém, esclarecer que não considero a "caracterisação" um elemento sem

valor. Não prohibo que se tome da natureza o que ella nos pode dar, traíndo o homem interior; pelo contrario, é uma das melhores qualidades do comediante saber notar e colher os traços susceptiveis de se levarem á scena; mas devem apenas fixar-se os mais significativos, adaptando-os com discrição: fugir a fixar os que são puramente individuaes; evitar reproduzir tal ou tal avarento que se conhece, mas que o publico não conhece, quando temos de lhe apresentar Harpagão, que é um conjunto de "avarento".

N'esta arte de caracterisação justa, houve um actor admiravel, que foi Lesneur. Ninguém melhor soube trabalhar a sua dupla personalidade; ninguém conseguiu tirar melhor de si proprio personagens tão diversos, nem de expressão tão intensas. Era verdadeiramente prodigioso. Mas tambem, que lucha no estudo! Tinha em sua casa uma especie de camara escura, onde se mettia, de janellas fechadas e cortinas corridas, com os seus "costumes", as suas cabelleiras, a sua caixa de "batons". Ali, sosinho, á luz das lampadas, deante do espelho, preparava as suas "cabeças". E fazia e desfazia vinte, cem vezes até acertar, até aquelle que lhe parecia a melhor.

Quando, finalmente, com uma ultima pincelada, elle encontrava a verosimilhança, tão tenazmente procurada (e ficava horas ao espelho!) o resultado era maravilhoso. Os bons amadores de teatro, do seu tempo, não poderão esquecer jámais o seu "bebedor de absinthe" na peça os "Loucos"; o seu "Monsieur Poirier", o burguez feito gente, o seu "D. Quixote", o cavalleiro errante e famelico. Quando elle entrou em scena n'este ultimo papel, elle que era d'uma estatura media, parecia immensamente mais alto, indo em toda a altura da lança que empunhava. Era o heroe de Cervantes, em toda a melancolia da sua interminável magresa.

Com este talento extraordinario, que elle desenvolvia como um estudo aturado dos personagens, faltava-lhe — é preciso affirmá-lo — uma unica cousa, para que a illusão fosse conseguir disciplina-la. Era em tose completa: a voz. Nunca pôde dos os papeis a mesma voz de Lesneur, muito comica, mas d'um comico invariavel. A articulação era immensamente pesada. Ora a "articulação" é o "desenho da dicção". Uma phrase do grande artista Samsão, articulada como elle o sabia fazer, valia pela caracterisação de um personagem, era um verdadeiro retrato a crayon, assignado por Ingres.

Quando este mestre incomparavel na arte de dizer aparecia em *Mlle. de la Sciglière*, bastava a maneira

como elle fazia esta pergunta: "Jasmin. A Sra. baronesa de Vaubert ainda não chegou?" para, mesmo que nos conservassemos de olhos cerrados, termos a impressão da psychologia perfeita do homem que tinhamos na nossa frente. Era o grande senhor impertinente para quem Jasmin não passava d'um zero, d'um simples emigrado, o egoista, a quem era indifferente que a sra. Vaubert tivesse chegado ou não, se esta falta não lhe viesse retardar o almoço.

E quando ene fallava de Bonaparte — do sr. de "Bonaparte", como elle dizia, porque o sr. de Leiglière fizera o imperador gentilhomem e marquez! Na simples articulação das syllabas se lia a altivez do personagem e o seu intractavel orgulho de raça.

O poder d'uma inflexão de voz é incalculavel e todos os "trucs" mais pittorescos do mundo não tem a força, para emocionar uma sala, que possue uma phrase lançada com justa intonação.

A articulação é o estudo sobre o qual deve incidir o primeiro



MONNET-SULLY NO "HAMLET"

esforço do actor. E', ao mesmo tempo, o A. B. C. e o mais alto grau da vida do artista. E' preciso aprende-la no inicio da carreira, como as creanças aprendem as regras de civilidade, porque a articulação é a prova de delicadeza dos actores, e depois cultivar esse estudo a vida inteira. Chamei-lhe delicadesa, e com effeito ella o é, porque quando o actor se dirige ao publico, convem que se faça comprehender, devendo, por conseguinte, articular com nitidez.

Mas a naturalidade? perguntarão. Não será preciso fallar sempre com naturalidade?

Ah! não me falem da naturalidade dos que se dispensam de articular, conversando na presença do publico, como o fazem á sua mesa de jantar, interrompendo-se, repetindo as palavras, mascando-as, como quem masca um cigarro, fazendo da ideia e do estylo do auctor que interpretam uma misturada incomprehensivel.

O theatro não é uma sala de visitas. Não podemos fallar a mil e quinhentos espectadores em uma sala de espectaculos, como fallamos aos nossos amigos, junto ao fogão, em nossa casa. Se o tom não foi elevado, não se escutará o que dizemos: se não articulamos, ninguém nos comprehenderá.

Um actor pôde — sei muito bem — ganhar uma grande reputação de artista natural, dando á sua dicção um tom de conversa; não diz uma palavra mais alta do que outra, deixa cair os finais das phrases, gagueja, abrevia, finge que procura as palavras; repete-as duas, tres vezes seguidas, balbucia nns dez minutos; depois precipita o final para arrancar o effeito. E o publico, aborrecido, exclama: "Meu Deus! isto é que é naturalidade?! Parece que está em casa d'elle! Eu não percebi nada... e o sr.? E' chamam a isto representar com naturalidade!" Os actores que usam d'este processo não devem confiar n'elle demasiadamente. Se a peça interessar mais que o actor, o que pôde acontecer, o publico

vir tambem um dia a fatigar-se e gritar-lhe lá de baixo: "Mais alto ainda!" e lá se vae o encanto da naturalidade. E o perigo aumenta se se tratar de versos. Se o artista, sobre o pretexto de dizer com naturalidade, começou a alterar o movimento do *couplet*, a comer a rima, a fazer hemistichios extraordinarios, a repetir as palavras, enfim, tratando os versos de Molière ou de Regnard, do mesmo modo que trata a prosa de Scribe, o publico pôde muito bem, e com toda a justiça, castiga-lo. Os actores que cultivam semelhante fórma de representar — e ha alguns bem notaveis no genero — estão condemnados a um numero limitado de originaes. Nem todo o repertorio lhes serve, porque não ha arte onde não ha estylo.

Cabe aqui dizer com toda a sinceridade: o dever do actor é respeitar o texto do seu papel. Seja qual fór a maneira por que o diga, o que elle deve dizer tão somente é o que o autor escreveu nada de mais, nada de menos. Se, na realidade, é uma inconveniencia transformar com a sua má dicção, um original pessoal, colorido, vigoroso, n'um insonsez vulgar, insipida e sem energia, o que é uma especie de traição; muito mais grave se torna essa traição quando, a coberto d'um nome illustre, se apresentam ao publico phantasias saidas do cerebello inculco e irrequieto do interprete.

Onde estaria o nosso valioso repertorio do theatro francez, se n'estes dois seculos, aos comediantes fôsse permitido semelhante liberdade? Com a ajuda da tradição e ainda acrescentando cada um o que lhe aprobeisse; aproveitando os effeitos encontrados pelos seus antecessores e augmentando o que se lhes sugerisse, as obras primas do theatro francez desapareceriam. Para encontrar Molière, era preciso ir arranca-lo debaixo d'essa especie de mosaico, que traria o nome de Baron, Prévile, Fleury, Molé, Monvel, e de quantos actores representaram as suas obras n'estes duzentos annos.

NOS BASTIDORES DO CINEMA

A TRISTEZA DO CARLITO

Charlie Chaplin (Carlitos) nasceu triste. Foi essa a declaração dum *journal expert*, ou seja, um observador de rostos, que encontrou no famoso comico o faces do typo philosophico. Segundo o mesmo sabio, as creações de grotesco, de Carlitos, são reacções duma secreta tristeza pessimista. Quem o diaria!...

O "YACHT" DE TOM MIX

O temivel *cow-boy* Tom Mix encomendou um *yacht* de 40.000 dollars, em que tenciona fazer um *cruzeiro*, em companhia da familia, que se limita á esposa e a um pequerrucho. Terá o famoso actor aventureiro de saber dirigir a sua embarcação com a mesma audacia com que dirige as suas montadas?

Não é de calcular.

OS TRUÇOS DE ARTISTAS

O cine dá margem aos artistas de encontrar truços muito mais interessantes que no theatro. A gravura que damos junto apresenta-nos uma scena engraçadissima em uma comedia norte-americana. Não se podem encontrar saias... mais modernas.



Um saias originaes

RODOLPHO VALENTINO TANGUEIA

Como se sabe, por questão com a Paramount, Rodolpho Valentino abandonou a cinematographia para se entregar de novo aos bailados, como no inicio da sua carreira.



Rodolpho Valentino e seu novo contracto

O seu novo empresario, que nesta gravura, tirada por occasião da assignatura do contracto, está sentado a seu lado, offerece-lhe 25.000 dollars por semana.

E' caso para dizer que as pernas do Rodolpho não são menos... *spirituacs* que as da Mistinguett.

A GARÇONNE E A IMPRENSA FRANCIEZA

Os jornaes parisienses que se occupam de cinematographia vem cheios de bravatas pela exhibição, fóra do territorio francez, do film *La garçonne*, extraido do famoso e reclamado romance de Paulo Margaritte. Mas que demonio terá a *garçonne* que exceda em exhibição erotica os films extraidos de tantos outros romances francezes muito mais *asperos* do que elle?

OS IDOLOS DO ECRAN

Os idolos do ecran tem os seus fanaticos. Uma senhora de idade julgou ver, em Mary Picford, uma sua filha morta... Carlitos foi adorado por uma paralitica de dezeseis annos, que lhe escrevia cartas sobre cartas. Bert Lytell corresponde-se com

um casal de velhos de Boston, que, julgam ver nelle a imagem dum filho desaparecido. Um flirt anonimo não se suicidou ha pouco tempo quando soube do casamento do seu idolo?

OS GRANDES FILMS EM COMICO

A Paramount deve lançar, dentro em breve, nos cinemas do Rio, uma serie de comedias, qual dellas mais interessantes, em que os grandes films, como *Sangue e arca*, *Entre o amor e a espada* são tratados em caricatura. Como informe, podemos adiantar que o heroe de *Sangue e arca*, que na comedia é *Lama e arca*, se chama Rodolpho Vanselina. E' de primeira.

UM MILIONARIO NO CINEMA

Craig Biddle Junior, filho do Sr. Craig Biddle, que é um dos mais poderosos banqueiros dos Estados Unidos, deixou a alta sociedade em que vivia pelo cinema, de que se fez actor. O seu primeiro film será passado com a actriz Ann Perdue, de quem se diz que é noivo.

Foi uma imprudencia, o acto do pobre rapaz!

DOUGLAS FAIRBANKS E... AS SUAS PERNAS



Douglas Fairbanks, de pernas compridas

Douglas Fairbanks, o segundo marido de Mary Picford, é um artista de muito merecimento, mas cuja graça, por vezes, é, um tudo nada, forçadinha. Veja a leitora se assim não lhe parece, ao vê-lo com as exóticas e compridissimas pernas que elle nos arranjou para este clichê.



BETTY COMPSON, da Paramount Picture



OS QUATRO CANTOS



*Parecendo odiar-se Dick e Lawrence
faz muito se amarem*

MAIS uma grandiosa e emocionante Super-Produção, o film que a Fox apresenta. "Os Quatro Cantos". Além da grandiosidade de scenas empolgantes, possui um enredo acima de todos os enredos.

Como nota de sensação, possui este film a scena bella, ao mesmo tempo tragica, do naufragio de uma barca repleta de passageiros.

É Mary Carr, a feliz e extraordinaria heroína de "Honrarás tua Mãe", "Veneração Extrema" e muitos outros films de valor, é a principal interprete desta Produção Especial.

Estrondoso successo, alcançará esta fita!

DESCRIÇÃO

Desde a morte do esposo, e de seus tão amados bêbês, cruelmente arrebutados pelo destino, a bondosa e delicada Sra. Penzie, refugiara-se naquella recanto da cidade pobre de Nova York, denominado "Os Quatro Cantos", vivendo somente para a pratica do bem, distribuindo carinhos e meiguices aos pequerruchos.

Penzie, como todos lhe

"MARY CARR" * * * * *

"FOX-FILM"

chamavam, era o anjo bom daquelle lugar!

E assim vivia aquella alma bondosa, nascida somente para soffrer, tendo no entanto estampada na physionomia, paciencia e resignação pelos dissabores da vida: e com que carinho, com que meiguice tratava aquelles dois orphãosinhos, seus filhos adoptivos, Crick e Thad.

Naquelle tarde, após os affazeres, Penzie de regresso a casa, encontra mais uma filhinha. E' que Crick encontrara Lettie, que devido ao seu máo genio era conhecida como Lettie "Explosiva", no reservatorio do lixo, e Penzie, como sempre, condeou-se por aquella innocente menina, ensinando-lhe a crer em Deus, e depois de muita lucta, muito esforço, consegue domar aquella furiosinha.

Passavam-se dias felizes naquelle casa, em que apesar de pobre, reinava a alegria, quando certo dia uma nuvem má vem toldar o céu cor de rosa da existencia da pobre Penzie.

Dia de alegria, dia de satisfação, aquelle da festa dada a toda a povoação, pelo deputado Curry, e quando

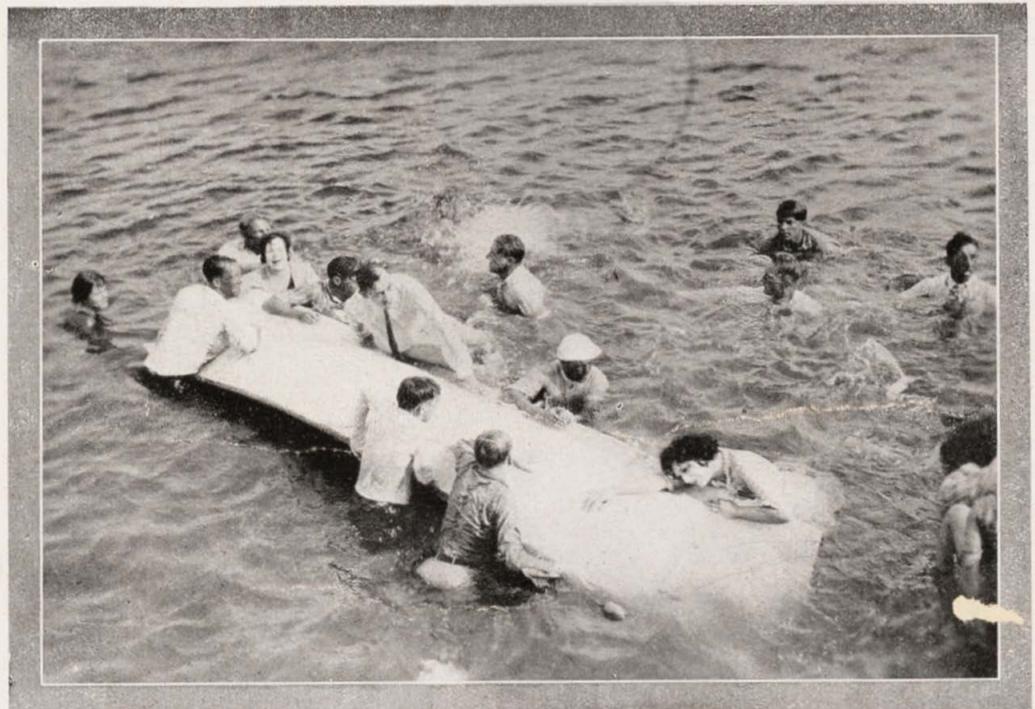
mais animados dansavam, brincavam á bordo de grande barca, pois que a festa terminava com uma excursão maritima, eis que alguém grita esbafarido: "Fogo!" "Fogo!" "Fogo!". E minutos depois, quadro horrivel se deparava! A barca devorada pelas chammas, e os miseros passageiros á mercê das bravias ondas, debatendo-se, luctando desesperadamente contra a morte.

E quem fôra o causador daquelle horripilante desastre? Fôra Jack Bosley, o perverso e cynico falsificador de dinheiro, que auxiliado pela formosa Sra. Bosley, e outros cumplices, praticavam, passando no entanto, como gente de bem, o crime de falsificar notas.

Que desespero, que afflicção, quando Penzie, ao procurar o dinheiro dos alugueis, vira que tinha sido roubada!

E mais desespero ainda se apodera da pobre senhora, quando nota pela falta do pequenino Thad! Sabe como louca á procura daquelle que amava como se fôra seu filhinho.

Mas Lettie, a esperta e intelligente Lettie, já sahira á procura de Thad,



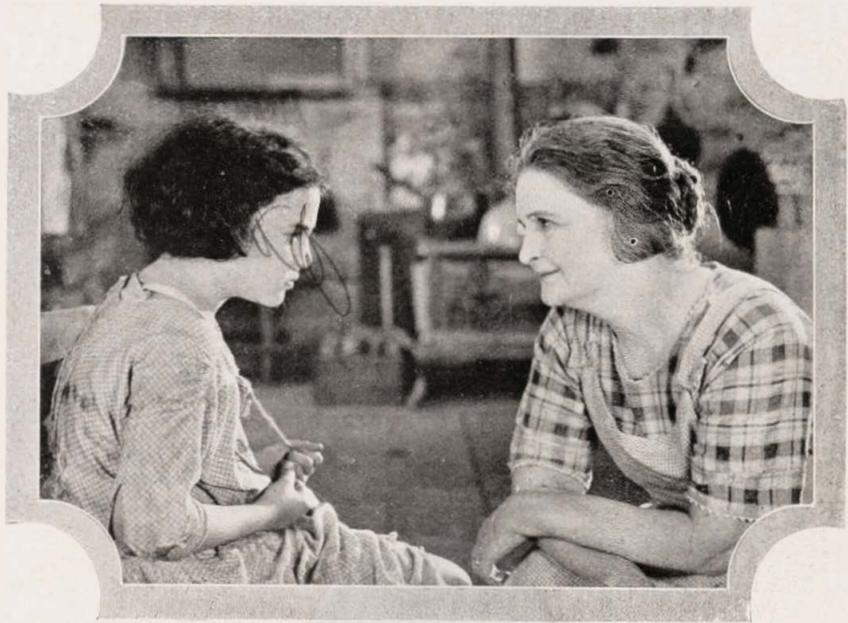
E minutos depois, um quadro horrivel se deparava

e desconfiando de que fôra Jaek o roubador do pequeno, vae a uma casa deshabitada, onde costumava entrar aquelle homem tão mal eucarado; porém, logo á entrada é agarrada por uma velha feiticeira e presa numa cadeira.

Mas Penzie já chamára a policia, que invadiudo o prelio encontra allí os infames falsificadores, machinas para o fabrico de dinheiro e Jaek Bosky, o chefe do bando.

Aproveitando aquelle reboliço, Lettie foge, á procura de Thad, encontrando-o preso num quarto escuro e humido.

E quando Penzie, louca de dôr, ouvindo os lamentos de suas criancas, vae á procura das mesmas, tal não é o seu espanto, ao deparar com um agente da policia secreta, accusando-a como cumplice de falsificar dinheiro. E



Era conhecida como Lettie a "Explosiva"

Depois de muitas lagrimas e imprecações, os policiaes começam a acreditar um pouco na innocencia de Penzie.

Mas Deus, aquelle que tudo vê, faz com que tudo se esclareça e descubra, podendo Penzie voltar ao lar com seus queridos filhos, e os verdadeiros criminosos serem castigados como mereciam.

Eil-a, enfim, de novo nos braços carinhosos dos seus. Eil-a enfim, á boa Penzie, recompensada, no seu coração bondoso, de tudo quanto até allí soffrera injustamente. Agora ella viverá apenas para os seus, cuja felicidade saberá guardar melhor d'alli em deante.

te. No seu lar humilde parece que a Felicidade resolveu, por fim, a entrar, dando-lhe o sol da ventura, que ha tanto tempo d'ella andava afastado.

O que o leitor de certo não espera é que um mez após aos tragicos acontecimentos, "Os Quatro Cantos", festeje dois casamentos. Um não é de admirar, pois que Dick e Lorenne, vizinhos de Penzie já se amavam de ha muito, mas o de Penzie! Com quem casára-se ella? Com o bondoso e distinto Jeremiath Winston, amigo do seu fallecido marido!...



Os infames falsificadores

assim é aquella pobre creatura presa e levada á presença do chefe.

Torturam-na com perguntas; procuram envolvê-la como cumplice em todos os hediondos crimes praticados por aquelle bando sinistro, e para todas as perguntas dos homens da justiça, Penzie só tem a confissão serena e clara da sua innocencia. Mas os policiaes não se convencem, habituados, como estão, a ver, em cada creatura presa, um criminoso que procura libertar-se, a todo o transe, dos castigos que a lei determina para as suas culpas.

E Penzie soffre horas horríveis, do soffrimento mais cruel, não tanto por se achar sob os ferros da justiça, mas sobretudo porque não pode cuidar dos mais os innocentinhos que o destino poz á sua guarda. No fundo da sua consciencia, debalde perguntava a Deus se não chegariam já as dôres cruéis que passaram na sua angustiosa vida e se ainda seria preciso soffrer mais, chorar mais.



Deus faz com que tudo se esclareça



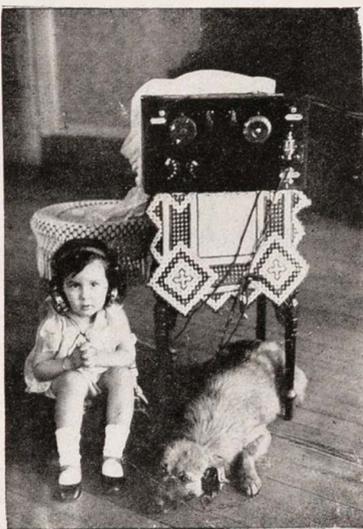
BASTOS

— Ah! Eu quando quero ser correspondido, escrevo uma declaração á minha eleita... e uma outra á sua amiga mais íntima.

VATICINIO

Os homens que nascem neste mez de Setembro, são questionadores, chicaneiros, e de grande arlimento em todos os prazeres da vida. Tem vocação para o commercio, são poupados, até á avareza, para com os outros, e summamente inclinados á agiotagem activa. Como regra geral são dotados de belleza physica; na boa sociedade, sabem manter distincção de maneiras; possuem talentos oratorios, e conseguem, apesar de obscuras incorrecções, que o mundo os circumde de boa reputação. Faltam redondamente ás suas promessas

quando o interesse proprio lh'o exige. Tem, muita vez parentes ricos, d'onde lhes provém opportunas heranças. Excessivamente prudentes, ganharão todavia, com isso, o salvarem-se de grandes perigos, quer na conservação da vida, quer no bom exito das operações em que se lancem. — As mulheres, serão muito amadas e affáveis, alegres, dotadas de maneiras encantadoras, geralmente felizes, quando se não unam, pelo casamento, a homens nascidos sob a influencia do mesmo signô. São apaixonadas por flores. Não lhes faltam adoradores; mas como são excessivamente susceptiveis, vêem frequentemente renovado o circulo daquelles que as adoram. Têm grandes probabilidades de casamento entre os 17 e os 24 annos.



RADIO TELEPHONIA

O maior e o mais completo "stock" de artigos para Radio-telephonia.

— Pessoal habilitado para execução de installações. — Orçamentos

gratis. — Peças avulsas francezas e americanas para amadores. —

Estações receptoras completas.

F. R. MOREIRA & C.

107, Avenida Rio Branco, 109

CAIXA POSTAL N. 522

RIO DE JANEIRO



A mitologia foi, no tom policromo das tapeçarias, o thema predileto, que apaixonou os artistas extraordinarios dos grandes penneaux. Os Gobelins são um verdadeiro dictionario mythologico, nos innumeros e ricos exemplares que enchem o mundo.

Beauvais-Boucher, ou melhor Français Boucher, nome porque é mais conhecido, foi por egual um "illuminador" precioso e delicado dos "pamos pintados". Pintor predileto de Madame Pompadour, o seu grande talento artistico, agasalhado pela aza protectora da linda favorita, deixou exemplares bellissimos que o mundo conhece com o nome de tapeçarias Beauvais.

As tres bellissimas reproduções com que presentamos os nossos leitores são obra sua. A primeira, ao alto, representa "Venus e Vulcano". Na sua carnacão maravilhosa recorda, um pouco, Rubens. Está no Museu Metropolitan de Londres. A segunda, "Nymphas e Satyros", é, um encanto, na sua expressão sensual. A terceira "Baccho e Ariadne" é, talvez, das tres, a mais perfeita de composição e mais detalhada. As duas ultimas estão na colleção de Mrs. Eduardo Hutton, em Londres.

Français Boucher foi, nos primordios da sua carreira artistica um pintor mediocre, o que não impediu que conquistasse o



premio de Roma, que lhe não aproveitou muito. De regresso à sua patria, continuaria a sua vida mediocre, se não conseguisse, como conseguiu, vencer o grande reducto da alta financa e da corte, que fizeram, do artista desconhecido de hontem, o pintor predileto. Foi

n'essa situação que elle mais brilhou, como artista decorador, o delicado pincel dos motivos simples e artificiaes a um tempo, que caracterisam o ambiente francez d'esse seculo XVII.

Ditam d'ahi os seus trabalhos em panneaux que foram utilizados nas fabricas de Beauvais, que Colbert tanto desenvolveu, no



sentido de constituir alli uma fonte de receita, para acudir às despesas monstruosas, impostas pela megalomania real.

Ao grande ministro deve a Franca o maior e mais productivo desenvolvimento da sua industria artistica. Elle foi para a Franca o que mais tarde Pombal foi para Portugal: o homem que conheceu estar perto o seculo do grande movimento industrial e que o futuro dos povos assentara na sua prosperidade economica, derivada dos recursos provenientes do desenvolvimento da industria domestica para mais amplas destinos. As rendas e os tapetes, como as louças e as sedas para Pombal, foram uma das grandes preocupações do famoso financeiro francez, que lhe deu o maximo de incremento, e todo o esplendor tradicional de que ainda hoje gosam.

Boucher foi um dos cooperadores artisticos d'essa patriótica e bellissima iniciativa. A critica faz-lhe accusações graves ao seu merito, declarando-o um pintor mediocre e incorrecto. Mas, incontestavelmente, os trabalhos que apresentamos aos nossos leitores são bellas no seu conjunto, embora concordemos não serem impecaveis nos detalhes. O certo é que possuir hoje uma tapeçaria Boucher é ter na algibeira alguns contos de réis.

Joias da Litteratura Brasileira

VIRGENS

MORTAS



Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,
Nova, no velho engaste azul do firmamento,
E a alma da que morreu, de momento em momento,
Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silencio e no recolhimento
Do campo, conversais a sós quando anoitece,
Cuidado! — o que dizeis, como um rumor de prece,
Vai sussurrar no céo levado pelo vento...

Namorados, que andais com a bocca transbordando
De beijos, perturbando o campo socegado
E o casto coração das flores inflammando,

— Piedade! — Ellas vêm tudo entre as moitas escuras.
Piedade! esse impudor offende o olhar gelado
Das que viveram sós, das que morreram puras!

Olavo dos Guimarães Bilac.

Roupas de
Cama
e Meza
Os mais bellos
e
vantajosos
Sortimentos
nos
Armazens
Brazil
Assembleia-104
Glz. Jias-6.

**TOSSES, BRONCHITES,
CONSTIPAÇÕES**

SÃO RADICALMENTE CURADAS
COM O

XAROPE ROCHE
AO
THIOCOL

O GRANDE PREVENTIVO DA TUBERCULOSE



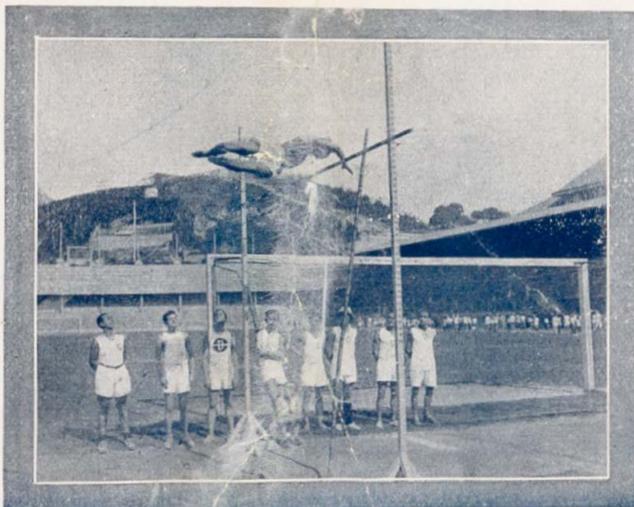
O Mundo Sportivo

A Arte de patinar

A patinagem é um sport formoso e util, sobretudo quando executado ao ar livre, sobre elle julgamos interessante dar algumas notas, nesta secção, mormente porque a patinação é, principalmente, praticada por senhoras.

Não se sabendo as regras fundamentais da arte de patinar, não é possível aprender, nem sequer medianamente, e se bem que uma explicação por escripto pôde dar a um patinador, capaz de comprehender, grandissimas vantagens, nenhum livro sobre patinagem pôde suprir por completo um verdadeiro "trainer". É muito difficil calcular-se a enorme importancia que tem a presença destes homens. É preciso, porém, não os confundir com os chamados instructores ou professores de patinagem, que existem por esse mundo aos milhares. Os patinadores, nomeadamente os principiantes, naturalmente não sabem que os mais conhecidos "trainers" desde ha muitos annos que não patinam, mas ensinam a patinar, mente p.

SALTO DE ALTURA



Jayme Bordallo, vencedor do salto de altura, (3 metros) no Fluminense

O sport de patinação muito variado e nem a gymnastica, nem o athletismo, nem outros jogos de movimentos podem comparar-se com elle. Não fatiga, dá emocão e desenvolve extraordinariamente o corpo. Os que acreditam que elle desenvolve apenas os muscles das pernas estão absolutamente enganados. As pernas tem importancia sómente para os principiantes no começo, — mas depois, quando se inicia o trabalho do busto, do tronco, do torax e dos hombros, as pernas passam a segundo plano. Naturalmente, continuam trabalhando, porque até os braços e as mãos tem que fazer. Além disso, este sport, no seu desenvolvimento, activa muito a intelligencia. A cabeça realiza quasi tanto trabalho como os muscles na arte de patinar. Muitos não conseguem comprehender o prazer que dá a patinagem: mas quando um patinador perfeito começa a evolucionar parece que lhe crescem azas, e, conseguindo um novo orgão de movimento, vóa, como uma aguia. Quanto mais nos adeantamos, mais prazer sentimos.

É claro que a arte de patinar deve estar superior á patinagem de velocidade ou á patinagem ordinaria.

Para prosperar na arte de patinar não basta ter força ou habilidade, ou ter realisado um bom "entrenamento". Precisa-se, para conseguir uma certa perfeição, alguma cousa que deriva da combinação de todas as qualidades. No primeiro plano está o sentimento da belleza e a capacidade precisa para realizar esse sentimento na patinagem. Tudo em conjunto se poderia chamar "talento".

Não basta, porém, fazer no plano em que se patina uma figura ou executar uma volta arriscada: é preciso tambem que essa figura seja justa, realisada com bellos movimentos de corpo e de accordo com as regras determinadas. O mais importante na arte de patinar é a educação do corpo humano nos movimentos graciosos e elegantes. Para patinar correctamente é preciso, principalmente, uma adequada (embora não exaggerada ou forçada) posição do corpo. Quanto mais naturaes e elegantes forem os movimentos, tanto mais exactas serão as figuras traçadas pelo patim.

Porque é um sport, a patinagem deve contribuir para a saúde do corpo e fomentar o desenvolvimento da força muscular. Tudo quanto é frouxo ou exaggerado nada tem que ver com o sport, que é um meio de forçar o corpo a um trabalho a que, commumente, não está obrigado. Posições de corpo e movimentos exaggerados,



Miss Gladys Robinson, conquistadora do campeonato de patins na America do Norte

durante os quaes se torce o corpo e as extremidades, como se estivessemos com convulsões os trabalhos predilectos de certos patinadores profissionaes para impressionar os espectadores pufanos. Como não possuem verdadeiras facultades artisticas, tem de apresentar uma prova de força para atrair a attenção publica.

Más, — perguntarão os leitores — qual é então a verdadeira arte na patinagem? É saber fazer complicadas figuras, com arte e graça, ou são estas cousas acrobaticas que muitas vezes, para serem executadas, trazem deslocação de membros? Não. Este ultimo caso é apenas a rotina, porque a verdadeira arte nada tem que ver com a difficuldade de execução. O que ella quer saber é o "como" e depois o "porque".

A arte de patinar é um elegante movimento continuo e natural, baseado em principios mechanicos e estheticos. É uma configuração expontanea do que se sente e do que se vê: quanto mais apparece, por isso, a individualidade do patinador, mais alto se levanta a arte de patinar. Nunca nos devemos esquecer que a arte não se conquista sem esforço e que a patinagem não pôde ser uma excepção á regra. São poucos os que não supportam momentos amargos, apesar de possuírem qualidades excepcionaes para esta especie de sport. Por isso mesmo não devemos desanimar quando, no principio, os pés não nos obedecem, fazendo-nos despertar o desejo espontaneo de andar a quatro. Com alguma constancia, as extremidades pouco doces submetter-se-hão e o patinador principiante poderá manter-se nas pernas, fazendo dos pés o que quizer.

No Brasil a patinagem não passou ainda do seu periodo de infancia. Ha, sómente, patinadores — amadores. Quando tivermos um rink em que a arte de patinar se desenvolva e educa a nossa mocidade a ter a noção da belleza phisica?

SPORT FEMININO



O "team" feminino do VASCO DA GAMA

O que um sportman
::: deve saber :::
O exercicio e o coração normal

A crença de que o coração na sua vida normal, pôde ser attingido em consequencia da pratica de exercicios excessivos, ou realizados de uma maneira imprudente, tem sido communmente aceite e constitue uma fonte perpetua de sobresaltos para quem tem filhos. No entanto trata-se da mais errada das affirmações.

A sciencia medica tem soffrido, durante os ultimos annos, grandes modificações; podemos falar hoje do coração e dos outros muitos orgãos do corpo com a segurança que não existia antigamente. Novos e maravilhosos instrumentos, novos methodos de investigações scientificas, lançaram uma luz meridiana sobre muitos pontos obscuros, tornando possível rever e alterar antigos pontos de vista, ou, pelo menos, fazer com que, quem os sustenta, dê as razões scientificas em que baseiam as suas affirmações.

Quasi todas as auctoridades medicas, que modernamente se externaram sobre o assumpto, opinam que o exercicio, ainda que seja intenso, prolongado e repetido, não prejudica o coração normal; e que as demais funções do organismo humano, como sejam a dos musculos, dos pulmões, do systema nervoso, succumbirão de fadiga antes que o coração seja attingido nas suas maravilhosas reservas de energia. A menção destas reservas conduz á affirmação da sua existencia, pois é, precisamente, tal reserva de poder, o que permite que o coração satisfaca as maiores necessidades de vitalidade, sem com isso soffrer o menor prejuizo.

Para chegar a comprehender quaes e quantas sejam taes reservas, e de que factores dependem, será conveniente fazer um breve exame da anatomia do coração, assim como dos resultados das mais recentes investigações physiologicas referentes ao mesmo.

Recordaremos, em primeiro lugar, que o coração é um musculo ôco, dividido em duas partes, de cima a baixo, por um "tabique". Cada uma dessas porções, direita e esquerda, está dividida, por sua vez, em duas partes: a de cima, que é uma camara de recepção, e a de baixo que é destinada á expulsão do sangue. Este, depois de ter percorrido todo o corpo, é recebido na divisão superior da direita (auricula direita) e passa para a divisão inferior do mesmo lado (ventriculo direito) donde é impellido em direcção aos pulmões. Ao voltar, já purificado, penetra no receptaculo superior da esquerda (auricula esquerda) e passa para a cavidade inferior (ventriculo esquerdo), seguindo pela aorta e ramificações para todo o corpo. As ramificações do aorta, ou sejam os vasos de systema arterial vão, progressivamente, diminuindo de calibre, sendo cada vez mais finos, até tomarem uma forma microscopica. Aqui, neste sistema capillar, é que se realiza a nutrição do corpo, encarregando-se o sangue dos

productos de eliminção. As paredes das arterias são providas de numerosos e diminutos musculos que, ao contrair-se e dilatar-se, augmentam a pressão do sangue, levando-o até ao seu destino e impedindo-lhe o retrocesso. A pressão do sangue augmenta ou diminue tambem segundo o ritmo das pulsações do coração. A nutrição do coração faz-se por meio de vasos sanguineos que saem da curva da aorta e penetram na parte musculosa do coração (arterias coronarias).

A facultade especial que differencia o coração dos outros musculos é o poder que tem de contrair-se. Um observador, depois de ter arrancado o coração a varios coelhos teve-os durante mais de 40 horas dentro de um bloco de gelo; o, depois de extrair-os, collocou-os de novo em actividade, que conservaram por espaço de algumas horas. Experiencias feitas com corações humanos demonstram que este orgão pôde continuar latejando durante 20 ou 30 horas, depois de separado do corpo.

O movimento cardiaco é realizado pela acção de dois grupos de nervos, um que tende a acelerar-o, e outro com a missão de o retardar, estabelecendo-se entre ambos um maravilhoso equilibrio. A normalidade da circulação depende tambem, em parte, do estado de espirito do individuo, podendo acelerar-se ou retardar-se, segundo a impressão que num dado momento nelle se esteja produzindo.

Feita esta rapida resenha anatomica, vejamos o que se dá num coração normal, e na circulação durante o exercicio. Admittido, está, que a energia se produz nos musculos por meio da combustão nelle effectuada da substancia glicogenica no oxigenio: a primeira cousa que um musculo exige, quando realiza um determinado trabalho, é o augmento desta substancia; e como o oxigenio é ministrado pelo sangue, que o recebe nos pulmões, dá-se, com o excesso de trabalho muscular, um rapido fluxo de sangue do coração para os musculos. As veias recebem e passam para a auricula direita uma quantidade de sangue superior á normal. Isto faz com que o coração se distenda um pouco, continuando essa distensão até que o coração se habitue a essa mudança de condições, e a saída do sangue eguale a entrada. Para isto se realisar, o numero de pulsações augmenta e as paredes do coração permanecem mais ou menos dilatadas, enquanto dura o exercicio. O augmento dá-se tambem na pressão do sangue, e esta, por sua vez, favorece o fluxo do liquido vital através das arterias coronarias, que são as que nutrem o coração, considerado como musculo.

Quando cessa a intensidade transitoria das funções desempehadadas, o coração reassume o seu tamanho anterior e o seu ritmo ordinario. Daqui se infere que em lugar de considerar o coração como um orgão de tamanho fixo, no qual, qualquer augmento de volume se deva considerar enfermidade, o podemos aceitar como um orgão de extraordinaria adaptabilidade. A dilatação effectuada em consequencia do alargamento das fibras musculares do coração dá a estas mais aptidão para contraírem-se e torna-os mais susceptiveis de o fazerem com mais intensidade.

Para o vulgo, as palavras "coração dilatado" são sempre sinonimas de coração doente. É certo que algumas achages deste orgão produzem dilatação, mas deve attender-se que não estamos fallando de corações doentes, mas de corações normaes, em que um determinado grau de dilatação é physiologicamente necessario para que as suas funções se cumpram na devida forma. O eminente physiologista Harling disse, a este respeito, o seguinte: "Quando em consequencia de um exercicio, o coração recebe uma maior quantidade de sangue, a que tem de dar maior pressão, dá-se uma dilatação temporaria, com o alargamento das fibras musculares. Quanto maior for a pressão do sangue, maior é a quantidade do que passa para as arterias coronarias, que dão vitalidade ao coração. Por outras palavras: quanto mais o coração tiver que trabalhar, maior será a alimentação que recebe. Desde que cesse o trabalho extraordinario que se lhe impoz, o coração voltará ao seu tamanho normal."

A dilatação, durante o exercicio, não é, por conseguinte, no coração normal, uma indicação de doença. O coração pôde dilatar-se até chegar ao pericardio, que é a bolsa de tecido fibroso, dentro do qual elle está; apesar de que é caso muito excepcional que a dilatação chegue em corações normaes ao seu maximo. Quando se exige do coração, de uma maneira continua e prolongada, um trabalho extraordinario, então o musculo cardiaco augmenta de volume de um modo permanente.

Um plano

*Sim senhora.
Nós, futuristas, não
escrevemos para os
homens de hoje!
Escrevemos para
sermos lidos d'aqui
a cem ou duzentos
annos!*

*Ah! agora
compreendo. Os
senhores serão elo-
giados agora por
escreverem para o
uturo: e serão elo-
giados d'aqui a cem
annos porque nos-
os bisnetos pen-
sarão que os senho-
res escreveram pa-
ra o passado.*



FABRICA DE LUSTRES

E OUTROS APPARELHOS DE ILLUMINAÇÃO ELECTRICA

FUNDIÇÃO DE BRONZE



Casa **BERTHOLD**

TELEPHONE - NORTE 3559

Rua Theophilo Ottoni 90

RIO DE JANEIRO

⇒ **INSTALAÇÕES DE LUZ E FORÇA** ⇒

UM ESTABELECIMENTO

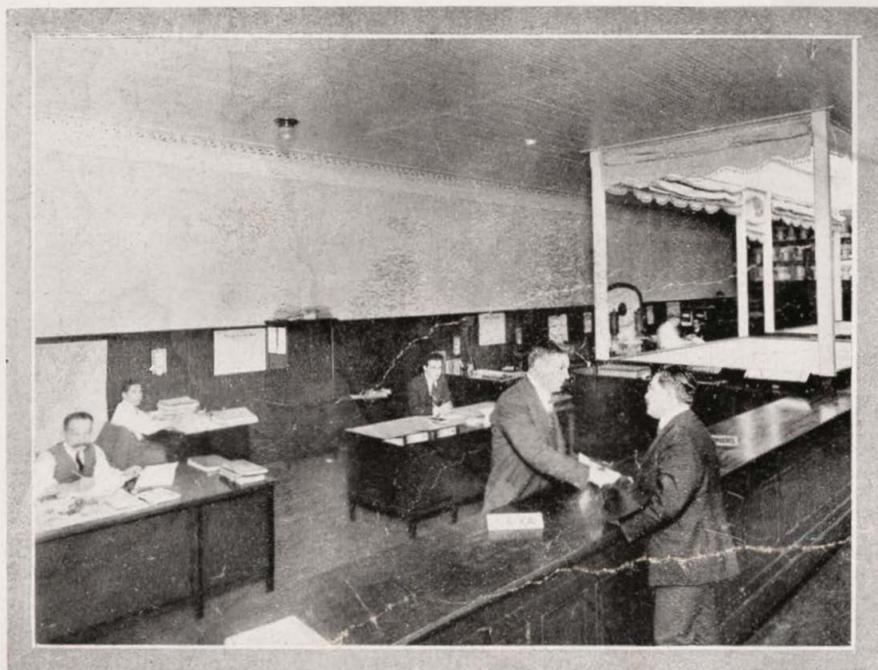
A nova sêde da firma



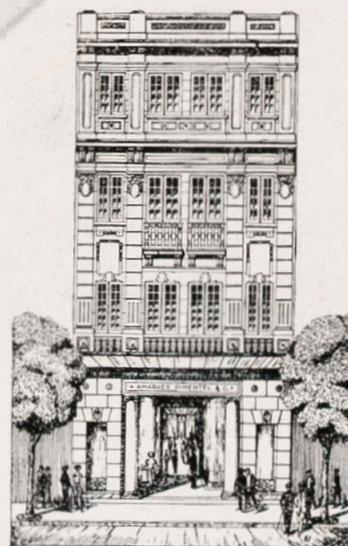
O Snr. Amaraes Pimentel e sua Exma. filha, a madrinha do novo estabelecimento, no acto da inauguração do mesmo.



Gabinete de trabalho do chefe da casa



Vista parcial do escriptorio no terceiro andar



Fachada do novo prédio

COMMERCIAL MODELO

Amaraes Pimentel & C.



Vista geral do primeiro andar, vendo-se ao centro o Sr. Amaraes Pimentel em companhia de sua gentilissima filha Mlle. Eunice Pimentel.

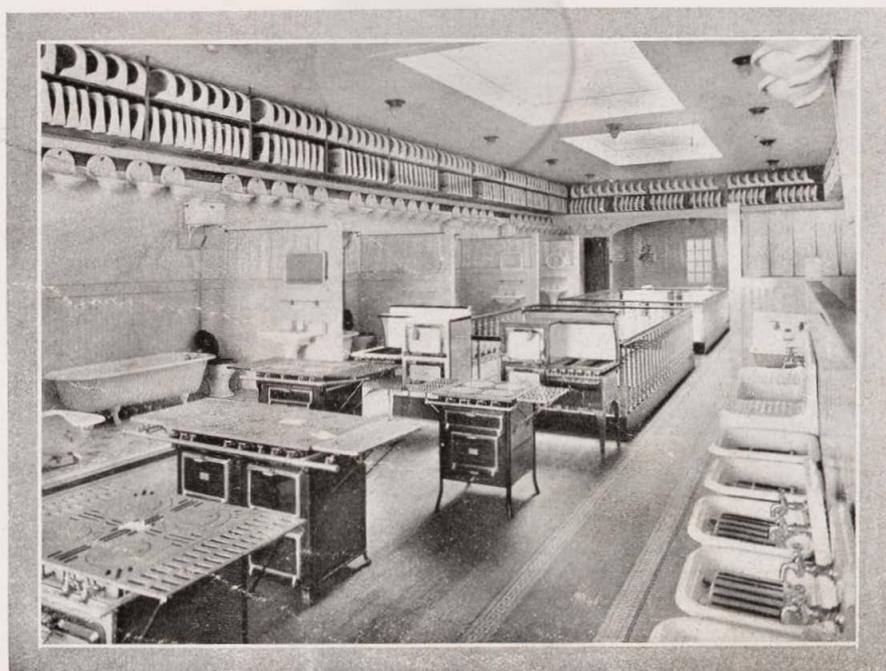
A firma Amaraes Pimentel & C., em tallon a sua sede social á rua da Carioca n. 45, em predio reconstruido especialmente para ella.

O acto inaugural effectou-se no dia 4 de Agosto, tendo despertado a admiração dos convidados a bella exposiçõ de artigos do commercio da firma, apparelhos sanitarios de porcellana, granito, gres vidrado e ferro esmaltado, fogões modernos, lustres para electricidade, azulejos, ladrilhos e mosaicos de ceramica; cimento e outros materiaes; marmores para construcções e cemiterios.

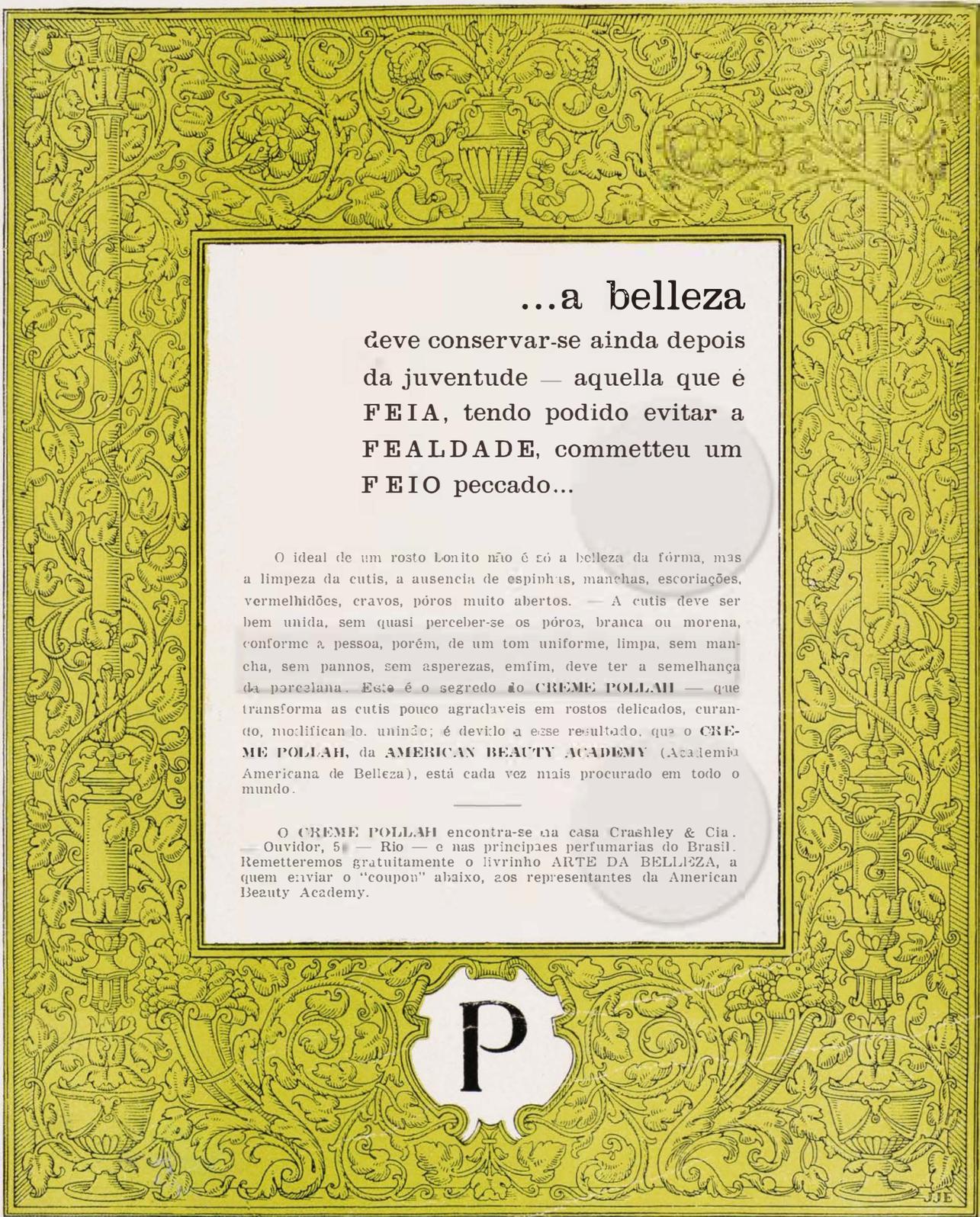
A firma Amaraes Pimentel & C. possui um outro mostruario á rua de S. José n. 77, fabrica de ladrilhos á rua do Riachuelo n. 132, e officina de marmores á rua de S. José n. 78.



Predio á Rua do Riachuelo, 130 - 134 de propriedade da firma, em cujos fundos estão installados os seus depositos e fabrica de ladrilhos.



Vista geral do segundo andar



...a beleza

deve conservar-se ainda depois da juventude — aquella que é **FEIA**, tendo podido evitar a **FEALDADE**, commetteu um **FEIO** peccado...

O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da fórma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos. — A cutis deve ser bem unida, sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa, porém, de um tom uniforme, limpa, sem mancha, sem pannos, sem asperezas, enfim, deve ter a semelhança da porcelana. Este é o segredo do **CREME POLLAH** — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo; é devido a esse resultado, que o **CREME POLLAH**, da **AMERICAN BEAUTY ACADEMY** (Academia Americana de Belleza), está cada vez mais procurado em todo o mundo.

O **CREME POLLAH** encontra-se na casa Crashley & Cia. — Ouvidor, 5 — Rio — e nas principaes perfumarias do Brasil. Remetteremos gratuitamente o livrinho **ARTE DA BELLEZA**, a quem enviar o "coupon" abaixo, aos representantes da American Beauty Academy.

FROU-FROU... — Ser. Rep. da "American Beauty Academy" — s. de Março. 1914. — Rio de Janeiro

Nome..... Cidade.....
Rua..... Estado.....



Sua Magestade a Moda



EM PLENA APOTHEOSE



Sua Magestade a Moda abrin o seu "parlamento" na sala dourada do Municipal. E' alli que, presentemente, ella ostenta o seu poder formidavel, ouvindo Claudia Muzzio e Toli Dalmonite. Se os costureiros de Paris viessem fazer uma viagem por esta terra de S. Sebastião, ver-se-hiam sob o dominio d'uma verdadeira scena de ilusionismo. Não era mais uma terra de "lá bas", mas o mesmo Paris, o logar em que se encontravam. As operas e os artistas são até, nestas noites de gloria, valores secundarios; os grandes artistas e as grandes "obras", são, pelo menos para "ellas", Worth, Agnés, Doral, Amy-Linker, Jean Patou, Monge, "et reliquia".

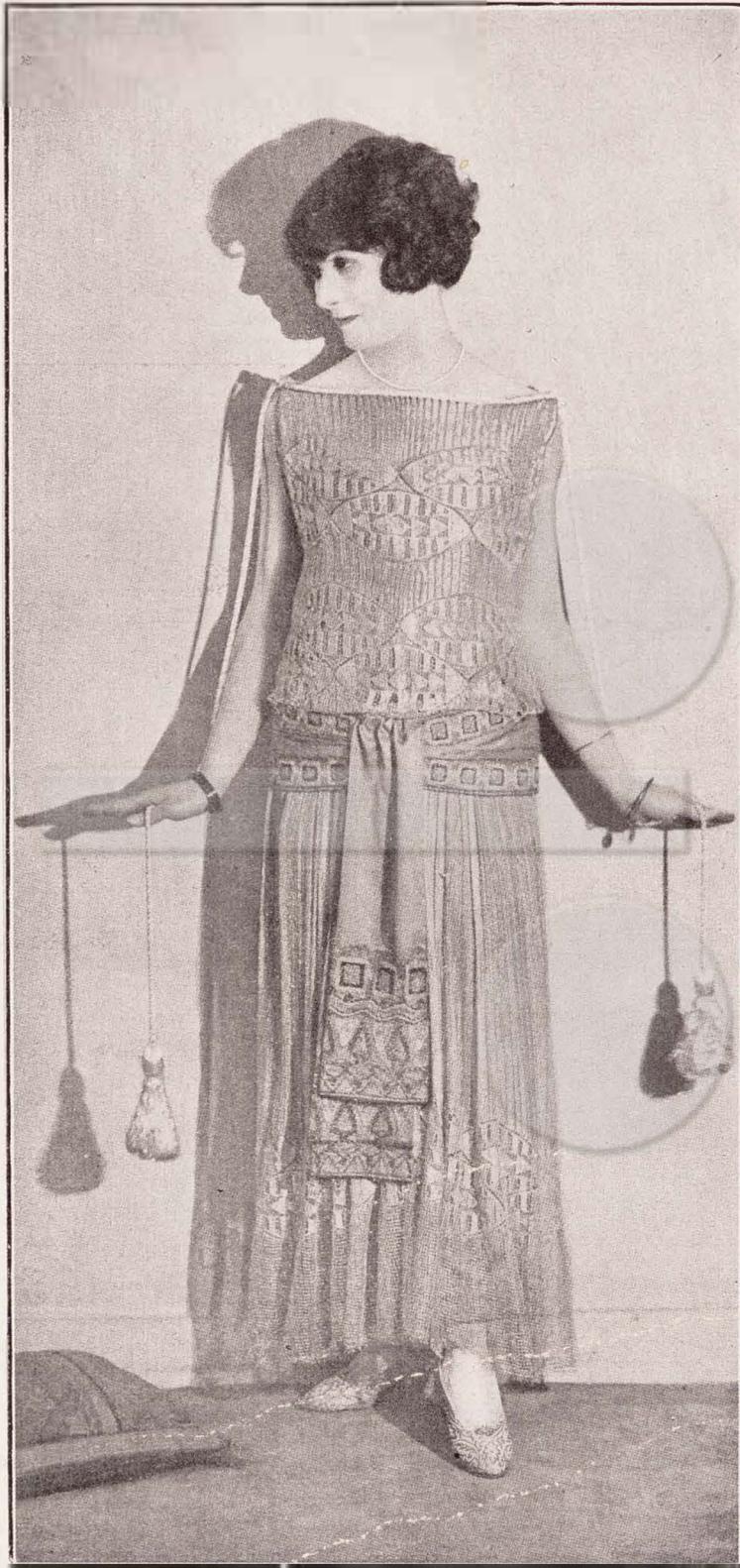
E' a Moda em plena apothese. A moda estrangeira, a moda parisiense na sua maioria. Mas superior á arte lirica, superior ás linhas artisticas da moda é a arte com que "ellas" se criticam na sua semi-nudez! Ah! se fôsse possivel apanhar as ideias que lhes tumultuam nos pequeninos cerebros sobre as "toilettes" das amigas!... Que bellas paginas de critica mordaz se escreveriam!

O Municipal tem, n'estas suas noites de gloria, um ar curioso de familia. Como são quasi sempre os mesmos, os tresentos de Gedeão, fallam, cochicham, palram e gritam, como estivessem nos seus salões de receber. No intervalo em que a Manon ou a Mimi gritam as suas dores de amor, a respeitavel senhora F. conversa com a não menos respeitavel senhora C. dos abusos da sua eosinheira que lhe faz cabellos brancos.

Cá de cima do poleiro, onde gosam um pouco os que se preocupam mais com a arte do que com os trapos, aquelles dorso de jaspe, por aqui e alli cortados de respeitaveis carecas, dão-nos a vertigem do abysmo, em cujo fundo se agitam, em mil contorsões, as almas em que a vaidade impera despoticamente.



ROBE DU SOIR, de Jean Patou — Paris



DESHABILLÉ. criação de Doucet — Paris



TOILETTE DE PASSEIO, criação de Mmc. Dorat — Paris



MODELOS

PARA

CHAPEUS



*cloche em selim. aplicação
com flores de varias cores
Modelo FEMINA*



*em palha guarnecido com veo Illusão
Modelo FEMINA*



Modelo da Casa Beranger — Paris



*em tafetá preto
aplicação gris.*

Modelo FEMINA



Modelo da Casa Soget — Paris



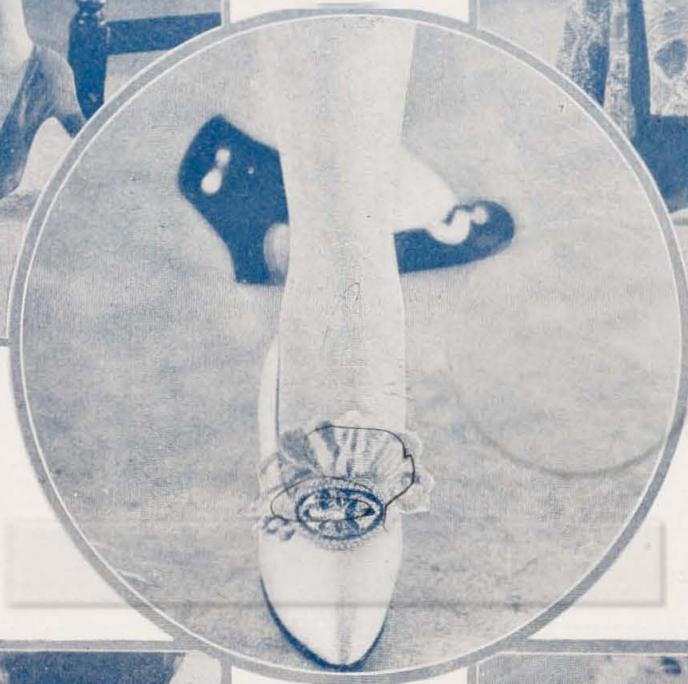

SAPATOS




Sapato de camurça cinzenta, com entrada baixa e fivela de metal.



Sapato de selim preto, para soirêe com fivela dourada e salto forrado de pelle amarello-ouro.



Sapato de setim branco com fivela de perolas e rendas.



Sapato preto com fivela de prata

Sandalia de couro envernisa lo



CUPIDO -- Filho de La Palisse -- *Ora papai! Casar-me com o Guedes!... mas o Guedes só diz asneiras... Pois é essa a melhor prova de que elle está apaixonado!*



*Garantidas de pura seda
para senhora
O maior sortimento
Cores as mais variadas
Os menores preços*

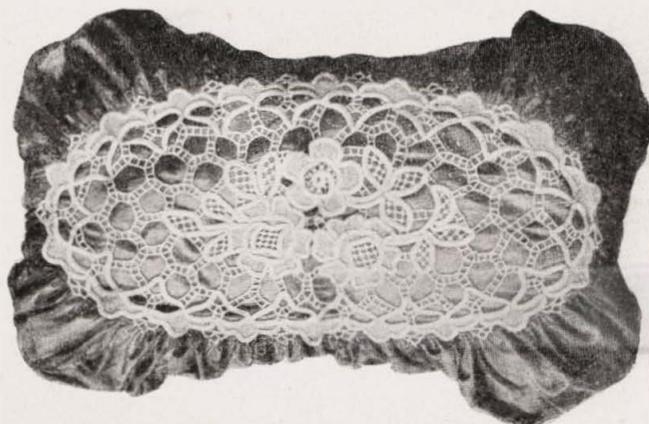
Rua Gonçalves Dias, 75

Telephone Central 2893

ALBUM FAMILIAR

ALMOFADAS

É o decór do momento. Ha annos que se iniciou o seu dominio, e ainda hoje a almofada se impõe como movel de ornato, em-lora não na exagerada "fartura" com que pesosas de mau gosto atafulham os seus minusculos salões, de modo a parecer mais uma exposição de almofadas do que uma sala de receber. Damos hoje ás nossas leitoras dois bellissimos e originaes exemplares de



Almofada de leito em renda de Toscana — (85 x 55)

almofada : a almofada egypcia e a almofada de rendas de Toscana, para leito.

A almofada de rendas de Toscana para leito é um trabalho muito decorativo. A gravura que vae ao lado falla eloquentemente por si para dár ás nossas leitoras uma impressão do bellissimo trabalho que ella representa. A almofada é em oval alongado, sendo o centro ornamentado de um tufo de rosas em rendas, d'um ponto mais cheio que a cercadura, voltando o mesmo ponto aos extremos que em volta fecham a renda. Para a montagem, cortam-se dois ovaes de setim de côr viva, alaranjado, por exemplo; depois cercam-se esses ovaes com tufos do mesmo setim, alargando-se para as extremidades, como mostra a gravura. Sobre o centro colloca-se a renda, que deve ser de linho cru.

A almofada egypcia é d'uma originalidade incontestavel e magestosa, devendo ficar maravilhosamente, por exemplo, em uma sala *estyló imperio*. O tecido do fundo deve ser feito é um taffetás de boa qualidade, de côr de azul velho com reflexos prateados. A *esphinge*, que occupa quasi toda a superficie é cortada em taffetá *beige*. Cerca o seu contorno por um ponto de lã mais escuro nas linhas exteriores e mais brando nas interiores. A base em que assenta a esphinge é tambem do mesmo taffetá, bem como as flores de lotus que estão nos angulos. Cerca a almofada um cordão côr de ouro velho, terminando nos angulos em borlas.



Ainda temos um outro tipo de almofada em renda, de que não damos gravura, por falta de espaço, mas de que faremos uma leve descripção : é a chamada almofada de papagaio. Forma triangular. Renda de tecido largo, facil e que depressa se confecciona. Esta almofada, d'um desenho muito original, tem ao centro um papagaio recortado em "cordonet" para lhe dar relevo. Cerca a renda um entremeio, por sua vez cercado de renda do mesmo estylo, formando "picot". Para a montagem, faz-se empregando dois triangulos de setim, reunidos por um largo folho, em toda a volta. O triangulo de renda occupa o centro.

Podereis fazer uma outra almofada de papagaio, trabalho de simples phantasia, mas que não exige grande talento para a sua realisação. Na verdade, todo o trabalho consiste apenas em applicações d'um formosissimo effeito. O papagaio desenha-se n'um pedaço de taffetá branco, applicando-se sobre a almofada de seda amarella.



ALMOFADA EGYPCIA — (85 x 45)

PYROGRAVURA

Comquanto não representem um trabalho artistico, no bom e legitimo sentido do termo, as obras em pyrogravura servem para dar um certo gosto a objectos caseiros, que em geral não tem nenhum relevo artistico porque se façam notar. Aqui tem as nossas leitoras tres objectos em que a pyrogravura pôde deixar uma nota distincta e de gosto: um porta-toalhas; um thermometro e uma capa em carneira para livro de estimação.

Para o thermometro prepara-se uma pequena taboa de madeira



de sycomoro, de 0,20 de altura por 0,10 de largura, sobre o qual se collocará a baquette de vidro, tendo por banço a escla thermomelica. No espaço em claro fazem-se pequenas flores pyrogravadas, dispostas com uma certa liberdade. O trabalho, a que se daria, um traço muito fino, receberá uma patine de verde de Verona, requintando-se em seguida a gouache, com as flores escuras em tom de purpura, e as brancas em amarello sombrio. Por fim invernisase toda a toboa.

Um porta-toalhas vem em seguida. E' um objecto muito simples de fazer. Uma pequena taboa a meio da qual se fixaria uma barra de cobre niquelado, que é a indicação da utilidade do objecto. Sobre a taboa traçam-se a pyrogravura grandes rosas com traço muito forte. Para esta porta-toalhas não se deve usar nenhuma especie de colloração, não

só porque assim, apenas envernizada, o traço da pyrogravura mais se destaca, como porque a acção da humidade que sempre, mais ou menos, toca a taboa, inutilisaria o trabalho.

Vem finalmente uma cobertura para livro em couro. O desenho de rosas que ornamentará esta cobertura será simplesmente pyrogravado, e o que lhe dará encanto será a patine. A primeira coisa que devemos procurar obter será uma patine geral, que poderá ser em azul escuro, que se prepara com uma leve solução de sulfato de ferro. Collocando o couro em um prato cheio de agua, deita-se a solução, em gottas, na superficie do liquido, obtendo-se tons d'uns effeito muito feliz. Depois de séco, colora-se o couro, levemente, com um verde pallido de aguarella as folhas, que na gravura, aqui, vão indicadas em tons mais escuros. Depois, basta friccionar o todo com um pedaço de setim, embebido de uma solução caustica.

Ainda poderemos ornamentar outros pequenos objectos, de algum dos quaes poderemos ainda fallar. Uma faca de madeira para papel, por exemplo, que ficará encantadora quando pyrogravada. Tratando-se de um pequeno objecto, toda a sua qualidade resulta na perfeição do trabalho. A pyrogravura é

que lhe dá mais encanto,mas pôde fazer-se de uma maneira mais simples e com não menor belleza. Tracem-se os contornos do desenho, em lapis forte, e ao de leve, traços que em seguida se cobrião com tinta de Nankin, depois de ter tingido a madeira com permanganato de potassio para lhe dár uma coloração escura. Depois, inicia-se a devida coloração do desenho: as flores com branco de "guache" puro, e as folhas de verde carregada. Depois de bem séco, o objecto será envernizado.



OS VOSSOS JÁRDINS.

AS ESTUFAS

As estufas são o reservatorio da nossa decoração de interiores. Alli se guardam os exemplares das plantas que em dias de festa farão da nossa casa um Eden. E não é uma estufa cousa tão cara que demande ter fortuna. Basta ter cuidado, terreno e saber. Aqui vão algumas instrucções a respeito.

O lugar escolhido para a construcção das estufas deve ser secco e abrigado dos raios do sol, para que não haja grandes alternativas de calor, frio e excesso de humidade.

Uma temperatura sempre igual é o que exigem as estacas que estão nas estufas, durante o trabalho da reconstrucção.

As estufas para este fim devem ser baixas; o chão no interior deve estar abaixo do sólo 10 ou 15 centimetros; a coberta do lado da abertura com 22 centimetros e do outro com 44 acima do sólo. A largura 1 metro. Comprimento, dá-se o que se quer.

A proximidade dos vidros da coberta muito influe no desenvolvimento das estacas.

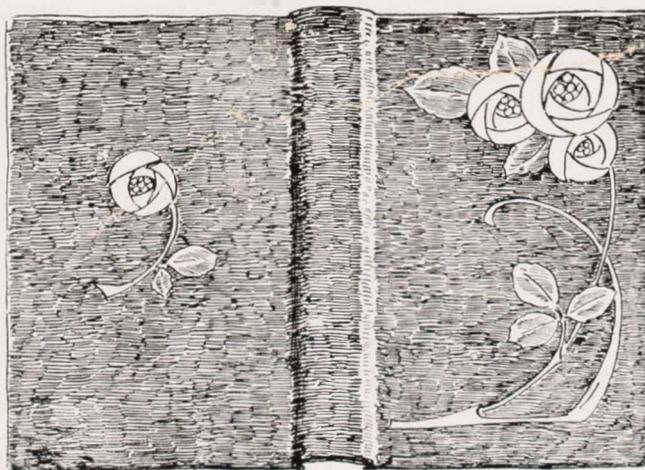
Estas estufas podem ser de madeira ou de tijolos e os caixilhos devem de preferencia ser de madeira, por serem os de ferro muito pesados.

Os vidros empregados devem ser muito pequenos, para evitar-se grandes aberturas, se algum se partir.

Temse fallado ultimamente na grande influencia dos vidros roxos applicados ás plantas e animaes e mesmo em certas molestias do homem.

Se a estufa fór muito comprida, faz-se com diversos tampos, para ser facil levantar-se cada uma por sua vez e tambem deve corresponder cada uma á sua divizão interna.

A multiplicação nas estufas é mais facil de Março a Outubro, emfim se pôde obter a temperatura exigida de 15 grãos no minimo e no maximo 30 grãos para as plantas extra-tropicæes.



O Coração Resplandecente

EM tempos antigos vivia, não sei onde, uma raça de homens; só o que sei é que florestas impenetráveis rodeavam por três lados as tendas dessa gente, ao passo que do lado restante os seus olhares se alongavam pelo steppe illimitado. Esses homens eram fortes, alegres, audazes e contentes, até que ruim destino os acabrunhou. Vieram outras tribus que dos lares os expulsaram para o mais cerrado da floresta, onde a terra estava toda coberta de pantanos e de atoleiros, e onde reinava uma escuridão lobrega — porque a floresta tinha um rôr de séculos de idade, e os ramos das arvores por tal forma se haviam enredado uns nos outros que através delles não se via uma nesga de céu, e os raios do sol a custo penetravam pela massa espessa de folhagem. Mas quando o sol cahia sobre as águas estagnadas dos paues e dos brejos, erguiam-se venenosos vapores da superfície anegrada, e, um a um, iam morrendo os homens.

E levantou-se grande alarido entre as mulheres e as creanças da tribu, mas os paes cahiam num scismar profundo:

— "Urge que achemos caminho para fóra da floresta".

Tinham a escolher duas direcções apenas. Uma dellas levava-os de novo aos primitivos lares, mas esses, havia-os invadido o inimigo poderoso e cruel; o outro, sempre avante, por onde as arvores gigantes lançavam as fortes ramadas umas em volta das outras, afundando na terra apaulada as raizes nodosas. Todos os dias ellas se quedavam immoveis, silenciosas, como petrificadas, num diluculo pardacento. Quando anoitecia e se acendiam fogueiras, ellas pareciam pesar mais rudemente sobre essa gente habituada á expansão do steppe á vida e á liberdade. Mais horrendo era ainda quando o vento agoutava as copas do arvoredo e a floresta sussurrava soturna e terrível, como se entoesse uma nenha sobre esse povo que nos seus recessos buscara acolhida contra o inimigo.

Valorosos eram elles, e não teriam vacillado em travar peleja mortal contra aquelles que lhes haviam empolgado a patria.

Não podiam porém morrer. Uma missão tinham; de seus avoengos haviam herdado tradições que morreriam com elles, se acaso perdessem na batalha.

Noites e noites passavam portanto no sonho, na meditação e na ociosidade, entre os vapores mephticos, enquanto a floresta rugia.

Sentados em torno das fogueiras, alongavam as sombras em derredor delles; mas a seus olhos, afiguravam-se ellas espiritos ruins das florestas e dos pantanos.

Por isso seus corações fraquejavam, dominava-os o terror, prendiam-se-lhes os braços, e cada vez com mais frequencia segredavam e depois soltavam em voz alta palavras abjectas e ignobeis. Era melhor que retrocedessem, que se entregassem aos inimigos, que renunciassem á liberdade. O terror de um viver captivo era menor nelles do que o pavor de morte.

Foi então que Danko se adeantou, e os salvou a todos — elle sózinho.

Era Danko um formoso mancebo da tribu; são sempre intrepidos os que possuem a belleza. Portanto, elle disse assim aos companheiros:

— "Não é com pensamentos e palavras apenas que podemos remover os estorvos que se erguem no nosso caminho. De que serve perder tempo e força e queixumes vãos? Senhores: embrenhem-nos pelas profundezas da floresta, até que a atravessemos. Algures deve ella de acabar. Tudo na terra tem um termo. Pantanos. Vinde!"

Todos o encararam, e convenceram-se de que era elle o melhor e mais valente, porque em seus olhos viram coragem e entusiasmo.

— "Guia-nos tu!" bradaram.

E foi assim que elle os guiou. Adeantaram-se ousadamente, por isso que nelle confiavam. Era difficil deveras o caminho. Cerração á volta delles; e a cada passo os paues enguliam homens, e as arvores obstruam-lhes a marcha, em fileiras cerradas; intrincavam-se as ramadas á laia de serpentes, as raizes alongavam-se por toda a parte, e cada passada para a frente custava suor e sangue.

Largo espaço jornadaeram. Mais e mais espessa lhes surgia a floresta. Até que por fim lhes falleceu o animo; começaram a murmurar que o juvenil e inexperito Danko os guiava de balde para a densidão da floresta. Elle porém caminhava sempre avante com tenacidade e cheio de esperanza.

Mas eis que se levantou uma tempestade, esbravejando sobre a floresta; um rugido agourento percorreu o arvoredo. Desabaram trevas, como se alli se ouvessem condensado todas as noites desde o inicio da creação. Os miseros marchavam por entre as arvores colossaes, através dos ribombos do trovão. Troncos gigantes, curvando os torpes, rouquejavam sinistros cantos funebres.

Por sobre a floresta dardejavam relam-



O coração despedaçou-se em milhares de scentelhas

pagos sinuosos, e envolviam-na por um instante numa luz fria e pallida.

Em taes momentos parecia aquella gente que as arvores viviam, que para elles alongavam os longos braços nodosos; no meio da treva circulante, parecia estar de embuscada algo de negro e de gelido.

Era um caminhar cheio de angustias. Estava quasi exhausta aquella gente, e seus corações sosobravam.

Todavia, envergonhados de confessar sua fraqueza, accumulavam toda a colera e todo o rancor sobre Danko, o qual caminhava sempre á testa delles, e começaram a accusal-o amargamente:

— "Illudiu-nos; não pôde governar-nos".

Detiveram-se, afastados, com os corações repletos de odio, enquanto a floresta entoava um hymno de triumpho. E entre as sombras tremulas da noite, fizeram-se juizes de Danko.

E disseram assim:

— "E's infame e malvado. Levaste-nos ao desastre; e agora debes morrer".

Os coriscos e os trovões ratificaram a sentença.

— "Vós disseste-me: Guia-nos! e vosso guia eu fui", clamou Danko, pondo o peito a descoberto. Força e coragem me assistem para ser chefe, e foi por isso que vos guiei. E vós que fizestes? Nem força, nem constancia, vos coube para uma longa jornada. Segui-me como um rebanho de ovelhas".

Estas palavras atigaram o furor de todos. — "Deves morrer! Deves morrer!" gritavam elles.

Em unisono com elles cantava a floresta, e os relampagos esfarrapavam as trevas.

Danko olhou para aquelles por amor de quem tantas fadigas curtiara; cercavam-no todos em circulo cerrado, e os semblantes eram ferozes. Viu então que não lhe era dado esperar por piedade, e o peito inflou-lhe de coraço.

Mas logo este sentimento se dissipou; amava aquelles homens, e parecia-lhe que sem elle o seu destino era a morte. Abrazou-lhe o coração o lume do amor puro, e esse lume reflectiu-se-lhe no olhar limpido.

Mas ao ver isto, os outros julgavam que elle enlouquecera, e que por isso os seus olhos assim rebrihavam. Como lobos se encarniçaram em redor delle, para mais facilmente lhe lançarem as garras e o matarem.

Danko porém, adivinhou-lhes os pensamentos; mais intenso cresceu o lume ao seu coração. E entretanto a floresta inteira cantava o seu hymno de morte, o trovão rugia, e a chuva desabava em torrentes tremendas. Mas Danko gritou com voz que sobrepujou o ribombar da trovoadas:

— "Que me cumpre fazer pelo meu povo?"

Então de subito elle escancarou com as unhas o proprio peito, e arrancou de dentro o coração, erguendo-o muito alto acima da cabeça. E o coração radiou como o sol, e a floresta ficou silenciosa, illuminada pelo facho de illimitado amor. A cerração occultou-se na espessura e cahiu, a tremer, sobre os lodcaes e os pantanos. Os homens que daram-se, porém, como se se houvessem tornado em pedra.

— "Segue-me!" clamou Danko, precipitando-se para a frente, segurando sempre nem alto o coração ardente, e illuminando a vereda com seus raios.

Os outros foram-lhe seguindo no encaicho, cheios de assombro. Então a floresta recomeçou a sussurrar, como apavorada, mas a restolhada dos passos cobriu-lhe a voz. Caminhavam avante, rapidos e resolutos, impellidos pelo esplendor do coração flammejante. Tambem agora muitos delles pareciam, mas esses morriam sem queixumes nem lagrimas. E Danko marchava sem parar á frente delles, e sem cessar o coração resplendia.

De repente, a floresta sumiu-se-lhes de um e de outro lado; tinham-na atraz de si, negra silenciosa. E Danko e todos os mais mergulharam num oceano de luz e de ar, fresco e puro, após a chuva.

Rugia sobre a floresta a tempestade lá para traz delles. Aqui brilhava o sol, aquejava o steppe, como se o impregnasse a vida, scintillava a relva com perolas de orvalho, lampejava um rio como se fóra de ouro.

Era ao cahir da tarde; e, aos raios derraideiros do sol, o rio avermelhou, como a torrente de sangue que jorrava do peito aberto de Danko.

Vaguearam seus olhos mortaes pelo extenso steppe.

Lançou um olhar de orgulho e de alegria sobre a terra de liberdade, em seguida deixou-se cahir e expirou.

Brandamente, como assombradas, as arvores da floresta segredaram após elle, e a relva, carminada por seu sangue, fez-se echo do sussurro.

O povo, porém, feliz, esperançado, nem deu pela sua morte, nem percebeu que ao lado do corpo sem vida de Danko ainda resplendia seu valoroso coração.

Só um homem mais acautelado o viu, e, como se algo receiasse, calçou o coração ao tivo.

Então o coração despedaçou-se em milhares de scentelhas, que se esparziam pelos ares e se extinguiram por fim.



INSTANTANEO



A CAMISARIA PROGRESSO

*Tem sempre grande stock em tecidos finos quer para confecção,
quer em artigos já confeccionados.*

GRANDE VARIEDADE EM CAMISAS E CEROULAS PORTUGUEZAS

*Troca-se ou restitue-se a importância paga por qualquer mer-
cadoria que não corresponda à expectativa do comprador.*

OFFICINAS PROPRIAS

PRAÇA TIRADENTES, 4

Phone C. 1880

A Historia de MANON LESCAUT

Do ABBADÉ PRÉVOST

(Continuação)

Medi com o olhar a altura das janellas. Não vendo possibilidade de me escapar por este meio, dirigi-me com toda a brandura aos meus creados. Comprometti-me com mil juramentos a fazer-lhes um futuro venturoso se me deixassem fugir. Pedi, expliquei, ameacei, mas esta tentativa foi ainda mais inutil. Perdi, então, toda a esperança; resolvi morrer; lancei-me sobre o leito, disposto a só o deixar sem vida. Passei a noite e o dia seguinte n'esta situação. Recusei a alimentação que me trouxeram de manhã. Meu pae veio visitar-me de tarde. Teve a gentileza de tentar attenuar a minha dôr com as mais doces consolações, ordenando-me que comesse alguma cousa, o que eu fiz em méra obediencia ás suas ordens. Alguns dias se passaram durante os quaes eu não tomava alimento senão na sua presença e para lhe obedecer; elle continuava sempre a apresentar razões que me levassem ao bom senso e me inspirassem desprezo pela infiel Manon. Elle estava certo que eu não a estimaria mais; como querer bem ainda á mais voluvel e á mais perfida de todas as creaturas? Mas a sua imagem, a figura encantadora que eu conservava no fundo do meu coração, alli estava continuamente. Sentia-me feliz assim. Posso morrer, dizia para comigo, devo morrer depois de tanta vergonha e dôr; mas eu soffreria mil mortes primeiro que esquecesse a ingrata Manon.

Meu pae estava surpreso por me vêr assim tão profundamente emocionado; conhecia os meus principios de honra; não podia duvidar que semelhante traição não me produzisse desprezo; imaginou que a minha constancia vinha menos d'esta paixão em particular, do que d'uma inclinação geral para as mulheres. Prendeu-se de tal maneira a este pensamento que um dia, obedecendo tão sómente á sua terna afeição veiu expôr-me as suas ideias. "Cavalleiro des Grioux", disse-me elle, eu desejei até agora que usasses a cruz de Malta; mas reconheço hoje que as tuas inclinações são muito outras. Tu gostas de mulheres formosas. Penso conseguir-te uma esposa dentre as mais bellas. Diz-me, com franqueza, o que pensas a este respeito. Respondi-lhe que não distinguia as mulheres, e que depois da infelicidade que acabava de acontecer-me, as detestava a todas por igual. "Hei de arranjar-te uma, replicou meu pae sorrindo, que se parecerá com Manon e que será mais fiel". — Ah? se de alguma bondade quér usar para comigo, respondi, lance Manon nos meus braços. Esteja certo, meu querido pae, que ella não me atraçou, porque não é capaz de praticar tão negra e cruel cobardia. Foi o perfido B... que nos enganou, a si, a ella e a mim. Se o sr. soubesse como ella é carinhosa e sincera; se a conhecesse, ama-la-ia tambem.

— "E's uma creança! replicou meu pae. Como teimar n'essa

cegueira depois do que te contei da sua conducta? Foi ella mesma quem te entregou a teu irmão. Deves esquecer o seu proprio nôme, e aproveitar, se és prudente, o meu perdão." Eu vi-me obrigado a reconhecer que elle tinha razão. Era um movimento involuntario que me levava a defender a minha infiel amante. 'Ah! respondi, depois d'um momento de silencio; é evidentemente claro que eu sou a victima mais infeliz da mais cobarde de todas as perfidias. Sim, continuei eu, chorando por despeito, vejo bem que não passo de uma creança. Não lhe foi difficil conquistar a minha crudeidade. Mas sei muito bem o que tenho a fazer para me vingar". Meu pae quiz saber quaes eram as minhas intenções. "Irei a Paris, disse-lhe, e deitarei fogo á casa de B..., para que elle morra queimado em companhia da perfida Manon." Semelhante arrebatamento fez sorrir meu pae, e serviu apenas para elle reforçar a vigilancia sobre mim.



Era preciso ter a meu lado Manon

Passaram-se seis mezes completos durante o primeiro dos quaes as minhas disposições não se modificaram. Todos os meus sentimentos eram apenas uma alternativa perpetua do odio e do amôr, da esperança e do desespero, conforme o aspecto sob que Manon aparecia ao meu espirito. Ora a considerava a mais amavel de todas as mulheres, morrendo do desejo de a tornar a vêr; ora não via nella senão uma cobarde e perfida amante, fazendo a mim mesmo mil juramentos de só a procurar para a castigar. Deram-me livros, que trouxeram alguma tranquillidade á minha alma. Reli todos os meus auctores favoritos. Adquiri novos conhecimentos. Retomei um gosto extraordinario pelo estudo. Ides vêr quanto isso me foi util depois. Os conhecimentos da vida que o amôr em mim despertára tornaram-me claras certas passagens de Horacio e de Virgilio, que até então me pareciam obscuros. Escrevi um commentario apaixonado sobre o quarto livro da *Eneida*. Hei-de ainda um dia publica-lo e estou certo

que agradará. Ah! dizia eu, enquanto n'elle trabalhava; era de um coração como o meu que a fiel Dido precisava".

Tiberge veiu visitar-me um dia na prisão. Fiquei surprehendido com a alegria que elle manifestou ao abraçar-me. Até então, eu não tivêra provas da sua amisade que me obrigassem a considera-lo mais do que um simples collega amigo, sentimento que, em geral, liga sem grandes raizes, dois rapazes pouco mais ou menos da mesma idade. Recebi-o tão mudado e tão formalizado, depois destes cinco ou seis mezes em que tinhamos deixado de nos vêr, que a sua figura e o tom das suas palavras me inspiraram respeito. Fallou-me mais como nm bom conselheiro do que como um amigo de escoia. Lastimou o erro em que eu tinha caído. Felicitou-mé pela minha cura moral, que elle julgava com-

pleta. Finalmente, exhortou-me a aproveitar este erro da mocidade para me convencer da estulticia dos prazeres mundanos.

Eu olhava-o espantado. Elle comprehendeu. "Meu caro cavalheiro, disse, não vos estou contando nada que não seja firmemente verdadeiro e do que eu não tenha saído convencido depois d'um serio exame. Eu tinha, como tu, uma grande inclinação para o prazer; mas o céo concedeu-me ao mesmo tempo um gosto acentuado da virtude. Servi-me da razão para comparar os fructos de um e de outra, e não me levou muito tempo a descobrir-lhe as differenças. O auxilio do céo veio juntar-se ás minhas reflexões. Concebi pelo mundo um desprezo que não tem no mundo nada igual. Sabes o que me detem, acrescentou, o que me impede correr, pressuroso, á solidão do claustro? É apenas a terna amizade que sinto por ti. Reconheço a excellencia do teu espirito e do teu coração; nada ha no mundo de bom que não sejas capaz de praticar. O veneno do praser desviou-te do bom caminho. Que perda para a virtude! A tua fuga de Amiens fez-me soffrer tanto que desde então eu não senti mais um só momento de satisfação. Julga o quanto soffri pelo meu procedimento". E contou-me, então, que, logo após ter percebido que eu o havia enganado e que tinha partido em companhia da minha amante, montou a cavallo para me seguir; mas como eu levava quatro ou cinco horas de avanço, não lhe fôra possível alcançarme; que chegára a S. Denis meia hora depois da minha partida d'alli; que tendo a certeza de que eu me demoraria em Paris, para alli se dirigia, gastando seis semanas a procurar-me em vão; que andava por todos os logares onde lhe parecia provavel encontrar-me e que, finalmente, um dia reconheceu a minha amante na Comedia. Era tão espaventoso o seu aspecto, e tão luxuoso o seu trage, que desde logo concluiu que tudo aquillo era devido ás liberalidades de algum novo amante. Seguiu-lhe a carruagem até casa e por um creado soube que quem lhe sustentava aquella opulencia era M. de B... Não ficou n'essa simples informação; voltou la no dia seguinte, para ouvir da sua propria bôcca o que te tinha acontecido. Apenas lhe falei de ti, saiu bruscamente da minha presença e elle viu-se obrigado a retirar-se de Paris, sem qualquer outro esclarecimento. Soube aqui da tua aventura e de quanto, com ella, soffreste; mas não quiz procurar-te sem ter a certeza de que te encontraria mais tranquillo.

— Mas então tu viste a minha Manon? perguntei. És mais feliz do que eu que estou condemnado a nunca mais a tornar a vêr".

Censurou-me Tiberge por estas minhas palavras, que lhe davam mostras evidentes da minha fraquesa. Fez-me tão lisongeiros referencias á bondade do meu caracter e ás minhas inclinações, que nasceram em mim, logo n'esta sua primeira visita, fortes desejos de renunciar, como elle, a todos os prazeres da terra para entrar na vida ecclesiastica.

Tanto me agradou esta ideia, que apenas me vi só, em nenhuma outra cousa pensei. Recordavam-me as palavras do sr. bispo de Amiens que me déra os mesmos conselhos e os presagios de felicidade que elle me vaticinára se eu tomasse tal estado. A piedade envolvia-se d'este modo nas minhas considerações. Conduzirei minha vida com calma e espirito christão, dizia eu; não terei outras preoccupações que não sejam o estudo e a religião, que não permitirão que me deixe dominar pelos perigosos prazeres do amor. Despresarei o que o commum dos homens admira. É como eu sinto que o meu coração não quer tario. No meu programma entrava a vida em uma casa afastada, senao o que estima, terei poucas inquietações porque terei poucos desejos. Desde logo formei um systema de vida pacifico e só em um pequenino bosque, e um ribeiro de agua doce ao fundo d'um jardim; uma bibliotheca composta de livros escolhidos; e um pequeno numero de amigos virtuosos e de bom senso; uma mesa limpa, frugal e moderada. Estabeleceria correspondencia com um amigo que vivesse em Paris, e que me informasse das novidades publicas, menos para satifsazer a minha curiosidade, do que para me distrair com as loucas agitações dos homens. "Não serei assim feliz? perguntava eu a mim mesmo; não serão cumpridos todos os meus desejos?" Não havia duvida que semelhante projecto acariariava extraordinariamente

as minhas inclinações. Mas, ao final de tão prudente programma de vida, sentia que o meu coração desejava mais alguma cousa e que, para que nada tivesse a desejar na mais encantadora das solidões, era preciso ter a meu lado Manon.

Entretanto, Tibergio continuou a visitar-me frequentemente, augmentando o desejo que me inspirára, o que me resolveu a pôr meu pae ao corrente das minhas intenções. Respondeu que era ideia sua deixar seus filhos em absoluta liberdade quanto á escolha dos mistéres, e que, fosse qual fosse o destino que eu quizesse dar á minha vida, se limitaria ao direito de me dar os seus conselhos. Principiou desde logo a ministrarmos, e nas suas palavras revelava-se menos o desejo de me fazer desviar dos seus planos do que em m'os esclarecer. O inicio do anno escolar aproximava-se. Combinei com Tibergio irmos os dois para S. Sulpicio: elle para concluir os seus estudos de theologia e eu para iniciar os meus. O seu grande merito, reconhecido pelo bispo da diocese, fez com que elle obtivesse d'este prelado um grande beneficio antes da nossa partida.

Meu pae, que me julgava absolutamente curado da minha paixão, não pôz nenhum obstaculo em me deixar partir. Chegamos a Paris. O trage ecclesiastico substituiu a Cruz de Malta, e o nome de abbede des Grioux o de cavalleiro. Agarrei-me ao estudo com tanta paixão, que fiz progressos extraordinarios em poucos mezes. N'elles empregava uma parte da noite, não perdendo um só instante durante o dia. Subiu tão alto a minha reputação, que todos me felicitavam pelas dignidades que eu não poderia deixar de vir a obter; e sem que eu o solicitasse fui incluido na folha dos beneficiados. Não olvidava, por igual, o uso de todos os exercicios de piedade, que praticava com todo o fervor. Tibergio estava encantado com o que elle considerava a sua obra, e muita vez vi humedecerem-se-lhe os olhos quando conversavamos d'aquillo a que elle chamava a minha conversão. Que os actos humanos são susceptiveis de mudança, é cousa que nunca me causou espanto saber; uma paixão os origina, outra paixão os pôde destruir; mas quando penso na santidade d'aquella que me levou para S. Sulpicio e na alegria interior que o céo despertava em mim, sinto-me horrorisado pela facilidade com que pude romper tão sagrados liames. Se é verdade que os auxilios celestes são, em todos os instantes, d'uma força igual á das paixões, que teria que me explicassem por que funesto accidente somos obrigados, de repente, a deixar de cumprir o nosso dever, sem nos podermos defender co ma minima resistencia e sem sentir-nos o menor remorso. Eu julgava-me completamente liberto das fraquezas do amor. Estava convencido que preferiria a leitura d'uma pagina de Santo Agostinho ou um quarto de hora de meditação christã, a todos os prazeres dos sentidos, sem mesmo exceptuar os que me podessem ser offerecidos por Manon. Comtudo um momento infeliz me fez cair n'um precipicio, e a minha quêda foi tanto mais irreparavel quanto, encontrando-me de repente no mesmo pelago donde sahira, as novas desgraças em que vim a cair me levaram ainda mais para o fundo do abismo.

Passava quasi um anno em Paris sem me preocupar em obter informações de Manon. A principio custou-me immenso o exercer sobre mim semelhante violencia; mas os conselhos persistentes de Tibergio e as minhas proprias reflexões ajudaram-me na conquista d'esta victoria. Os ultimos mezes tinham decorrido tão tranquilllos, que eu julgava que poderia esquecer para sempre tão encantadora e perfida creatura. Chegou o momento em que eu devia sustentar uma discussão publica na escola de theologia; convidei muitas pessoas de representação social a honrarem com a sua presença este acto. O meu nome espalhou-se, por esse motivo, por todos os bairros de Paris, chegando até aos ouvidos da minha infiel amante. Como me nomeassem na sua presença com o titulo de abbede, ella não tinha a certeza que se tratava da minha pessoa. Mas um resto de curiosidade, ou talvez certo arrependimento por me haver traído (nunca me foi possivel assentar em qual dos dois sentimentos) fez com que se interessasse por um nome, que tanto se parecia com o meu. Compareceu, por isso, na Sorbonne, em companhia de outras senhoras. Assistiu á minha prova publica e pouco trabalho teve em me reconhecer.

(Continúa).



Esta palavra tão pequena tem uma grande significação. Quem sabe rir sabe viver. Aquelle que, de vez em quando, abre, na monotonia da vida diaria, um parenthesis que encerre o goso de uma grata companhia, o encanto da muzica, o prazer da dança, as delicias do vinho e do amor, em summa, aquelle que cumpre com prudencia esta ordem: Ri! é quem mais forças accumula para affrontar a luta pela existencia.

O receio de que a um desses momentos de expansão succeda uma dor de cabeça, um pouco de malestar e nervosismo, não mais existe desde que appareceu a CAFIASPIRINA.

Dois comprimidos bastam para aliviar, em poucos minutos, a dor de cabeça e para que todo o organismo experimente uma agradável sensação de calma e bem estar.

Identica efficacia tem a CAFIASPIRINA nas dores de garganta e ouvido, nevralgias, restriamentos, rheumatismo, etc.

CAFIASPIRINA não affecta absolutamente o coração.

Vende-se em tubos de 20 comprimidos e em Enveloppes de uma dose, um e outros identificados pela Cruz Bayer.



[Handwritten signature]



Gabinête Feminino

para

As nossas gentis leitoras

Md. Dorat — Saudações. Queria dever-lhe a fineza de me dizer se, porventura, não acha que nós as mulheres da America não teremos o direito de nos furtarmos ao dominio da moda parisiense, que decreta, para nós outras, cousas verdadeiramente... exdruxulas, incompativeis com o nosso clima e até mesmo com os nossos costumes. Não acha que é tempo de acabar com esta tirannia? A America não pôde mais receber lições da Europa. — **D. C.**

R. — Acho que a nossa consulente, que deve ter um geniossinho muito bravo, a calcular pela irritabilidade da sua carta, não deixa de ter alguma razão, embora eu não possa afirmar que os tenha toda. A pseudonimo dos costureiros de Paris sobre o mundo inteiro, e não só sobre as mulheres americanas, é uma questão de refinamento de gosto e um pouco de tradição. Vamos e venhamos, elles, afinal, são quem tem o melhor gosto artistico para nos vestir, a nós, mulheres. A America limitar-se-hia a crear alguma coisa exotica, cujo bom gosto seria muito problematico. Antes o espirito que fez o Louvre do que o que engendrou os arranha-céus.

MADAME — Perdoe. Eu estou hesitante entre um louro e um moreno, e ha quinze dias que penso e sonho, sem poder tomar uma resolução. Quer dar-me um conselinhosinho da sua longa pratica. — **Lidia**

R. — Longa pratica, tenha paciencia, não Sr. Temos a que vulgarmente tem toda a mulher... com os annos que possuímos. E já não somos creança. Quanto ao seu louro ou ao seu moreno, isso não tem importancia. A encadernação é o menos. O que está lá dentro do livro é que é preciso averiguar. Eu sei que, segundo os mestres, a psico-physiologia (não tenha medo do palavão) nos

sabe dizer antecipadamente as qualidades moraes e phisicas dos tipos louro e moreno. Mas estes homens de sciencia enganam-se muito em cousa de amor. Falta-lhes a pratica. O melhor que a Sra. tem a fazer é tirar... á sorte.

M. Dorat — Receba as minhas melhores saudações e perdoe-me o bater-lhe a porta. Eu sou muito infeliz. Obrigada a um casamento desigual em idade pela teimosia de meus paes que me educaram sob o dominio duma obediencia absoluta, encontrei o homem por que o meu coração ansiava. E' a mais triste das condições. Que devo fazer? Ceder? — **A.**

R. — Minha senhora. V. Ex. enganou-se no numero da porta. Aqui não ha resposta para semelhante consulta. Isso deve ser no numero adiante. Ora que tal está!

MAD. — Eu tenho o meu pequerrucho mais velho com coqueluche ha já tres mezes. Tenho corrido medicos e medicos. Não ha maneira de ceder. Quem sabe se a senhora não me poderá dar um conselho. — **B. C.**

R. — Palavra que nos almeja o seu pedido. Percorrer medicos e medicos sem encontrar um remedio efficaz... E' impossivel que ao menos um delles lhe não indicasse o vulgarissimo remedio que hoje todos elles applicam: as injeções de vaccina de coqueluche. Qualquer pharmacia lh'a indica. Mais não lhe podemos dizer, porque nós não exercemos aqui a clinica medica. E' prohibido. E estimo que esse pedaço do seu coração melhore.

MADAME DORAT

PÓ DE ARROZ

LADY

É o melhor e não é o mais caro.

PREÇOS:

Caixa grande	2\$500
Pelo correio.	3\$200
Caixa pequena	\$500

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38
e Rua Urugayana N. 44

RIO

J. Lopes & C.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras.



Para dar brilho e rosar as unhas
só o "ESMALTE ORIENTAL"